



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2023/24**
3º LEVANTAMENTO

DEZEMBRO 2023

VOLUME 11
NÚMERO

3

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Thiago José dos Santos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Candice Mello Romero Santos
Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Séfora Silvério (Suinf), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz), Rafael Rodrigues Fogaça (Geinf).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.

Colaboradores das superintendências

André Araújo (AC); Antônio de Araújo Lima Filho, Lourival Barbosa de Magalhães, Adriano Jorge Nunes dos Santos e Ilo Aranha Fonseca (AI); Érica Alfaia Marialva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz (AM); Ednabel Caracas Lima, Francisco dos Reis Lopes Neto, Joctã Lima do Couto e Marcelo Ribeiro e Orfrezino Pereira Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, José Iranildo da Silva Araújo, Lindeberg da Silva Magalhães e Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Sírio José da Silva Júnior e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Airton Santos de Azevedo, Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento Humberto Menezes Souza Filho, Margareth de Cássia Oliveira Aquino e Rogério Prazeres (MA); Benancil Martins Filho, Gabriel Pedrozo Heise, Ismael Cavalcante Maciel Junior, Jorge Luis Cunha, Rodrigo Martinelli Slomoszynski, Raul Pio de Azevedo e Rogério de Souza Silva (MT); Getúlio Moreno, Mário Adriano Silva Moreira, Marcelo de Oliveira Calisto e Edson Yui (MS); Alessandro Lúcio Marques, Benedito Castro de Sousa, Flávio José Goulart, Gabriel Moraes Costa, Hélio Maurício Rezende, Márcio Carlos Magno, Matheus Carneiro de Souza, Pedro Pinheiro Soares, Samuel Valente Ferreira e Warlen Maldonado (MG); Alexandre Augusto Pantoja Cidon, Renato Martins da Silva e Sérgio Alberto Queiroz Costa (PA); Ana Paula Alves Cordeiro, Arthur Ramon de Andrade Rodrigues, Bruno Eduardo Dias Oliveira e Matheus Rodrigues de Sousa (PB); Adilson Valnier, Allan Vinícius Pinheiro Salgado, Charles Erig Daniela Furtado de Freitas, Itamar Pires de Lima Júnior e Jefferson Raspante (PR); Clarissa de Albuquerque Gomes, Herivelton Marculino da Silva, Rafael Silva de Lima, Rinaldo de Souza e Thiago Nery da Cunha (PE); Antônio Cleiton da Silva, Bábiton Leone de Oliveira Herculano, Simone do Nascimento Luz, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Fernando Henrique Vidal Lage, Lireda Bezerra e Rafael Vagner Machado (RN); Alexandre Rocha Pinto, Carlos Roberto Bestetti, Iure Rabassa Martins, Luciana Dall’Agnese, Márcio Renan Weber Schorr, Matias José Führ (RS); João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro e Raimundo Junil Marques Ribeiro (RO); César Augusto Rubin, Júlio César de Oliveira, Ricardo Agostini Paschoal, Vilmar Barboza Dutra e Wagner Fernandes de Aquino (SC); Cláudio Lobo, Elias Tadeu, Marisete Belloli e Rubens Praude (SP); Flaviano Gomes dos Santos, José Bomfim Oliveira Santos Júnior e José de Almeida Lima Neto (SE); Felipe Thomaz de Souza Carvalho, Bruno Milhomem e Jorge Antônio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-CE); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Instituto de Economia Agrícola (IEA-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PRO); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
3º LEVANTAMENTO

Copyright © 2023– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 11, safra 2023/24, n. 3 terceiro levantamento, dezembro 2023.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
14	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
25	ANÁLISE DAS CULTURAS
25	ALGODÃO
34	ARROZ
47	FEIJÃO
63	MILHO
76	SOJA
92	TRIGO
98	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
103	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO
113	APÊNDICE



RESUMO EXECUTIVO

A terceira estimativa, para a safra 2023/24, indica um volume de produção de 312,3 milhões de toneladas, 2,4% ou 7,7 milhões de toneladas abaixo do obtido em 2022/23.

Comparativamente à segunda previsão, divulgada no início de novembro último, observa-se uma redução de 1,4%, correspondendo a 4,4 milhões de toneladas, decorrente do comportamento climático adverso.

Com a aproximação da conclusão da semeadura das culturas de primeira safra, neste terceiro trabalho de campo realizado no período de 19 a 25 de novembro, confirma-se crescimento na área para a safra 2023/24, estimada em 78,9 milhões de hectares, 0,4% acima da área cultivada na safra 2022/23. Observa-se que as culturas de segunda e terceira safras e as de inverno, o plantio tem início a partir de janeiro até junho de 2024, portanto a área atualmente estimada pode sofrer alterações, pois vai depender de variáveis, como: comportamento do mercado e das condições climáticas, dentre outras.

Para os cálculos da área e da produtividade, considerando que as culturas de primeira safra ainda estão em fase de plantio e, as demais (culturas de

segunda e terceira safras e as de inverno), com o início da semeadura a partir de janeiro, utilizamos modelos estatísticos e informações provenientes dos levantamentos realizados em campo.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO - SAFRAS 2022/23 E 2023/24

Brasil	Estimativa da safra de grãos			Safras 2022/23 e 2023/24					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.663,7	1.745,0	4,9	2.721	2.503	(8,0)	4.526,7	4.367,8	(3,5)
ALGODÃO - PLUMA	1.663,7	1.745,0	4,9	1.907	1.754	(8,0)	3.173,3	3.061,2	(3,5)
AMENDOIM TOTAL	220,9	253,6	14,8	4.041	3.581	(11,4)	892,8	908,3	1,7
Amendoim 1ª Safra	213,8	246,5	15,3	4.120	3.637	(11,7)	880,9	896,6	1,8
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,1	-	1.669	1.640	(1,7)	11,9	11,7	(1,7)
ARROZ	1.479,5	1.557,2	5,3	6.779	6.926	2,2	10.030,4	10.785,9	7,5
Arroz sequeiro	303,5	313,9	3,4	2.557	2.444	(4,4)	775,9	767,4	(1,1)
Arroz irrigado	1.176,0	1.243,3	5,7	7.869	8.058	2,4	9.254,5	10.018,5	8,3
FEIJÃO TOTAL	2.699,5	2.790,4	3,4	1.125	1.097	(2,5)	3.036,6	3.060,5	0,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	857,3	857,9	0,1	1.116	1.104	(1,0)	956,6	947,1	(1,0)
Cores	344,6	348,5	1,1	1.699	1.697	(0,1)	585,4	591,5	1,0
Preto	133,4	125,1	(6,2)	1.646	1.662	1,0	219,6	208,0	(5,3)
Caupi	379,3	384,3	1,3	400	384	(3,8)	151,7	147,7	(2,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.326,2	1.382,3	4,2	962	949	(1,3)	1.275,8	1.312,6	2,9
Cores	351,2	369,9	5,3	1.644	1.511	(8,1)	577,5	559,2	(3,2)
Preto	202,4	218,7	8,1	1.642	1.603	(2,3)	332,3	350,6	5,5
Caupi	772,6	793,7	2,7	474	507	7,1	365,9	402,7	10,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	516,0	550,2	6,6	1.559	1.456	(6,6)	804,4	801,1	(0,4)
Cores	443,6	463,8	4,6	1.697	1.614	(4,9)	752,7	748,3	(0,6)
Preto	14,4	19,4	34,7	1.015	745	(26,6)	14,6	14,5	(0,7)
Caupi	58,0	67,0	15,5	638	571	(10,6)	37,0	38,2	3,2
GERGELIM	361,2	361,2	-	482	482	-	174,2	174,2	-
GIRASSOL	56,1	55,4	(1,2)	1.520	1.487	(2,2)	85,2	82,3	(3,4)
MAMONA	51,2	52,7	2,9	1.787	1.414	(20,9)	91,5	74,5	(18,6)
MILHO TOTAL	22.267,8	21.081,4	(5,3)	5.925	5.622	(5,1)	131.945,9	118.528,1	(10,2)
Milho 1ª Safra	4.444,0	4.033,2	(9,2)	6.160	6.275	1,9	27.373,2	25.309,3	(7,5)
Milho 2ª Safra	17.192,7	16.417,1	(4,5)	5.954	5.557	(6,7)	102.365,1	91.235,1	(10,9)
Milho 3ª Safra	631,1	631,1	-	3.498	3.143	(10,1)	2.207,7	1.983,8	(10,1)
SOJA	44.080,1	45.309,0	2,8	3.507	3.535	0,8	154.609,5	160.177,2	3,6
SORGO	1.417,6	1.417,6	-	3.378	3.074	(9,0)	4.788,7	4.357,2	(9,0)
SUBTOTAL	74.297,6	74.623,5	0,4	4.175	4.054	(2,9)	310.181,5	302.516,0	(2,5)
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	530,6	530,6	-	1.882	1.882	-	998,8	998,8	-
CANOLA	92,1	92,1	-	1.591	1.591	-	146,5	146,5	-
CENTEIO	4,5	4,5	-	1.844	1.844	-	8,3	8,3	-
CEVADA	134,4	134,4	-	3.209	3.209	-	431,3	431,3	-
TRIGO	3.466,2	3.466,2	-	2.349	2.349	-	8.143,0	8.143,0	-
TRITICALE	23,1	23,1	-	2.468	2.468	-	57,0	57,0	-
SUBTOTAL	4.250,9	4.250,9	-	2.302	2.302	-	9.784,9	9.784,9	-
BRASIL (2)	78.548,5	78.874,4	0,4	4.073	3.959	(2,8)	319.966,4	312.300,9	(2,4)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2023.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF-SAFRAS 2022/23 E 2023/24

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2022/23 e 2023/24		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4.791,3	4.984,7	4,0	3.500	3.378	(3,5)	16.767,9	16.840,8	0,4
RR	146,7	165,9	13,1	3.389	3.465	2,2	497,1	574,8	15,6
RO	947,8	957,0	1,0	3.965	3.914	(1,3)	3.757,6	3.746,0	(0,3)
AC	63,9	64,0	0,2	3.003	2.892	(3,7)	191,9	185,1	(3,5)
AM	19,8	22,5	13,6	2.783	2.756	(1,0)	55,1	62,0	12,5
AP	12,4	12,6	1,6	1.968	1.913	(2,8)	24,4	24,1	(1,2)
PA	1.587,4	1.650,7	4,0	2.916	2.906	(0,4)	4.628,9	4.796,5	3,6
TO	2.013,3	2.112,0	4,9	3.781	3.529	(6,7)	7.612,9	7.452,3	(2,1)
NORDESTE	9.527,0	9.698,6	1,8	3.120	2.929	(6,1)	29.724,9	28.407,3	(4,4)
MA	1.900,0	1.928,3	1,5	3.875	3.653	(5,7)	7.361,8	7.044,8	(4,3)
PI	1.925,6	1.937,3	0,6	3.531	3.349	(5,2)	6.799,7	6.488,4	(4,6)
CE	954,4	976,6	2,3	488	726	48,9	465,4	709,0	52,3
RN	99,0	96,9	(2,1)	566	541	(4,4)	56,0	52,4	(6,4)
PB	219,3	226,5	3,3	696	551	(20,8)	152,6	124,8	(18,2)
PE	387,0	426,2	10,1	773	556	(28,0)	299,2	237,1	(20,8)
AL	96,7	99,6	3,0	2.041	1.461	(28,4)	197,4	145,5	(26,3)
SE	187,7	189,8	1,1	5.279	5.132	(2,8)	990,9	974,1	(1,7)
BA	3.757,3	3.817,4	1,6	3.567	3.309	(7,2)	13.401,9	12.631,2	(5,8)
CENTRO-OESTE	34.812,1	34.810,8	-	4.667	4.293	(8,0)	162.468,4	149.433,8	(8,0)
MT	21.210,6	21.109,4	(0,5)	4.761	4.396	(7,7)	100.980,2	92.788,5	(8,1)
MS	6.320,4	6.466,8	2,3	4.438	4.023	(9,3)	28.050,4	26.019,0	(7,2)
GO	7.102,6	7.053,3	(0,7)	4.593	4.227	(8,0)	32.619,1	29.811,7	(8,6)
DF	178,5	181,3	1,6	4.587	4.493	(2,0)	818,7	814,6	(0,5)
SUDESTE	6.987,2	6.945,5	(0,6)	4.328	4.101	(5,2)	30.238,4	28.483,7	(5,8)
MG	4.342,9	4.309,3	(0,8)	4.306	4.134	(4,0)	18.702,4	17.816,4	(4,7)
ES	24,3	23,2	(4,5)	2.477	2.207	(10,9)	60,2	51,2	(15,0)
RJ	3,2	3,2	-	3.313	3.344	0,9	10,6	10,7	0,9
SP	2.616,8	2.609,8	(0,3)	4.381	4.064	(7,3)	11.465,2	10.605,4	(7,5)
SUL	22.430,9	22.434,8	-	3.601	3.973	10,3	80.766,8	89.135,3	10,4
PR	10.748,2	10.573,9	(1,6)	4.289	4.103	(4,3)	46.103,0	43.387,3	(5,9)
SC	1.384,0	1.383,6	-	5.111	4.936	(3,4)	7.073,0	6.829,2	(3,4)
RS	10.298,7	10.477,3	1,7	2.679	3.715	38,7	27.590,8	38.918,8	41,1
NORTE/NORDESTE	14.318,3	14.683,3	2,5	3.247	3.082	(5,1)	46.492,8	45.248,1	(2,7)
CENTRO-SUL	64.230,2	64.191,1	(0,1)	4.258	4.160	(2,3)	273.473,6	267.052,8	(2,3)
BRASIL	78.548,5	78.874,4	0,4	4.073	3.959	(2,8)	319.966,4	312.300,9	(2,4)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2023.



INTRODUÇÃO

Apresentamos o terceiro boletim de acompanhamento da safra brasileira de grãos 2023/24, com a atualização dos dados das lavouras implementadas nessa temporada e, também, das culturas de terceira safra e inverno, da temporada 2022/23, que se aproximam da finalização da colheita.

A estimativa da produção reflete a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas acontecidas e esperadas até o final do cultivo. Assim, há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por estado, foram estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, considerando os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Para as culturas que já possuem informações mais sólidas de campo, os dados foram ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos,

como início de semeadura, conclusão de colheitas, eventos climáticos severos ou inserção de novas culturas, no estado.

Implementado neste volume, o apêndice deste boletim, elaborado pela Gerência de Informações Agropecuárias da Conab, verifica o comportamento dos preços de arroz, feijão e farinha de mandioca, três produtos considerados importantes na alimentação da população brasileira, no período pandêmico e pós-pandêmico, dentro de estados da mesma região, bem como a evolução dos preços recebidos pelos produtores e aqueles pagos pelos consumidores no mercado varejista. Mais detalhes sobre a pesquisa de preços realizada pela Conab estão disponíveis em <https://www.conab.gov.br/info-agro/custos-de-producao> e no Portal de Informações da Conab <https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/custos-de-producao.html>.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>.

Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em [https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos / monitoramento-agricola](https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/monitoramento-agricola) e do Progreso de Safra, disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE NOVEMBRO

Em novembro de 2023, os maiores acumulados de chuva se concentraram sobre a Região Centro-Sul, além de áreas do oeste da Região Norte, com volumes que ultrapassaram 150 mm, contribuindo para a manutenção da umidade do solo nessas áreas. Já em grande parte da Região Nordeste houve predomínio de tempo seco, reduzindo ainda mais o armazenamento de água no solo.

Na Região Norte, os maiores volumes de chuva se concentraram no centro-oeste do Amazonas, Acre, norte de Roraima, sudeste do Pará e oeste de Tocantins, com valores superiores a 120 mm, recuperando mantendo a umidade do solo elevada. Nas demais áreas, os baixos volumes de chuva não foram suficientes para elevar o armazenamento de água no solo em relação ao mês anterior.

Já na Região Nordeste, houve predomínio de tempo quente e seco, exceto em áreas do sul do Maranhão e do Piauí, bem como no noroeste da Bahia, onde os volumes de chuva foram inferiores a 120 mm, possibilitando o avanço

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

da semeadura dos cultivos de primeira safra nas áreas com maior umidade disponível no solo.

Na maior parte da Região Centro-Oeste, o retorno das chuvas durante a segunda quinzena do mês contribuiu para a elevação dos níveis de umidade no solo em áreas do centro e nordeste do Mato Grosso, sul de Goiás e leste do Mato Grosso do Sul. Em algumas localidades, os volumes superaram 150 mm, favorecendo a retomada do plantio e desenvolvimento dos cultivos de primeira safra. Já em áreas do sul do Mato Grosso e noroeste do Mato Grosso do Sul, as chuvas ainda não foram suficientes para elevar os níveis de umidade no solo.

Em grande parte da Região Sudeste foram observados acumulados de chuva acima de 120 mm, o que manteve a umidade no solo elevada. No geral, as condições foram favoráveis para a semeadura e o desenvolvimento dos cultivos de primeira safra. Em contrapartida, no norte de Minas Gerais e Espírito Santo, os volumes de chuva foram inferiores a 70 mm, o que manteve os níveis de água no solo mais baixos.

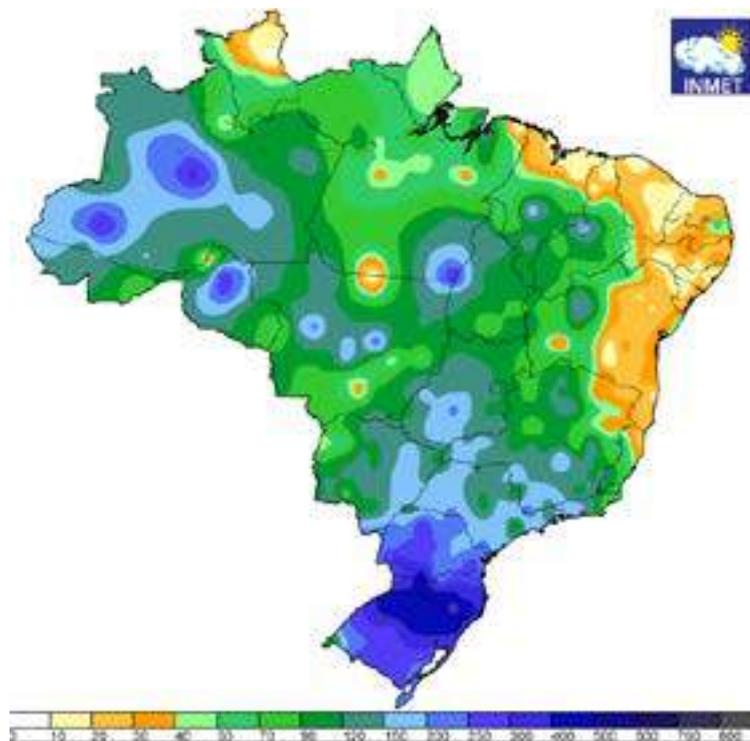
Na Região Sul ocorreram volumes de chuva expressivos, com valores que ultrapassaram 400 mm na fronteira entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com exceção do oeste do Rio Grande do Sul e norte do Paraná, onde os volumes ficaram abaixo de 200 mm. Em geral, os níveis de água no solo permaneceram elevados em boa parte da região, resultando em encharcamento do solo e prejudicando a colheita das culturas de inverno, bem como semeadura e desenvolvimento das culturas de primeira safra.

Em novembro, as temperaturas em grande parte do país ficaram acima da média, exceto em áreas da Região Sul, onde os dias consecutivos com chuva amenizaram as temperaturas. Em geral, as temperaturas médias variaram

entre 20 °C e 25 °C em grande parte da Região Sul, leste de São Paulo e sul de Minas Gerais.

Já em áreas da Região Centro e Norte do país, os valores foram superiores a 28 °C. Além disso, durante o segundo decêndio do mês ocorreu um episódio intenso de onda de calor que atingiu praticamente todo Brasil Central. Neste contexto, as temperaturas máximas ultrapassaram 40 °C, especialmente em áreas de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, o que aumentou a evapotranspiração e contribuiu para a manutenção de baixos níveis de umidade no solo.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM NOVEMBRO DE 2023

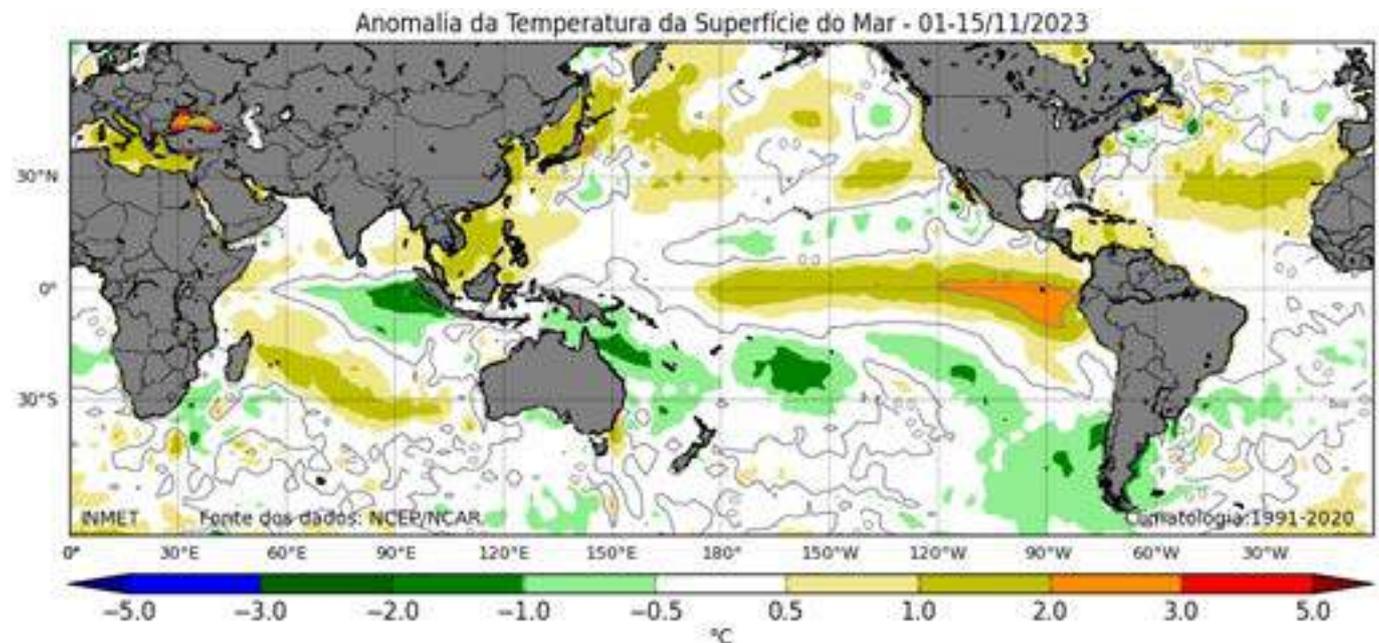


Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

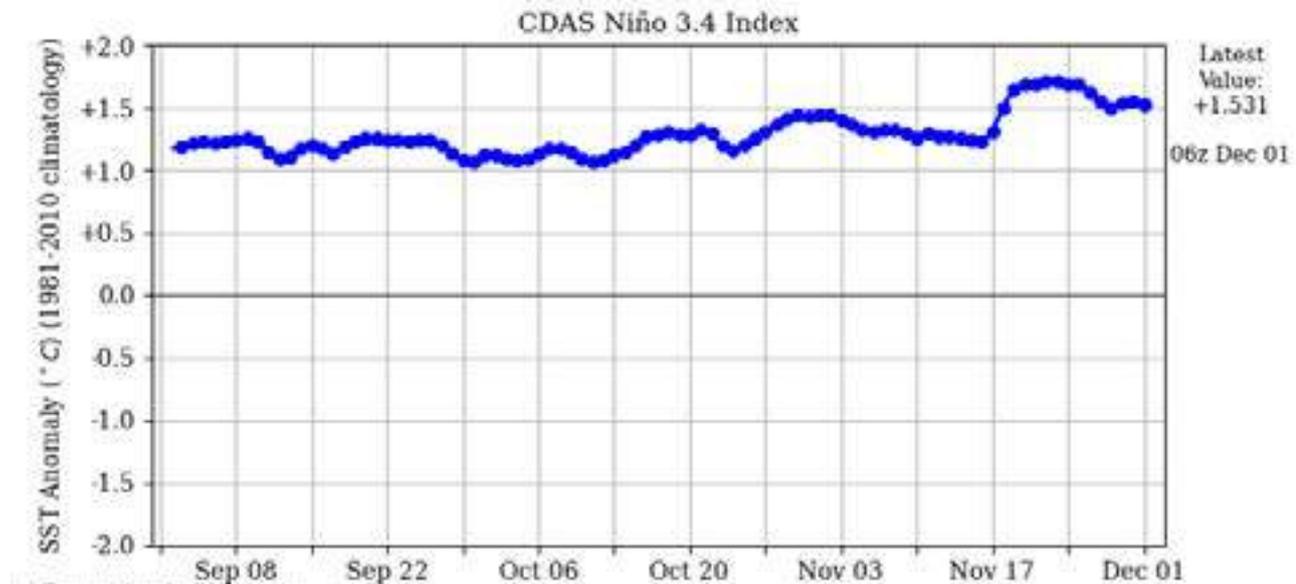
Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 1º e 15 de novembro de 2023. Na parte Central do Pacífico Equatorial houve predomínio de anomalias entre +1 °C e +2 °C, com valores excedendo a +2,5 °C na costa oeste da América do Sul, indicando a persistência de aquecimento das águas na região. Considerando a região do Niño 3.4 (área entre 170 °W e 120 °W), a tendência de aumento de anomalias média positivas de TSM tem persistido, principalmente a partir da segunda quinzena de novembro, com valores acima de +1,5 °C, chegando a valores próximos de +1,7 °C em alguns dias deste mês, indicando a continuidade do fenômeno El Niño.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 1º A 15 DE NOVEMBRO DE 2023



Fonte: NOAA/PSL.

GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4

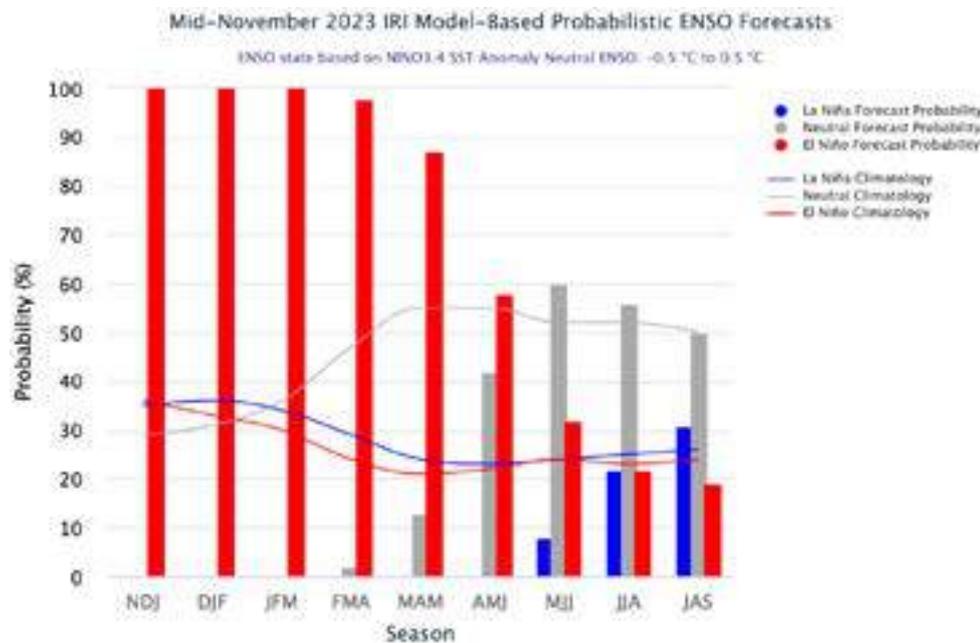


Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do El Niño - Oscilação Sul (ENOS), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta, com probabilidade de 100%, que as condições de El Niño (fase quente) se manterão no final da primavera deste ano e durante o verão de 2023/2024.

Quanto à intensidade do fenômeno, a maioria dos modelos climáticos projeta que em dezembro o fenômeno pode atingir uma intensidade forte, caracterizada pela persistência de anomalias de TSM superiores a 1,5 °C nos últimos meses. No entanto, é importante ressaltar que existem divergências entre os modelos climáticos em relação à classificação na intensidade do fenômeno. Desta forma, é de fundamental importância o monitoramento contínuo do oceano para compreender os possíveis impactos que o fenômeno pode causar em diversas regiões do Brasil.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO DEZEMBRO DE 2023, JANEIRO E FEVEREIRO DE 2024

As previsões climáticas para os próximos três meses, segundo o modelo do Inmet, são mostradas na figura abaixo. O modelo continua indicando um padrão clássico de condições de El Niño, com chuvas abaixo da média no Norte do país, enquanto no Centro-Sul há previsão de chuvas acima da média. Em geral, essa condição favorecerá uma maior disponibilidade hídrica nas regiões Sul e Sudeste, enquanto há um aumento das condições de deficit hídrico em áreas das Regiões Norte e Nordeste, como é o caso do Matopiba. Já em áreas do Brasil Central, o retorno das chuvas no final deste mês irá contribuir para a recuperação dos níveis de água no solo nos próximos meses.

Analisando separadamente cada região do país, tem-se que, para a Região Norte, a previsão é de chuvas predominantemente abaixo da climatologia do trimestre. Em áreas do Acre, sudeste do Pará, sul do Amazonas e Tocantins,

os volumes de chuva podem ser próximos ou acima da média histórica, o que contribuirá para a elevação do armazenamento de água no solo.

Na Região Nordeste, que inclui áreas do Matopiba, há previsão ainda de chuvas abaixo da média, principalmente no Maranhão e Piauí.

Tal cenário é reflexo da atuação do fenômeno El Niño e das águas mais quentes no Oceano Atlântico Tropical Norte nos últimos meses, que vem impactando negativamente a umidade do solo, podendo agravar o déficit hídrico até dezembro. Na parte Central e Leste, são previstas chuvas próximas ou acima da média, entretanto, os níveis de água no solo continuarão baixos em praticamente todo o trimestre devido à falta de chuvas nos últimos meses.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas dentro ou acima da média devido à formação do canal de umidade advindo da região Amazônica, que irá favorecer a regularidade das chuvas, e, conseqüentemente, a recuperação dos níveis de água no solo nos próximos meses. No noroeste de Mato Grosso, norte de Minas Gerais, e áreas pontuais do Espírito Santo e Rio de Janeiro, as chuvas podem ficar abaixo da média, mantendo os níveis de água no solo mais baixos.

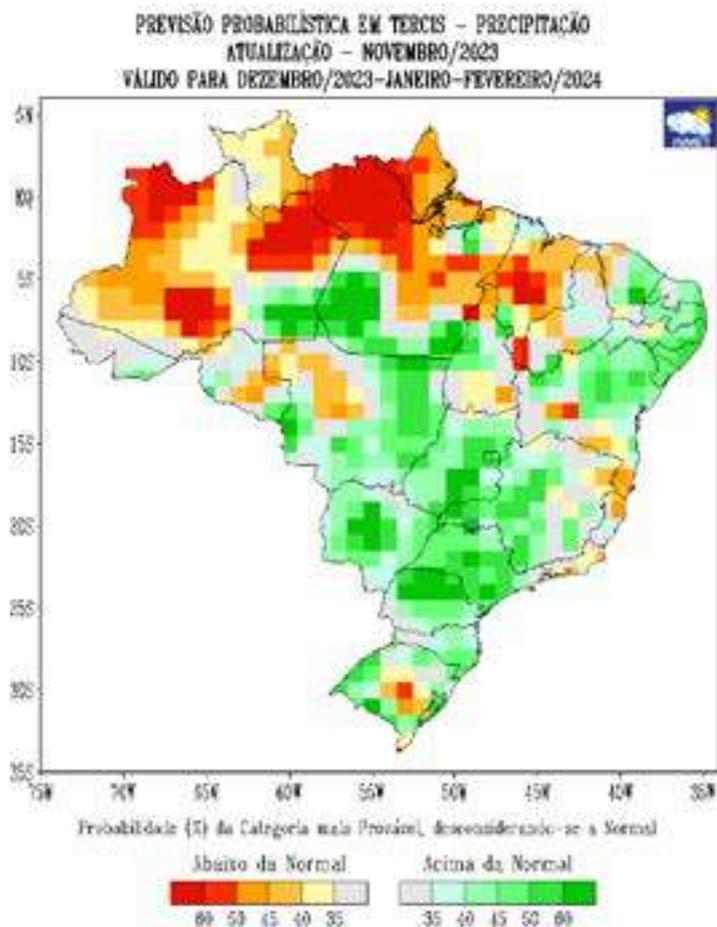
Na Região Sul, a atuação do fenômeno El Niño continuará favorecendo a previsão de chuvas acima da média em grande parte da região, mantendo os níveis de água no solo elevados, gerando, até mesmo, excedente hídrico. No centro e sul do Rio Grande do Sul, há previsão de chuvas próximas ou abaixo da média.

Em relação à temperatura média do ar, o modelo continua indicando que, durante todo o trimestre, as temperaturas permanecerão acima

da média climatológica em praticamente todo o país, especialmente em áreas do Centro e Norte do Brasil, com valores médios ultrapassando 25 °C. Destaque para o leste da Região Norte e interior da Região Nordeste, onde as temperaturas poderão ultrapassar 28 °C.

Já em áreas da Região Sule áreas serranas da Região Sudeste, as temperaturas podem ser mais amenas, com valores menores que 23 °C, devido ao aumento da nebulosidade e dias chuvosos.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE DEZEMBRO DE 2023, JANEIRO E FEVEREIRO DE 2024



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet: <https://portal.inmet.gov.br>.

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.745,0 mil ha

+4,9%

PRODUTIVIDADE

1.754,0 kg/ha

-8,0%

PRODUÇÃO

3.061,2 mil t

-3,5%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.174,7	1.708	2.005,8
2018/19	1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.905	3.169,9
2023/24	nov/23	1.733,1	3.039,9
	dez/23	1.745,0	3.061,2

Fonte: Conab.

A semeadura da safra 2024 já foi iniciada em alguns estados, e tem previsão de aumento de área a ser cultivada tanto em relação à safra passada quanto ao levantamento anterior. Entretanto, não houve variação na produtividade, que ainda é baseada por modelos estatísticos. Mesmo assim há elevação da previsão da produção que está estimada em 3.061,2 mil toneladas de pluma.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as perspectivas são bastante otimistas para o algodão em 2023/24, e a tendência é de incorporação de maiores áreas ao processo produtivo dessa commodity, quando se compara à safra passada. Fatores de ordem climática e mercadológica devem concorrer para um aumento de área plantada também.

Cientes disso, os produtores já se organizam para realizar as devidas adequações em suas escolhas de plantio e, nesse contexto, o milho deve perder espaço para culturas concorrentes na segunda safra, a exemplo do gergelim, feijão-caupi, algodão e até mesmo sorgo, crotalária e milheto para cobertura. Outro fato que contribui para aumentar a perspectiva do cultivo do algodão é a semeadura de soja, que está sendo frustrada devido às condições climáticas, preferindo o futuro cultivo da fibra em vez do replantio da leguminosa.

Do ponto de vista mercadológico, os retornos e a lucratividade do algodão seguem atrativos ao produtor, comparativamente ao milho, reforçando a ideia que o investimento em algodão é mais seguro em relação à opção pelo cereal.

Bahia: prevê-se um aumento na extensão cultivada devido aos excelentes

resultados alcançados na última colheita, ocupando terras anteriormente destinadas ao cultivo de milho.

Durante novembro, houve registros de chuvas significativas, entretanto foram esparsas e intermitentes, não ocorrendo de forma contínua em todas as localidades da região produtora.

Os plantios de sequeiro foram iniciados, mas seguem em quadro de baixa restrição hídrica. A semeadura foi iniciada apenas na região centro-sul, pelos pequenos agricultores. No extremo-oeste, ainda não foi iniciada, mas deverá ganhar ritmo com o estabelecimento da estação chuvosa e o avançar do plantio da soja e milho.

Maranhão: o cultivo de algodão ocorre nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso, nos Gerais de Balsas, no sul do estado. Até 30 de novembro de 2023, encontra-se em vigência o período de vazio sanitário vegetal para a cultura, para controle fitossanitário do bicudo-do-algodoeiro. Portanto, o plantio da primeira safra de algodão está previsto para ocorrer em dezembro de 2023 e janeiro de 2024. Na presente safra, estima-se aumento na área de plantio da primeira safra.

Em Balsas, no sul do estado, a semeadura da segunda safra de algodão está prevista para ocorrer no final de janeiro de 2024, após a colheita da soja. Não há previsão de alteração de área e produtividade para esta safra em razão da implantação dessa cultura depender da colheita da soja e da janela ideal para o plantio.

Goiás: em novembro, apenas a porção leste do estado iniciou a semeadura da safra 2023/24 em regime de safra verão. Na região sul o plantio é concentrado em dezembro.

A área a ser cultivada aponta para um aumento em relação à safra passada. Devido às janelas comprometidas para plantio da soja e milho, e pela cultura do algodão ser de maior ciclo e de mercado mais estável, os produtores optam pelo aumento do cultivo da fibra.

No extremo-sul do estado, muitas áreas que receberão o cultivo encontram-se em pousio, com plantas de cobertura de solo, ou ainda, com o cultivo do feijão. As chuvas escassas durante novembro adiaram o plantio em diversos municípios. Uma maior estabilização das precipitações ocorre principalmente nas duas últimas semanas do mês. A baixa umidade do solo e chuvas irregulares foram fatores que contribuíram para este adiamento por parte dos produtores.

Minas Gerais: após o término do vazio sanitário, ocorrido em 20 de novembro, os produtores iniciaram a semeadura da cultura. Porém, como houve atraso no plantio da soja, estes também atrasará o plantio do algodão, uma vez que os produtores têm prioridade em concluir o plantio da soja.

Nesta safra, observa-se um aumento da área cultivada em relação à safra passada. O principal fator para este aumento é a atratividade econômica da cultura em relação, principalmente, às culturas do milho e da soja.

Mato Grosso do Sul: as condições climáticas não interferiram diretamente sobre as plantas de algodão, visto que a primeira lavoura que representa 0,4% da área estadual foi semeada recentemente. A problemática gerada na soja causou desistência de alguns produtores em ressemeiar talhões com baixo estande da oleaginosa, migrando para o cultivo da fibra, que apresenta o zoneamento para semeadura em dezembro, aumentando a estimativa de área na safra 2023/24 em relação à safra passada.

As lavouras implantadas na região sul estadual estão em emergência, com umidade no solo e sem intercorrências. As demais áreas estão em dessecação e começarão a receber a semente no início de dezembro.

Tocantins: com a maior regularidade do período chuvoso, os produtores planejam concluir o plantio do algodão durante dezembro. Na região de Campos Lindos, é previsto o aumento da área cultivada devido à substituição de áreas destinadas ao milho pelo algodão.

Nas regiões nordeste, central e leste do estado, as chuvas ainda estão irregulares, e a previsão de início do plantio do algodão será a partir de dezembro. A semeadura do algodão primeira safra está autorizada a partir de 21 de novembro de 2023, com o término do vazio sanitário, e encerrando em 15 de janeiro de 2024. Já para o algodão safrinha, inicia em 16 de janeiro e encerra em 15 de março de 2024.

Na região de Dianópolis, aguarda-se a finalização do plantio da soja em sequeiro para iniciar a semeadura do algodão, onde são utilizadas as mesmas plantadeiras. Na região de Tocantínia, o plantio está previsto para o final de janeiro. Nessa região, o algodão é conhecido como safrinha, onde o plantio é feito após a colheita da soja. Na região de Campos Lindos, o início da semeadura está previsto para o próximo mês.

São Paulo: o algodão se encontra concentrado em dois polos, primeiramente na região de Avaré (Holambra / Paranapanema), e mais recentemente tem-se o plantio na região de Riolândia e Martinópolis, onde, nesses municípios, o cultivo ocorre mais tardiamente.

Paraná: a semeadura foi totalmente realizada. Para esta safra, existe a previsão que ocorra um aumento de área em relação à safra passada. Até o momento, as lavouras são consideradas boas.

Piauí: para a safra 2023/24, a perspectiva é que a área cultivada seja maior que a área da safra anterior, tanto com ampliação de áreas que já cultivam a cultura como incorporação de novas áreas. Há uma estimativa de redução de produtividade, tendo em vista os impactos previstos com o fenômeno El Niño, que tem como consequência principal a redução significativa do volume de chuvas nas Regiões Norte e Nordeste do país. Cultura ainda não implantada, pois a semeadura, historicamente, inicia no final de novembro.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2023/2024																
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET						
RO	Leste Rondoniense	0,68			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
TO	Oriental do Tocantins - 1ª Safra	0,32		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Oriental do Tocantins - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	2,23		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C							
	Sul Maranhense - 2ª Safra					S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C						
PI	Sudoeste Piauiense	0,86		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C							
BA	Extremo Oeste Baiano	20,80		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C						
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	45,87		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
MT	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,74		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
MT	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
MS	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
MS	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	13,99		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C							
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
GO	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,83		S/E/DV	DV/F	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C							
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C							
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,51	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C							
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						
	Sul Goiano - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M/C	C	C							
GO	Sul Goiano - 2ª Safra	1,48			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C						

Continua...

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2023/2024										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,67	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV	DV/F	F/FM	FM	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,68	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV	DV/F	F/FM	FM	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Conforme os dados obtidos pela Conab, para o terceiro levantamento da safra 2023/24, a produção brasileira de algodão em pluma deverá atingir 3,06 milhões de toneladas. Com um crescimento de área de 4,9% em relação à safra anterior, a produção deverá ficar 3,5% menor em comparação à safra 2022/23.

Esse volume de produção garante ao Brasil o terceiro lugar no ranking de maiores produtores mundiais, ficando atrás da China e da Índia, de acordo com dados do USDA.

De acordo com informações do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), as exportações brasileiras de algodão em novembro de 2023 somaram 253,7 mil toneladas. Seu desempenho foi 5,5% inferior, comparado ao mesmo período do ano passado, que atingiu 268,6 mil toneladas.

Dados do USDA apontam para uma melhora nas exportações mundiais para safra 2023/24, diante da expectativa de maior crescimento da economia mundial. Acompanhando essa melhora no mercado internacional, a previsão

é que nesta safra as exportações brasileiras de algodão em pluma cresçam e atinjam 2,48 milhões de toneladas.

O mercado interno de algodão tem apresentado um ritmo lento, e os agentes têm permanecido retraídos. As indústrias estão trabalhando de acordo com suas necessidades imediatas, realizando aquisições pontuais e em pequenos volumes.

Mas, diante das melhoras nos indicadores econômicos internos e mundiais, a expectativa é que o consumo interno cresça 7,35%, atingindo 730 mil toneladas na safra 2023/24. Desse modo, diante dos dados levantados, a expectativa é que o estoque final tenha uma redução de 6,73% em relação à safra anterior, devendo chegar a 2,01 milhões de toneladas. Isso significa uma relação estoque/consumo de 275%.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	629,1	2.005,8	19,6	2.654,5	700,0	974,0	980,5
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2023/24	1.320,4	3.173,3	3,0	4.496,7	680,0	1.665,0	2.151,7
2023/24	nov/23	2.148,3	3.039,9	4,0	5.192,2	730,0	1.982,2
	dez/23	2.151,7	3.061,2	4,0	5.216,9	730,0	2.006,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2023.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.557,2 mil ha

+5,3%

PRODUTIVIDADE

6.926 kg/ha

+2,2%

PRODUÇÃO

10.785,9 mil t

+7,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

TABELA 5 - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.972,1	6.118	12.064,2
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,6	6.781	10.033,3
2023/24	nov/23	1.556,7	10.816
	dez/23	1.557,2	10.785,9

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Para a safra 2023/24, na maioria das áreas previstas, tem sido realizada a semeadura, mas avançando, dependendo das condições climáticas e de acordo com as condições de umidade no solo, que tem variado com os volumes de precipitação em excesso ou muito baixo nas áreas produtoras do país, causando suspensão ou atraso na operação de plantio.

Das lavouras implantadas, nas áreas mais representativas em produção,

estão mais adiantadas a semeadura no Rio Grande do Sul, Goiás e Tocantins.

Há destaque para o aumento de área a ser cultivada, tanto do arroz irrigado quanto do sequeiro, principalmente devido à expectativa com a melhoria dos preços praticados no mercado do cereal.

A área de arroz irrigado foi estimada em 1.243,3 mil hectares, com aumento de 5,7%, se comparada à safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, houve um aumento de área em 3,4% em relação à safra 2022/23, estimada, para a safra 2023/24, em 313,9 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: as adversidades climáticas geraram enchentes e enxurradas com consequente umidade excessiva no solo, o que impede a conclusão da semeadura e dificulta os tratos culturais, além da aplicação de nitrogenado, e a ressemeadura nas áreas atingidas pelas chuvas.

Houve também contratempos no controle de invasoras. Em muitos casos, a sistematização das áreas necessitou de reparos por conta dos altos volumes de água das chuvas que danificaram as curvas de nível.

Até o momento, foram semeadas 89% da área prevista, (6% das lavouras estão em germinação, enquanto os 94% restantes estão em desenvolvimento vegetativo). A região central do estado é a mais atrasada em relação à implantação da lavoura, e há a necessidade de recomposição das áreas, como na sistematização, curvas de nível, taipas e ressemeadura.

Na Zona Sul do estado, o plantio se encontra bastante adiantado, estando quase em conclusão, também sendo a região com menores impactos advindos do clima, até o momento. Na Fronteira Oeste, região de maior

concentração da lavoura de arroz, mais de 78% da área prevista foi semeada.

Na região da Campanha a semeadura chegou a 80% do previsto. As demais áreas estão, em sua maioria, localizadas nas cotas mais baixas, apresentando menor capacidade de drenagem e protelando ainda mais o retorno das máquinas para a conclusão da semeadura.

Em contrapartida, diante da evolução do preço praticado no mercado, as áreas perdidas e que ocorreram inundações podem ser reconsideradas, mesmo que a semeadura possa ocorrer fora do período.

Santa Catarina: devido às chuvas muito intensas nos últimos dias, a qualidade das lavouras foi afetada. Onde houve transbordamento de rios, as lavouras mais próximas foram inundadas por até dez dias e, após o rebaixamento da água, a cultura ficou acamada ou recoberta por uma camada de lama que prejudicou o desenvolvimento normal das plantas.

Diante destes fatores climáticos extremos, o replantio se fez necessário em pelo menos 1% da área total estimada. Como o plantio ainda não foi finalizado, considerando a necessidade de replantio e a disponibilidade de insumos para esta operação (principalmente da semente), existe a possibilidade de não cultivar em algumas áreas previstas. Além de depender da janela ideal para a semeadura da cultura, é necessária a consolidação das áreas para essa confirmação.

Para as lavouras que estão com 70 dias, a segunda adubação de cobertura já foi realizada, e o primeiro controle para mancha de folhas e Brusone iniciou mais cedo, em razão da alta umidade. A marcha fenológica da cultura sofreu redução em razão da persistência de altas nebulosidades por períodos prolongados, levando também a um atraso no manejo e tratamentos culturais. A

matocompetição aumentou drasticamente sem os controles adequados e oportunos.

No litoral norte, as lavouras estão com desenvolvimento vegetativo mais adiantados que no sul do estado, com 90 dias aproximadamente, e 15% das áreas entrando nas fases reprodutivas; já no sul do estado a fase reprodutiva quase não se observa em razão do plantio mais tardio. Há uma perspectiva de redução na produtividade, diante do cenário de atraso do plantio em muitas áreas, inundação de lavouras e replantio fora da janela ideal para a cultura.

Tocantins: para o arroz irrigado, as poucas chuvas na região e a sua irregularidade não foram suficientes para aumentar, de maneira satisfatória, os níveis dos reservatórios que suprem a irrigação das áreas.

Esse efeito tem atrasado o plantio em muitas áreas, principalmente na região da Lagoa da Confusão, Pium e Cristalândia. Somadas a isso, as elevadas temperaturas constatadas na primeira quinzena de novembro impediram a manutenção de umidade no solo favorável ao plantio.

Na região de Formoso do Araguaia, onde o plantio se encontra mais adiantado é possível encontrar plantas em diferentes fases fenológicas.

Algumas áreas já receberam adubação de cobertura, e o controle de plantas invasoras também tem se intensificado, o que tem necessitado de aplicação adicional para evitar a mato competição e, conseqüentemente, perda de produtividade, uma vez que a baixa umidade do solo dificulta essa operação de controle na competição com plantas espontâneas.

É previsto aumento da área de cultivo nesta safra, principalmente, para aquelas áreas arrendadas. Além disso, práticas como manutenção de canais

de irrigação estão sendo realizadas, visando uma melhoria na captação de água para irrigação.

Para o arroz de sequeiro, as menores precipitações foram registradas no extremo-norte, região conhecida como bico do papagaio. O plantio foi iniciado, podendo estender até janeiro de 2024. A semeadura ocorre em pequenas propriedades e em faixas de domínio (às margens de rodovias e/ou estradas), prática comum na região. É uma agricultura de baixo investimento, com o plantio realizado por matracas, sem correção de solo e/ou adubação em muitos casos.

Existe também a prática de doação de sementes pelos municípios, e há relatos de venda das propriedades, para a conversão em grandes lavouras, o que tem contribuído para a redução da área de plantio.

Goiás: as lavouras irrigadas se encontram instaladas no estado, com mais de 70% semeadas. A sanidade destas lavouras é boa, porém podendo ser prejudicadas em virtude de os tratamentos fitossanitários estarem comprometidos devido às altas temperaturas e ao baixo nível de água nas barragens e sistemas de captação (isso tanto em áreas de tabuleiros como pivôs centrais).

Maranhão: o cultivo convencional, com uso de sementes pré-germinadas de arroz, em sistema irrigado por inundação verifica-se nos municípios de Arari, Vitória do Mearim e Viana, na Baixada Maranhense, no norte do estado; em São Mateus do Maranhão, no Médio Mearim, e em Grajaú, na região do Alto Mearim e Grajaú, no centro do estado e dispõem de média à alta tecnologia de plantio, manejo de cultura e colheita.

O plantio foi iniciado no final de maio e ocorreu até início de outubro de 2023.

Desse modo, as lavouras se encontram nos diversos estádios fenológicos, desde desenvolvimento vegetativo até a maturação, sendo a colheita já iniciada em algumas destas áreas, com 52% da área irrigada colhida.

Estima-se que a área irrigada semeada no estado corresponda a 3,6 mil hectares, com aumento devido à expansão de área dos produtores e novos cultivos.

Quanto ao arroz de sequeiro, foi observado o preparo do solo em diversas áreas para iniciar o plantio, logo que haja chuvas suficientes para manutenção das lavouras em campo.

Nas regiões da Baixada Maranhense, no norte maranhense, e no Médio Mearim, no centro maranhense, ocorre o expressivo plantio de arroz de sequeiro, com uso de cultivares de arroz irrigado em áreas planas, onde ocorre inundação natural dos campos por águas das chuvas, sem controle de irrigação, e alcança as maiores produtividades do estado, onde a semeadura está condicionada ao período das chuvas.

No oeste maranhense, há o cultivo de arroz de várzea pela agricultura familiar, nas margens do rio Pindaré, com semeadura de arroz em áreas drenadas e sem irrigação controlada. Em algumas regiões do estado, há produção de arroz para abertura de área de soja, com aumento de área sazonal. Nesse caso, o plantio da cultura ocorre estrategicamente, apenas quando há intenção de abertura de novas áreas. Até o momento, a área prevista de plantio de arroz de sequeiro do estado é de 91,2 mil hectares.



Foto 1 - Arroz irrigado - Vitória do Mearim-MA

Fonte: Conab.

Minas Gerais: a manutenção das áreas que já são tradicionalmente cultivadas com arroz vem se mantendo. Registra-se o incremento de uma área que anteriormente já havia sido cultivada com arroz.

O plantio nas áreas irrigadas, no sul do estado, já alcança um percentual de áreas semeadas superior a 95% da área total. Porém, nas áreas de sequeiro, o plantio segue prejudicado devido aos baixos volumes de chuvas ocorridos, até o momento.

Mato Grosso: a implantação do arroz alcançou 55% das áreas destinadas à cultura. Todavia, por ocasião da irregularidade de chuvas em volume e ocorrência, muitas propriedades não tiveram condições de avançar e concluir a semeadura.

Embora o atraso na uniformização da pluviosidade, o pouco volume de chuva ocorrido ainda foi suficiente para manter as boas condições no desenvolvimento vegetativo da gramínea. Espera-se que, com a regularização dos volumes de precipitação, as lavouras atinjam o pleno

potencial produtivo, uma vez que a maioria dos produtores empregaram pacote tecnológico de alto rendimento.

Os preços praticados no mercado do cereal têm incentivado o plantio, com estimativa de aumento da área plantada para esta safra.

Mato Grosso do Sul: a irregularidade nas chuvas dificultou a conclusão da semeadura devido à falta de umidade para a germinação das sementes, encerrando o período avaliativo ainda restando 11% da área para serem implantadas. Isso não representou perda de potencial produtivo, uma vez que a semeadura deste cereal é normalmente realizada de forma bastante escalonada no estado.

Lavouras pontuais que são dependentes de água de varjões, onde não há bombeamento de rios, tiveram falta de lâmina de água por algum período, podendo refletir na produção. Por outro lado, o calor constante e alta prevalência de iluminação favoreceu o desenvolvimento vegetativo.

Algumas áreas estão apresentando uma grande população de capim arroz, sendo realizadas as operações de controle. Já no controle de pragas não foi diagnosticado eventos que tenham ocasionado perdas na produtividade.

São Paulo: a semeadura do arroz irrigado se encontra em fase final, com mais de 90% das áreas já semeadas, sendo o plantio centralizado na região de Guaratinguetá e Pindamonhangaba, no Vale do Paraíba.

A estimativa inicial era de aumento da área semeada, porém não se confirmou, devido, principalmente, aos custos de produção.

Paraná: a cultura já foi totalmente semeada, estando nos estágios de desenvolvimento vegetativo. Até o momento, apesar das chuvas intensas

ocorridas em outubro e novembro de 2023, que causaram muitos alagamentos nas lavouras, as condições climáticas têm contribuído para o bom desenvolvimento da cultura.

Houve áreas com baixas luminosidade e temperatura, bem como as altas precipitações que influenciaram nas lavouras, apresentando desenvolvimentos considerados regulares e/ou ruins.

Rondônia: a estiagem prolongada, com a ocorrência de altas temperaturas e escassez hídrica nas regiões de plantio, inviabilizou a implantação e o desenvolvimento da cultura.

Nas áreas onde o plantio iniciou em algumas haverá o replantio, em virtude de perdas significativas pela falta de chuvas regulares. As áreas preparadas anteriormente apresentam infestação de plantas invasoras, fazendo-se necessário novo preparo e espera da estabilidade das chuvas para que seja possível a semeadura. Com os preços atrativos do produto, estima-se um aumento da área de produção para o cultivo do cereal.

Pará: o arroz irrigado está totalmente semeado. As lavouras se encontram em fase final de maturação e colheita. Há pouca incidência de ataques de pragas e patógenos, pois a prevenção nas áreas de lavoura é muito intensa.

Foram colhidas 93% das lavouras. Após a etapa de colheita, o arroz segue de Cachoeira do Arari até o município de Belém, para ser beneficiado. Em seguida ao processamento, o produto é comercializado com atacadistas e varejistas na grande Belém e no município de Santarém, no oeste do estado. Há o emprego de tecnologia em todas as etapas de seu ciclo.

Quanto ao arroz de sequeiro, o clima muito seco, por quase todo o estado, deverá atrasar o plantio e somente se intensificar com a regularidade das

chuvas. O nordeste e a região do pólo Paragominas, grandes produtores de arroz de sequeiro, deverão começar o plantio entre janeiro e fevereiro.

Piauí: a área de arroz de sequeiro deve apresentar redução nesta safra, sendo estimado uma área de 44,7 mil hectares. A redução na agricultura familiar se justifica, em grande parte, pela dificuldade de manejo da cultura, por exigir intensos tratamentos culturais, por ser uma cultura sensível ao déficit hídrico, apresentar oscilação nos preços praticados no mercado.

A previsão para a produtividade é que também se tenha uma redução considerável, em virtude da previsão de condições climáticas desfavoráveis. O cultivo, ainda sem início de semeadura, historicamente se inicia em novembro, porém, pelo atraso no início do período chuvoso, ainda não há registro de semeadura no estado.

Sergipe: as condições climáticas favoráveis, com temperatura e radiação solar elevadas, predominaram em outubro e novembro, de forma que proporcionaram um ambiente ainda mais propício para bom desenvolvimento das plantas. Sem relatos de danos significativos causados por pragas ou doenças.

Apesar das lavouras desuniformes e muitas das áreas com grãos apresentando umidade elevada, a operação de colheita está avançando (16% da área colhida). O excelente preço do grão tem sido um incentivo ao plantio do arroz safrinha, denominação dada para uma segunda safra que se desenvolve em um período mais chuvoso.

Apesar de ser menos produtiva, a expectativa é que mais produtores cultivem a segunda safra em virtude da alta valorização do grão, portanto a previsão é de aumento na área plantada da safra 2023/24.

Entretanto, a possibilidade de chuvas fortes, no período de chuvas do estado, é elevada, com isso, muitos dos rizicultores planejam o plantio do arroz safrinha já para dezembro e, se possível, com o uso de variedades precoces, evitando maiores perdas com a chegada das chuvas. Vale ressaltar que a produção do arroz em Sergipe fica localizada na região da zona da mata, região com regime de chuva regular e bem distribuída.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2023 - 2024										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,72					S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,62			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins	4,71			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense	0,58						S/E/DV	E/DV/F	DV/F	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,91			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
GO**	Leste Goiano	0,57		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	C			
PR**	Noroeste Paranaense	1,17	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	1,32	S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Vale do Itajaí	2,02	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sul Catarinense	7,45	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,20		PS	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	4,08		PS	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	16,93		PS	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	29,07		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense	14,77		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (*)irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2023/24 de arroz será 7,5% maior que a safra 2022/23, projetada em 10,78 milhões de toneladas. Esse resultado é reflexo principalmente da estimativa de significativa expansão de área em meio à recuperação da rentabilidade projetada para o setor.

Sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste terceiro levantamento, estima-se uma manutenção do consumo nacional para 10,25 milhões de toneladas nas safras 2021/22, 2022/23 e 2023/24, em razão da perspectiva de recuperação econômica, dado ao fato do arroz possuir uma elasticidade-renda negativa.

Sobre a balança comercial, as exportações, na safra 2021/22, apresentaram um significativo volume comercializado, e encerrou 2022 com 2,1 milhões de toneladas vendidas, em razão da boa competitividade do grão no mercado internacional e quebra da safra norte-americana.

Para a safra 2022/23, em meio a um cenário de menor disponibilidade do grão e de melhores preços internos, projeta-se uma retração do volume exportado de 14,7%, passando para 1,8 milhão de toneladas. Sendo este valor próximo da média comercializada ao longo dos últimos anos, com exceção da safra 2020/21, que apresentou movimentação atípica.

Para a safra 2023/24, a recuperação produtiva e a menor oferta de importantes países exportadores possivelmente resultarão em um aumento da estimativa no volume exportado pelo Brasil em 11,1%, passando para 2 milhões de toneladas.

Sobre as importações, a estimativa é de um incremento do montante importado pelo país em 2023, sendo estimado em 1,4 milhão de toneladas

internalizadas pelo Brasil ao longo do ano.

Para 2024, projeta-se uma manutenção do volume importado em 1,4 milhão de toneladas, em razão ainda da necessidade de recomposição da oferta nacional.

Com isso, em meio aos números apresentados, a projeção é de estoque de passagem próximo da estabilidade, com um volume estimado de 1,63 milhão de toneladas ao final de 2024.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5
2020/21	1.887,5	11.766,4	1.004,1	14.658,0	10.832,4	1.143,5	2.682,1
2021/22	2.682,1	10.780,5	1.212,3	14.674,9	10.250,0	2.111,3	2.313,6
2022/23	2.313,6	10.030,4	1.400,0	13.744,0	10.250,0	1.800,0	1.694,0
2023/24	nov/23	1.694,7	10.816,0	1.400,0	13.910,7	10.250,0	1.660,7
	dez/23	1.694,0	10.785,9	1.400,0	13.879,9	10.250,0	1.629,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2023.

Estoque de passagem - Arroz: 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.790,4 mil ha

+3,4%

PRODUTIVIDADE

1.097 kg/ha

-2,5%

PRODUÇÃO

3.060,5 mil t

+0,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Pelo seu apelo alimentar, mercadológico e agrônômico, a cultura tem grande relevância na agricultura nacional. Nesse último quesito, tem papel fundamental no planejamento de calendário agrícola, justamente por possuir um ciclo fenológico considerado adequado ao seu plantio em uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio de feijão, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.061,2	1.212	1.286,4
2018/19	922,6	1.072	989,1
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,6
2023/24	nov/23	857	950,7
	dez/23	857,9	947,1

Fonte: Conab.

Com o cultivo do feijão espalhado por diversas regiões do país, há, atualmente, grande variação na fase em que as lavouras se encontram, tendo, por exemplo, locais que ainda não iniciaram ou recém-começaram a semeadura, principalmente, no Nordeste, em razão do seu diferente calendário de plantio e a sua distinção na estação chuvosa em comparação ao Centro-Sul, e outros que já apresentam áreas com plantas em fases reprodutivas do ciclo, apontando para etapas de enchimento de grãos e maturação. Isso demonstra a elasticidade da cultura, que é um de seus grandes atributos para a adaptabilidade no Brasil ao longo de diversas localidades.

Outro fator importante registrado, até o momento, fica por conta de algumas intempéries climáticas, como as ondas de calor, em certos casos associadas com a escassez de chuvas, visualizadas principalmente no Sudeste e Centro-Oeste, além das intensas e volumosas chuvas observadas no Sul do país. Tais condições já causam preocupação em relação à produção do feijão primeira safra, tanto pela possibilidade de perdas condicionadas às altas temperaturas, que podem provocar redução na taxa de germinação/emergência, diminuição na duração do ciclo fenológico, baixo pegamento

floral e abortamento das vagens, com a esterilização do grão de pólen, além de aumento na taxa de transpiração e menor dreno de fotoassimilados para a formação dos grãos, bem como pelos eventuais efeitos associados ao excesso pluviométrico.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: devido à irregularidade das chuvas e às altas temperaturas registradas em períodos expressivos do último mês, as operações de implantação e de manejo das lavouras foram impactadas, até mesmo atrasando o calendário usual de plantio.

Mesmo sem o término da semeadura, a expectativa atual é de redução na área plantada em comparação ao exercício anterior, principalmente por essas oscilações climáticas. Há espaço para uma reviravolta nesse final de janela de plantio, mas essa decisão também depende da melhoria das condições climatológicas e de uma maior rentabilidade para a cultura em relação ao cultivo de outras graníferas, como soja e milho.

Para as lavouras já implantadas, há uma preocupação quanto aos possíveis efeitos deletérios relacionados às intempéries climáticas já citadas. Algumas áreas apresentam restrições por falta de umidade no solo e pelas altas temperaturas. Nesse cenário, pode-se visualizar lavouras com folhas apresentando escaldaduras, visto que as folhas mais baixas já estão estorricadas. Tal condição pode afetar o potencial produtivo da cultura como um todo.

Bahia: o feijão de primeira safra está concentrado nas regiões centro-norte, centro-sul e oeste do estado. Em muitas das áreas em que ele é cultivado, há

a prática de consorciar o feijão com lavouras de milho, abóbora, mandioca e café. De maneira geral, o cultivo é, majoritariamente, conduzido por pequenos e médios produtores, lançando mão de nível tecnológico mais baixo, com menores graus de investimento, principalmente se comparado aos grandes produtores, que cultivam o feijão na segunda safra.

Esses investimentos, mesmo que pequenos, costumam vir de recursos próprios, em virtude dos riscos climáticos enfrentados nos últimos anos, que reduziram a oferta de financiamentos. A produção dos pequenos agricultores é destinada ao consumo das famílias, e a comercialização do excedente fica normalmente relacionada aos mercados locais, feiras livres, e programas de compras governamentais. Os produtores que obtêm volumes maiores atendem empacotadoras da Bahia ou de outros estados do Nordeste.

No atual período, a cultura está em fase de implantação das lavouras, com um avanço mais expressivo no oeste e no centro-norte, em virtude da retomada das chuvas nessas localidades. Já no centro-sul, o cenário continua de escassez pluviométrica e retarda as operações de plantio, que devem ser mais efetivas a partir de dezembro.

Mesmo com esse clima oscilante no início de ciclo, a previsão é de aumento na área plantada em comparação à safra passada, principalmente pela expansão agrícola em áreas de consórcios com milho, por conta da alta nos preços do feijão e pela maior comercialização devido às políticas públicas de fomento como o PAA/PNAE.

Goiás: o último mês foi marcado por períodos de altas temperaturas e poucas chuvas, algo que trouxe impactos pontuais sobre o avanço da semeadura e o desenvolvimento inicial das lavouras, mas que acabou sendo mitigado pelo uso de irrigação complementar em muitas das áreas cultivadas.

A maioria das lavouras segue em fases vegetativas do ciclo fenológico, mas as primeiras áreas semeadas já alcançaram a floração. De maneira geral, as condições fitossanitárias das lavouras são boas, até o momento.

Paraná: o plantio está em iminente conclusão, devendo manter uma área plantada próxima àquela visualizada na temporada passada. O clima mais estável, visualizado ao final de novembro, foi importante para viabilizar um avanço expressivo das operações de implantação das lavouras, assim como para realização de tratos culturais e até mesmo o início da colheita naquelas áreas de plantio mais precoce.

Quanto à condição geral da cultura, as oscilações climáticas, principalmente no quesito pluviométrico e nas temperaturas médias, acarretam em perdas pontuais de potencial produtivo, pois houve períodos críticos de excesso de chuvas que desencadearam danos fisiológicos e na formação de um ambiente mais propenso à incidência de doenças, especialmente fúngicas. Soma-se a esse fator a ocorrência de dias com muita nebulosidade (reduzindo a taxa fotossintética das plantas), bem como o aumento da temperatura média em dado momento.

Como ainda se tem muitas lavouras em desenvolvimento vegetativo, com alto poder de recuperação do potencial produtivo, a expectativa ainda é de um rendimento considerado satisfatório. Contudo, há esse sinal de alerta e uma perspectiva de condições mais favoráveis para a continuidade do ciclo.

São Paulo: área 100% semeada, até mesmo com algumas localidades que tiveram plantio mais precoce já apresentando lavouras em maturação, como no sudoeste do estado, especificamente em Itaí e Paranapanema.

As condições gerais, até o momento, são de bom aspecto fitossanitário. As

altas temperaturas e baixas precipitações, registradas em algumas regiões, tiveram seus efeitos deletérios amenizados pelo uso de irrigação em muitas das áreas produtoras.

Santa Catarina: a semeadura pouco avançou nos últimos dias de novembro, já que, com a estabilidade depois de períodos recorrentes de chuva, os produtores se concentraram na colheita do trigo e no plantio da soja. Como a janela de plantio do feijão é mais elástica, os produtores devem retornar à operação mais adiante.

A condição da maioria das lavouras está classificada como regular ou ruim, especialmente por conta das adversidades provocadas pelo excesso de chuvas e suas consequências, como o aumento na incidência de doenças fúngicas, ataques de lesmas e caracóis. Além disso, o desenvolvimento da cultura também foi prejudicado pela falta de luminosidade, o que retarda o crescimento das plantas.

Rio Grande do Sul: o cultivo é considerado tradicionalmente mais tardio, e está concentrado na região do Planalto Superior, em sucessão à colheita de culturas de inverno.

No momento, os produtores ainda estão realizando a colheita, especialmente do trigo, e planejando as atividades para a semeadura do feijão apenas para a partir de dezembro.

Distrito Federal: as poucas chuvas ocorridas em novembro, bem como as altas temperaturas, não foram suficientes para manter o nível adequado de umidade nos solos e também o desenvolvimento vegetativo ideal das lavouras, acarretando em perdas de potencial produtivo. A expectativa é que a partir de dezembro as precipitações voltem a incidir de maneira mais

regular, assim como as temperaturas médias fiquem em patamares mais próximos ao histórico local para o período em questão.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: o plantio está em iminente conclusão, devendo apresentar redução na área plantada em comparação à temporada passada, muito pela concorrência de áreas com outras culturas de rentabilidade maior nesse primeiro período do ano-safra. O clima mais estável, visualizado ao final de novembro, foi importante para viabilizar um avanço expressivo das operações de implantação das lavouras, assim como para a realização de tratos culturais e até o início da colheita naquelas áreas de plantio mais precoce.

Quanto à condição geral da cultura, as oscilações climáticas, principalmente no quesito pluviométrico e nas temperaturas médias, acarretam em perdas pontuais de potencial produtivo, pois houve períodos críticos de excesso de chuvas que desencadearam danos fisiológicos e na formação de um ambiente mais propenso à incidência de doenças, especialmente fúngicas. Soma-se a esse fator a ocorrência de dias com muita nebulosidade (reduzindo a taxa fotossintética das plantas), bem como o aumento da temperatura média em dado momento.

Como ainda se tem muitas lavouras em desenvolvimento vegetativo, com alto poder de recuperação do potencial produtivo, a expectativa ainda é de um rendimento considerado satisfatório. Contudo, há esse sinal de alerta e uma perspectiva de condições mais favoráveis para a continuidade do ciclo.

Santa Catarina: semeadura em ritmo lento, considerando que os produtores deram preferência no avanço da colheita de trigo e na semeadura da soja.

Há registro de bom estande de plantas nas lavouras recém-implantadas. De maneira geral, as lavouras estão em condições regulares, pois foram acometidas pelo excesso de chuva em dado período do ciclo. Há também maior incidência de antracnose nas lavouras, favorecida pela umidade elevada e pela inviabilidade de se realizar os tratos preventivos no momento adequado em razão das precipitações.

Nas áreas em que foi possível a entrada de máquinas com pulverizadores, os tratamentos fitossanitários estão sendo realizados, mas com muita dificuldade em razão do excesso de umidade. O excesso de chuva tem causado a lixiviação de nutrientes, o que deverá resultar em perda do potencial produtivo. O desenvolvimento da lavoura também está sendo prejudicado pela falta de luminosidade, o que retarda o crescimento das plantas.

Rio Grande do Sul: mesmo com as chuvas abundantes, a semeadura avançou em diversas regiões do estado, exceto no Planalto Superior e em áreas pontuais das regiões Sul e da Campanha gaúcha, que devem ter plantio em dezembro. Tais precipitações também afetaram as lavouras que já estavam implantadas à época, trazendo preocupação com relação ao surgimento de doenças pelo excesso de umidade e pela inviabilidade de se realizar manejos preventivos, como a aplicação de defensivos e fertilizantes.

Mesmo assim, a maioria das lavouras ainda apresenta boas condições fitossanitárias, visto que grande parte delas se encontra em estágio vegetativo do ciclo fenológico, com exceção das áreas semeadas em agosto/setembro, que atualmente já estão em maturação e enchimento dos grãos, mas que ainda é minoria.

Vale destacar a participação, ainda que incipiente, do feijão com manejo

orgânico no estado. Não há, no momento, a certificação específica do cultivo, mas já se vê uma pequena porção (área pontual e ainda de pequena concentração dentro do estado) que vislumbra atender uma demanda recorrente, agregando valor ao produto gerado. Ressalta-se que, nesse início de ciclo, com as condições climáticas desfavoráveis, principalmente no aspecto pluviométrico, o estímulo para tal cultivo não tem sido grande devido à alta pressão de seleção em relação às doenças que se favorecem desse ambiente apresentando de momento.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: a semeadura ainda não foi iniciada em virtude da escassez de chuvas no último mês. A previsão é que as operações ocorram a partir de dezembro.

Bahia: o cultivo está espalhado principalmente entre as regiões centro-norte, centro-sul e oeste do estado. Esse plantio ocupa uma área considerável entre as principais culturas de primeiro ciclo, especialmente por conta da sua boa adaptação ao clima local. Além disso, em muitas áreas o cultivo é feito de maneira consorciada com produtos como milho, abóbora, mandioca e café, aumentando ainda mais a eficiência no uso da área cultivável.

De maneira geral, a produção é, majoritariamente, conduzida por pequenos e médios produtores, lançando mão de nível tecnológico mais baixo, com menores graus de investimentos. Até mesmo, esses recursos, mesmo que pequenos, costumam vir do próprio produtor em razão dos altos riscos climáticos enfrentados nos últimos anos, que reduziram a oferta de financiamentos. A produção dos pequenos agricultores é destinada ao consumo das famílias, e a comercialização do excedente fica normalmente

relacionada aos mercados locais, feiras livres, e programas de compras governamentais. Os produtores que obtêm volumes maiores atendem empacotadoras da Bahia ou de outros estados do Nordeste.

No atual período, a cultura está em fase de implantação das lavouras, com um avanço mais expressivo no oeste e no centro-norte, em virtude da retomada das chuvas nessas localidades. Já no centro-sul, o cenário continua de escassez pluviométrica e retarda as operações de plantio, que devem ser mais efetivas a partir de dezembro.

Maranhão: a semeadura começou no sul do estado, porém ainda segue de forma incipiente. A perspectiva é que o avanço seja mais proeminente a partir de dezembro, mesmo com a implantação das lavouras nas demais regiões produtoras.

O cultivo é realizado, principalmente, pela agricultura familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, lançando mão de consórcios com outras culturas como arroz, milho e mandioca. O financiamento é feito na maior parte por meio de recursos próprios.

Parcela significativa dos pequenos produtores utilizam sementes doadas mediante políticas públicas locais ou com o uso de sementes salvas. No entanto, para a presente safra, não há previsão de distribuição de sementes pelo governo. Esses produtores estabelecem seus cultivos para subsistência e para comercialização do excedente em mercados locais.

Minas Gerais: a semeadura avançou no último mês, mesmo com os registros de altas temperaturas e baixas precipitações pluviométricas. Inclusive, por conta dessas condições climáticas desfavoráveis, há perspectiva atual de redução na área plantada em comparação a 2022/23. A janela de plantio

deve se estender até dezembro, com perspectiva de melhoria, tanto nos fatores climatológicos quanto no aspecto preço pago pelo produto, podendo demover o produtor da decisão de escolha por outro cultivo.

Mato Grosso: apesar do pouco volume de chuvas registrado em novembro, a quantidade se mostrou adequada para promover o desenvolvimento vegetativo das lavouras.

A implantação das lavouras foi finalizada, mesmo em meio às oscilações climáticas. Devido à escassez de chuva, várias áreas que foram semeadas em outubro e apresentaram perdas de plantas, tiveram de ser ressemeadas. Ademais, como o volume pluviométrico em novembro foi adequado para o caupi em razão da maior tolerância da variedade, as lavouras demonstram boa evolução vegetativa com plantas bem desenvolvidas nos estádios predominantes de floração e enchimento de grãos.

Pernambuco: a cultura está concentrada na mesorregião do Agreste e, no geral, tem produção realizada por pequenos produtores que utilizam baixo nível tecnológico e que fazem uso de sementes próprias, com cultivares de ciclo médio a precoce.

Atualmente, a maioria das lavouras está em fase reprodutiva, e muitas delas vêm enfrentando estresse relacionado à escassez de chuvas na região. Há perspectiva de redução no potencial produtivo por conta dessa restrição hídrica.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24							
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
PA	Nordeste Paraense	0,79				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Norte Piauiense	0,72				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
PI	Centro-Norte Piauiense	0,82				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Sudoeste Piauiense	3,23				S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
BA	Sudeste Piauiense	2,43				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Extremo Oeste Baiano	8,68			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,76			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
GO	Centro Sul Baiano	2,03			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Leste Goiano	5,43		S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	C		
DF	Sul Goiano	4,64		S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C			
	Norte Goiano	2,28		S/E	E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C		
MG	Distrito Federal	2,78		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C		
	Noroeste de Minas	7,23			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C		
	Norte de Minas	1,36			S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,24		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C		
SP	Metropolitana de Belo Horizonte	0,70		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Oeste de Minas	0,84		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Sul/Sudoeste de Minas	2,64		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Campo das Vertentes	2,38		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Zona da Mata	1,22		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
PR	Assis	0,89		S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Itapetininga	1,29	S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	1,01		S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	1,26	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
RS	Centro Oriental Paranaense	4,09	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Oeste Paranaense	0,91	S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Centro-Sul Paranaense	2,11	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Paranaense	9,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C		
SC	Metropolitana de Curitiba	5,02	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C		
	Oeste Catarinense	2,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
RS	Norte Catarinense	1,67	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Serrana	1,97	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	0,77	S/E	S/E/DV	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Nordeste Rio-grandense	2,60			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2023/24

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.532,7	793	1.216,0
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	nov/23	1.377,7	1.314,7
	dez/23	1.382,3	1.312,6

Fonte: Conab.

Previsão de plantio para a safra 2023/24 apenas a partir de janeiro de 2024.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	577,8	1.062	613,8
2018/19	581,0	1.253	728,0
2019/20	588,8	1.481	872,1
2020/21	567,8	1.373	779,6
2021/22	530,6	1.333	707,2
2022/23	516,0	1.559	840,4
2023/24	nov/23	550,2	802,2
	dez/23	550,2	801,1

Fonte: Conab.

Previsão de plantio, para a safra 2023/24, apenas a partir de maio de 2024.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

Tanto no mercado atacadista como nas zonas de produção, os preços continuam passando por fortes oscilações positivas. Neste início de dezembro, por ser começo de mês, quando geralmente ocorre uma melhoria nas vendas, esperava-se, na pior das hipóteses, uma estabilização dos valores. Contudo, em virtude da constante valorização do produto, verificada desde a segunda semana de novembro, muitos compradores evitaram fechar negócios, esperando por melhores condições comerciais, e quem precisou vender teve que conceder algum desconto.

A cultura se encontra em plena entressafra, e o país conta apenas com os estoques remanescentes da terceira safra e das lavouras paulista na oferta de feijão novo, pelo menos até meados de janeiro de 2024, quando, a partir daí, poderá contar com volumes mais robustos do grão produzido no Paraná, Minas Gerais e Goiás.

O predomínio da oferta e a origem do produto recém-colhido é quase todo da região sudoeste de São Paulo, muitos lotes apresentaram elevado teor de umidade devido ao excesso de chuvas verificado nos últimos dias, e o restante de Minas Gerais e Goiás, terceira safra, e do Paraná, visto que os lotes oriundos desse último estado são remanescentes da segunda safra.

Devido às cotações do produto em patamares ainda mais elevados, verifica-se grande dificuldade de vazão no varejo, fazendo com que as vendas que já apresentam certa lentidão, tendam a arrefecer, forçando os consumidores a reduzirem sua compra ou até mesmo substituindo o produto por outros alimentos, geralmente menos saudáveis. Neste foco, com uma estimativa de produção em torno da registrada na safra anterior, não se vislumbra um

quadro animador de preços para o consumidor.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo, os preços, a exemplo do feijão cores, continuam passando por expressivas valorizações em virtude do baixo estoque e melhor procura. Os importadores já vinham pressionando por uma alta das cotações em razão do clima adverso na Região Sul. Os comerciantes não abrem mão de suas pedidas, pois quase a totalidade das mercadorias disponibilizadas para a venda é de origem argentina.

Para a temporada em curso, prevê-se o seguinte: computando as três safras, o trabalho de campo realizado por técnicos da Conab em outubro, chega em um volume médio de produção estimado em 3,06 milhões de toneladas, 0,8% superior à anterior.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a outubro de 2023, foram importadas 61,1 mil toneladas, isto é, 7,7 mil toneladas a mais que os números registrados no mesmo período de 2022. Já as exportações atingiram, no mesmo período, 109,3 mil toneladas, 9,8 mil toneladas acima das 99,5 mil toneladas registradas no ano anterior, visto que 57% saíram do Mato Grosso, com destaque para a Índia, com 47%, e Vietnã, com 16%.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 329,9 mil toneladas, o consumo em 2.850 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas e as exportações de 165 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 475,4 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

21.081,4 mil ha
-5,3%

PRODUTIVIDADE

5.622 kg/ha
-5,1%

PRODUÇÃO

118,528,1 mil t
-10,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA - 2023/24

TABELA 10 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	5.082,1	5.275	26.810,7
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	nov/23	4.100,1	25.860,1
	dez/23	4.033,2	25.309,3

Fonte: Conab.

O plantio da primeira safra de milho 2023/24 alcançou 60% da área prevista, no final de novembro, continuando atrasado em relação à última safra, que contava com 71,2% da área já semeada no mesmo período. Paraná e Santa Catarina praticamente encerraram o plantio, enquanto Bahia e Minas Gerais são os mais atrasados em relação à última safra.

Os extremos climáticos, típicos de anos de influência do fenômeno El Niño,

continuam a ocorrer nas regiões produtoras. Na Região Sul, as volumosas precipitações continuam a ocorrer provocando erosão no solo, lixiviação de nutrientes e redução no estande inicial das lavouras, enquanto nas demais regiões produtoras, a ausência ou irregularidade das chuvas causam atraso e paralizações pontuais nas operações de plantio.

Para a safra 2023/24 é estimado o plantio de 4.033,2 mil hectares, 9,2% inferior ao registrado na última safra, e nova redução de área registrada neste levantamento. A produção esperada é de 25.309,3 mil toneladas, uma redução de 7,5% em relação ao último ciclo.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: o plantio da cultura continuou evoluindo lentamente devido às condições climáticas e à sazonalidade característica do estado. Até o momento da realização deste levantamento, 80% da área prevista para esta safra estava semeada. Encontrando-se com 61% da área em desenvolvimento vegetativo e 39% no estágio reprodutivo, sendo 12% em enchimento de grãos e 27% em florescimento.

As condições das lavouras são variadas, entre e intrarregiões. Nas Missões e Alto Uruguai, os relatos indicam problemas de população das áreas e, embora o aspecto visual das lavouras seja bom, as espigas apresentam falhas de granação.

No Planalto Médio iniciam o florescimento e observa-se falhas na polinização devido à baixa luminosidade e excesso de chuvas, gerando espigas mal granadas e pequenas. Em contraponto, as plantas apresentam bom vigor.

No Planalto Superior, onde a semeadura ocorreu, majoritariamente em outubro, as lavouras apresentam falha no estande de plantas em virtude das chuvas torrenciais ocorridas sobre áreas semeadas recentemente. Na região sul, a semeadura está atrasada, e o excesso de umidade do solo retarda a retomada do processo.

O manejo das plantas daninhas e a aplicação de fertilizante nitrogenado já foram concluídos em praticamente 50% das áreas já semeadas. Alguns produtores realizaram uma aplicação adicional do fertilizante em virtude da lixiviação dos nutrientes ocorrido após o grande volume de chuvas, repetidos em curto espaço de tempo, e até mesmo logo após a aplicação dos produtos.

Quanto à sanidade, o excesso de chuvas, falta de luminosidade e a umidade excessiva por vários dias favoreceram o aparecimento de doenças em todas as regiões do estado. Chama a atenção a alta incidência de bacteriose, que tinha incidência pouco significativa nos milharais em safras normais.

Isso provocou a necessidade de aplicações extras de defensivos agrícolas, embora nem todos os produtores puderam usar essa ferramenta por estarem sem recursos financeiros. Devido ao estágio adiantado da cultura, os produtores priorizaram as aplicações aéreas por aviões e drones.

Se por um lado as precipitações garantem um bom suprimento hídrico para a cultura, por outro, as chuvas pesadas prejudicaram a polinização. Algumas lavouras semeadas no início da safra enfrentaram períodos com temperaturas baixas e dias com baixa radiação solar, reduzindo o seu porte.

Diante das condições heterogêneas apresentadas, por restar parcela significativa da área para ser semeada e como a expectativa inicial de

produtividade está aquém do potencial da cultura, mantemos a expectativa inicial de 6.474 kg/ha.

Paraná: já foi semeada a quase totalidade da área prevista para ser cultivada, visto que estas áreas já implantadas se encontram nos estágios de emergência/germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. Atualmente, destas lavouras já implantadas, a maioria apresenta bom desenvolvimento, porém, em muitas áreas o excesso de chuvas provocou erosão e selamento do solo, o que prejudicou a germinação das plântulas. As baixas luminosidades e temperaturas, no sul do estado, também prejudicaram o desenvolvimento de uma parcela desta cultura.



Foto 2 - Lavoura de milho 1ª safra - PR

Fonte: Conab.

Santa Catarina: estima-se que 97% das lavouras tenham sido implantadas, até o levantamento. Em decorrência das fortes chuvas ocorridas nos últimos dois meses, a semeadura e o estabelecimento inicial da cultura foram prejudicados e haverá necessidade de replantio de algumas áreas.

A pressão de pragas como a cigarrinha, tripes e lagarta do cartucho, teve

um leve aumento, no entanto, está sendo controlada nas fases iniciais do desenvolvimento. Além disso, de acordo com os dados levantados, existe a tendência de leve redução da área plantada nesta safra, migrando para a cultura da soja em alguns casos.

As condições de solo não estão favoráveis para a realização de tratamentos culturais, e muitas áreas de baixadas estão alagadas. Nas lavouras em desenvolvimento foi constatado a existência de plantas amarelas e desuniformidade do estande, causados pelas chuvas excessivas, encharcamento do solo e falta de luminosidade. A lixiviação de nutrientes e interferência na polinização, devido aos fortes e constantes precipitações, são fatores que podem reduzir o potencial produtivo desta safra. Além da erosão do solo, houve alagamentos e granizo em algumas lavouras.

Quanto à temperatura e radiação, a falta de luminosidade está atrasando o desenvolvimento do milho. Operações de manejo e tratamentos fitossanitários estão em estado de espera até a melhoria das condições climáticas ou possibilidade de execução. Em áreas onde foram feitas aplicações de nitrogênio em cobertura, esta aplicação foi perdida devido à chuva. A soma desses fatores se traduz na condição da lavoura, que é considerada apenas regular.

Minas Gerais: assim como a maioria das culturas, a semeadura do milho segue bem atrasada devido às irregularidades nas precipitações, alcançando somente 73% da área estimada, ao passo que, no mesmo período da safra anterior, tínhamos atingido 92%. As primeiras lavouras semeadas se encontram na fase de florescimento, sendo parte dessas destinadas à produção de sementes e estão sob pivôs na região do Triângulo Mineiro.

O restante das lavouras mais adiantadas está localizado no sul do estado,

região que possui um melhor regime pluviométrico e apresentava melhores condições para as áreas de sequeiro à época. O plantio do cereal somente ganhou ritmo no final de outubro, sendo paralisado no início de novembro devido à estiagem severa e as elevadas temperaturas, e foi retomado com o retorno das chuvas no início da segunda quinzena de novembro.

Ao longo deste levantamento podemos observar que parte das áreas onde tradicionalmente tínhamos o cultivo de milho, ainda não estavam semeadas, seja pela redução relevante de área, seja pelo atraso no plantio. Por motivos já explicitados anteriormente, tais como liquidez da soja, remuneração da cultura à época do planejamento, assim como a otimização do uso da terra, tivemos uma nova redução na área, que será cultivada nesta safra.

Além desta redução, foram realizados ajustes no teto produtivo devido à redução do nível tecnológico daqueles produtores que continuarão na cultura e principalmente em virtude dos impactos climáticos adversos ocorridos, até o momento. Dentre esses, podemos citar a redução de estande populacional das lavouras em virtude das elevadas temperaturas e precipitações irregulares, uma vez que o vigor das sementes foi prejudicado.

São Paulo: o plantio já alcança 67% da área prevista, e a maioria da cultura se encontra em estágio de desenvolvimento vegetativo, apresentando, até o momento, bom desenvolvimento.

Goiás: o plantio foi iniciado, e as lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento. Poucas áreas em Goiás receberam o plantio de milho verão, e estão localizadas no leste e sudoeste do estado, geralmente com plantios contratados, próximos a granjas de aves e suínos e usinas que

processam etanol de milho.

Em virtude de a janela de plantio da soja estar comprometida, os produtores podem trocar a soja pelo plantio do milho, que pode ser semeado durante dezembro.

Mato Grosso: a semeadura do milho de primeira safra cobriu 100% da área destinada ao cultivo. A localidade de maior concentração de milharais no estado tem recebido volume de chuva minimamente suficiente para manter o desenvolvimento inicial da cultura, fato que proporcionou uma evolução até então satisfatória da cultura.

Mato Grosso do Sul: normalmente, a semeadura do milho primeira safra ocorre após o encerramento da operação agrícola da soja, portanto ela começou a evoluir recentemente, depois das condições climáticas extremamente adversas que ocorreram até o segundo decêndio de novembro. Lavouras pontuais, que foram implantadas em outubro, passaram por estresse hídrico e foram afetadas, mas estão em recuperação e podem ser compensadas pela produtividade das demais. Por outro lado, a perda do zoneamento agrícola em replantios da soja provocou, até o momento, uma pequena migração para o cereal.

A maior parte da área de milho está em semeadura neste momento. Os poucos talhões em desenvolvimento vegetativo estão recebendo a adubação nitrogenada em cobertura e os mais adiantados o fungicida protetor. Não há relatos de problemas relevantes com pragas.

Distrito Federal: estima-se que o plantio já atinge 55% da área prevista, bastante atrasado se comparado à safra passada dado às condições climáticas adversas. As lavouras já semeadas estão em estádios de

germinação e desenvolvimento vegetativo, e estão sendo afetadas pelas desfavoráveis condições climáticas.

Bahia: durante novembro, houve registros de chuvas significativas, entretanto foram esparsas e intermitentes, não ocorrendo de forma contínua em todas as localidades da região produtora. Os plantios de sequeiro foram iniciados, e as lavouras seguem em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, com desenvolvimento regular, sofrendo limitação devido à precipitação irregular.

Piauí: a semeadura foi iniciada na segunda quinzena de novembro, e as lavouras se encontram em emergência e desenvolvimento vegetativo.

Maranhão: em novembro, o plantio foi iniciado aos poucos, em municípios da região sul do estado. Nas demais regiões ele deve ser efetuado principalmente entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024, dependendo do estabelecimento do período chuvoso, uma vez que a baixa umidade do solo é fator limitante para o início da semeadura.

Pará: o plantio não foi iniciado, pois as janelas de chuvas que se abriram no sudeste do estado estão instáveis, e os produtores estão apreensivos com a irregularidades das chuvas. A região que mais se produz essa cultura está localizada na abrangência da BR-010 e suas janelas de chuvas ficam mais estáveis a partir de dezembro, mês que provavelmente começará o plantio.

Tocantins: o plantio foi iniciado, e a semeadura atingiu 30% na região de Dianópolis. Nas demais regiões do estado ele foi iniciado em poucas regiões, e a semeadura deverá avançar a partir do próximo mês.

Rondônia: a cultura está bem desenvolvida, e os veranicos que ocorreram não impactaram a cultura.

Amazonas: o estado passou por um longo período de estiagem, atrasando o plantio dos grãos em 60 dias. Entretanto, na primeira quinzena novembro, de forma discreta, começaram a surgir as primeiras chuvas, animando os produtores para o começo do plantio, que deve se estender até dezembro.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	1,28					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
TO	Ocidental do Tocantins	0,87				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Oriental do Tocantins	0,84				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
MA	Oeste Maranhense	1,29					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	3,68				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	7,57				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	5,89				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	0,91				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
GO	Centro Goiano	0,82					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Leste Goiano	1,70				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano	3,13				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
DF	Distrito Federal	0,48				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Norte de Minas	0,74			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	8,02			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,72			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,27			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,60			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	São José do Rio Preto	0,82			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SP	Ribeirão Preto	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	1,17			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,77			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	2,14			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Continua

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PR	Norte Pioneiro Paranaense	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Paranaense	2,62		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,66		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro-Sul Paranaense	3,22		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Paranaense	1,74		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Curitiba	2,03		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Oeste Catarinense	4,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
SC	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Serrana	1,53		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Vale do Itajaí	0,82		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sul Catarinense	0,67		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Noroeste Rio-grandense	6,85	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
RS	Nordeste Rio-grandense	1,63		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,46	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,07		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,73		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	0,81		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,83		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA - 2022/23

TABELA 11 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.179,6	5.948	102.179,0
2023/24	nov/23	16.403,9	91.222,6
	dez/23	16.417,7	91.235,1

Fonte: Conab.

Previsão de plantio para a safra 2023/24 apenas a partir de janeiro de 2024.

MILHO TERCEIRA SAFRA - 2022/23

TABELA 12 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	511,0	2.385	1.218,7
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	637,1	3.664	2.334,6
2023/24	nov/23	631,1	1.983,8
	dez/23	631,1	1.983,8

Fonte: Conab.

A colheita da safra 2022/23 está praticamente finalizada, faltando apenas poucas áreas a serem colhidas em Pernambuco, nordeste da Bahia e apenas 2% em Sergipe. Foi confirmada a redução no rendimento do milho. As chuvas irregulares ou ausentes e o ataque severo da cigarrinha nas lavouras irrigadas da Bahia são os principais motivos dessa redução.

Foram semeados 631,1 mil hectares, nesta safra, com uma produção estimada em 1.983,8 mil toneladas, 10% inferior ao registrado na última safra.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho terceira safra - Safra 2022/2023									
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
PE	Agreste Pernambucano - PE	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C		
AL	Sertão Alagoano - AL	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Alagoano - AL	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
SE	Sertão Sergipano - SE	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Agreste Sergipano - SE	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
BA	Nordeste Baiano - BA	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano - BA	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2023/24, a Conab prevê uma produção total de 118,53 milhões de toneladas de milho, um decréscimo esperado de 10,2%, comparando-se à safra anterior.

Essa redução na produção total é resultado do encolhimento da área de milho, com destaque da redução na segunda safra, em conjunto com uma menor produtividade projetada em campo. Cabe destacar que a Conab projeta um decréscimo de 5,3% na área plantada e de 5,1% na produtividade do setor.

Em relação aos dados da demanda doméstica, a companhia acredita que 84,5 milhões de toneladas de milho, da safra 2023/24, deverão ser

consumidos internamente ao longo de 2024, ou seja, um aumento de 6,1%, comparativamente à safra anterior.

Sobre a balança comercial, a Conab projeta um aumento do volume de importação total para a safra 2023/24, projetada em 2,1 milhões de toneladas do grão, em razão da perspectiva de menor produção nacional. Para as exportações, com a projeção de menor oferta nacional, a Conab estima que 38 milhões de toneladas sairão do país via portos, sendo este volume 32,1% inferior ao estimado para a safra 2022/23. Nesta conjuntura, acredita-se que a redução da produção brasileira, somada à maior oferta disponível no mercado internacional, em meio à boa safra norte-americana, deverá reduzir o volume de exportações brasileiras do grão em 2024.

Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2025, ou seja, ao fim do ano-safra 2023/24, deverá ser de 4,51 milhões de toneladas, sendo este montante 28,9% inferior ao da safra 2022/23.

TABELA 13 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	15.739,4	80.709,5	900,7	97.349,6	59.048,4	23.742,2	14.558,9
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.945,9	1.900,0	141.941,8	79.593,6	56.000,0	6.348,2
2023/24	nov/23	10.162,0	119.066,4	2.100,0	131.328,4	84.465,3	8.863,1
	dez/23	6.348,2	118.528,1	2.100,0	126.976,3	84.465,3	4.511,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2023.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

45.309,0 mil ha

+2,8%

PRODUTIVIDADE

3.535 kg/ha

+0,8%

PRODUÇÃO

160.177,2 mil t

+3,6%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 14 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2017/18	35.149,2	3.507	123.258,9	
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1	
2019/20	36.949,7	3.379	124.844,8	
2020/21	39.531,2	3.526	139.385,3	
2021/22	41.492,0	3.026	125.549,8	
2022/23	44.079,8	3.507	154.605,9	
2023/24	nov/23	45.295,6	3.586	162.420,9
	dez/23	45.309,0	3.535	160.177,2

Fonte: Conab.

O plantio da safra de soja 2023/24 continua atrasado em todas as regiões produtoras, devido às irregularidades climáticas que assolam o país neste ano de El Niño. Até 2 de dezembro, 83,1% das áreas já haviam sido semeadas, enquanto na safra 2022/23, 90,7% das áreas estavam plantadas. Em alguns estados os trabalhos de implantação da cultura ficaram próximos aos da última safra, como Paraná e Mato Grosso. Porém, em Goiás, Minas Gerais, Matopiba e Rio Grande do Sul, a área semeada se encontra bem abaixo do ocorrido na safra 2022/23. No Rio Grande do Sul é devido ao excesso hídrico,

e nas demais regiões é por conta da irregularidade ou falta de precipitações.

Os replantios ocorreram em todas as regiões produtoras, devido a excesso ou falta de umidade suficiente para um bom estabelecimento das lavouras.

Em alguns estados, as chuvas irregulares e as altas temperaturas já impactaram o potencial produtivo das lavouras, por esse motivo reduzimos a nossa estimativa de produção para a cultura da soja nesta safra.

Neste levantamento está previsto o cultivo de 45.309 mil hectares com a oleaginosa, superior em 2,8% ao da última safra, e uma produção estimada de 160.177 mil toneladas, inferior em 1,4% ao último levantamento, mas ainda 3,6% superior à da safra 2022/23, recorde absoluto de produção até então.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a falta de chuva consistente dificultou o desenvolvimento pleno nas fases iniciais da soja em uma grande parcela das lavouras do estado. Todavia, o volume ainda se mostrou satisfatório para a evolução da maioria dos cultivos.

A semeadura da soja cobriu 98,7% da área dedicada à leguminosa. Além do pequeno atraso no plantio, ocasionado pela insuficiência pluviométrica, pontualmente várias propriedades em todo o estado tiveram que fazer um segundo plantio ou até mesmo um terceiro plantio, em substituição às lavouras debilitadas. Diante do quadro climático, há a sinalização de redução da produtividade, apesar das lavouras ainda apresentarem uma evolução satisfatória, mesmo com o pouco volume pluviométrico recebido. As precipitações ocorridas após o dia 22 de novembro melhoraram as condições das lavouras, porém as próximas semanas serão cruciais para uma avaliação



Foto 3 - Lavoura de soja - Campo Novo do Parecis-MT

Fonte: Conab.

completa dos impactos do clima no potencial produtivo da cultura.

Mato Grosso do Sul: o clima foi bastante adverso nos últimos 30 dias, com chuvas muito esparsas e de baixos volumes médios, gerando diversos pontos, na maioria dos municípios, com períodos de até 20 dias sem precipitações. As regiões do pantanal, centro e norte estadual foram as mais castigadas, uma vez que no leste e sudoeste a distribuição das chuvas foi melhor e mais frequentes no período. Além disso, houve uma semana com presença de temperaturas máximas atingindo 40 °C em diversas localidades, agravando mais as condições climatológicas, afetando diversos talhões que se encontravam em germinação. Atualmente, o clima apresentou melhora na ocorrência, distribuição das chuvas e temperaturas médias, mas não há acúmulo de umidade no solo, e um curto período de veranico será considerado problemático.

Diante dessas condições, a semeadura da soja evoluiu de forma atrasada em relação à safra passada, e está gerando um índice de ressemeadura de aproximadamente 3%, na média estadual, ou seja, são lavouras que

estão sendo implantadas fora da janela ideal de cultivo. Esse fato também provocou pequena alteração na área, visto que pontualmente os produtores que perderam talhões de soja decidiram mudar de cultura, partindo para o algodão ou milho primeira safra. Outros fatores que afetaram o potencial produtivo das lavouras foram a manutenção de talhões com estande reduzido e antecipação de ciclo, com plantas de porte pequeno, iniciando as fases reprodutivas.

Não há presença de doenças e, com a melhora no clima, após o dia 20 de novembro, os produtores iniciaram as aplicações de fungicidas onde as plantas estavam em floração. Todo esse quadro está motivando a redução na perspectiva da produtividade média estadual.

Rio Grande do Sul: até o momento da realização deste levantamento, as condições climáticas observadas no estado não foram favoráveis para a cultura. No período avaliado observaram-se chuvas volumosas, ventanias, granizo, excesso hídrico de água no solo, alagamentos, enchentes, muitos dias nublados e poucos dias de sol em todas as regiões do estado.

A cultura, que está no período ideal para a realização da semeadura, que, preferencialmente é até 15 de novembro e tolerável até 15 de dezembro, teve a operação severamente prejudicada pelo alto volume de chuvas. Com exceção de parte da Fronteira Oeste, onde o acumulado médio foi de 80 mm, e os volumes acumulados nas demais regiões foi de 120 mm a mais de 400 mm.

A evolução da semeadura se deu em 37% da área prevista, e aconteceu conforme as condições de umidade do solo permitiam, assim, observa-se heterogeneidade entre as regiões do estado. No Oeste e Planalto Médio, onde na safra passada já estavam semeadas 65% das áreas, nesta safra alcança apenas 37%. Na parte leste, a semeadura evoluiu um pouco mais, alcançando

45% da área prevista, mas ainda longe do seu ideal. Na Campanha e região sul, regiões onde a drenagem dos solos é mais limitada, a semeadura continua lenta. No Alto Uruguai e Missões, a evolução é ainda mais lenta.

As lavouras semeadas estão em emergência e desenvolvimento vegetativo. A umidade presente no solo proporciona germinação e desenvolvimento satisfatórios, porém os efeitos das chuvas torrenciais e ocorrência de granizo já foram observados em forma de dano físico e injúrias nas plantas recém-emergidas. As chuvas também provocaram erosão nos sulcos de semeadura e consequente perda de nutrientes e falha na germinação das sementes. A manutenção da alta umidade do solo ainda favoreceu a ocorrência de doenças fúngicas de solo, fato que causou a morte de plantas após a emergência e perdas no estande de plantas.

Haverá necessidade de replantio em algumas regiões, principalmente nas áreas de cotas inferiores, onde houve alagamentos e permanência de excesso hídrico por alguns dias.

Os produtores acompanham de perto a evolução das áreas já em desenvolvimento vegetativo e se programam para um manejo fitossanitário mais intensivo nesta safra que, muito cedo, já apresenta esporos de ferrugem-asiática por todo o estado.

Diante das condições relatadas, a produtividade já está comprometida e não deverá ter condições de atingir o potencial da cultura. Assim, mantemos a expectativa de produtividade aguardada para o final da safra, de 3.280 kg/ha.

No final do período da realização deste levantamento, as condições de umidade do solo estavam melhorando consideravelmente, assim, espera-se que os produtores acelerem a semeadura, visando recuperar o tempo perdido

e concluir esta etapa ainda dentro do calendário tolerável.

Paraná: o plantio aproxima-se do fim, visto que estas áreas já implantadas se encontram nos estágios de emergência, germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. A maioria das áreas apresenta bom desenvolvimento. Contudo, o excesso de precipitações provocou erosão em algumas lavouras e compactação do solo, o que prejudicou a germinação das plântulas. A menor luminosidade e temperaturas baixas, também prejudica o desenvolvimento de uma parcela desta cultura, em algumas regiões.

Santa Catarina: as precipitações ocorridas em outubro atrasaram o início do plantio em praticamente todas as regiões do estado. As fortes chuvas atrasaram a dessecação para o preparo das áreas, assim como a entrada das máquinas para a semeadura. Até o momento temos 70% da área destinada à soja implantada.

Em algumas áreas haverá necessidade de replantio decorrente do acúmulo de água sobre o solo, principalmente nas partes mais baixas das lavouras, o que fez com que as plântulas não sobrevivessem. O excesso de umidade também prejudicou o estande inicial de algumas lavouras, além de lixiviar parte dos nutrientes aplicados na semeadura e aumentar a incidência de doenças fúngicas, ataques de lesmas e caracóis.

Goiás: em torno de 83% das áreas estão semeadas, e o plantio deve se prolongar até a primeira semana de dezembro. Algumas lavouras da região sul estão na fase de floração, enquanto região norte e leste encontram-se, em sua maioria, em fase vegetativa.

Novembro foi marcado por interrupções no plantio, principalmente no leste, norte e oeste do estado, e replantio na região sul. O potencial das lavouras já

instaladas ficou comprometido, tanto na uniformidade do estande como na sanidade, este último devido ao baixo regime de chuvas e altas temperaturas, que inviabilizam os tratamentos fitossanitários.



Foto 4 - Soja em floração - Mineiros-GO

Fonte: Conab.

A escassez e irregularidades de chuvas anteciparam o processo de formação de flores, resultando na queda de potencial produtivo das lavouras devido à redução da massa foliar e área fotossintética ativa.

Minas Gerais: as chuvas esparsas, temperaturas elevadas e longos períodos secos contribuíram para o atraso significativo do plantio da soja, que se encontra com 65% das áreas semeadas, na semana do levantamento, contra 85% no mesmo período do ano passado. As condições climáticas observadas na parte sul do estado tiveram menor grau de severidade em relação às registradas no restante do estado. A depender da época de semeadura, já é possível identificar redução no potencial produtivo das lavouras.

Aquelas lavouras plantadas logo após as últimas chuvas do início de novembro tiveram o vigor das sementes bastante reduzido em razão das

elevadas temperaturas que o solo atingiu. Algumas lavouras que foram semeadas no solo seco sofreram com os impactos de chuvas de grandes volumes e em espaços curtos de tempo, o que acabou por compactar o solo e dificultar a emergência das sementes. Ambos os eventos são detratores da produtividade devido à redução de estande populacional. Além da queda no estande, as adversidades climáticas geraram um estresse elevado nas lavouras de maneira geral, visto que em casos mais extremos culminou com o replantio de algumas áreas. Ainda é cedo para estimar um índice de replantio, pois é de fundamental importância analisar a viabilidade ou não da lavoura, a depender da sua recuperação após o retorno das últimas chuvas.

Outra consequência verificada foi a perda de folhas baixas, reduzindo a área fotossintética e comprometendo a produção. Salientamos que as áreas semeadas no sistema de plantio direto tiveram esses impactos minimizados em relação às áreas cultivadas sob o sistema convencional de preparo do solo, uma vez que a cobertura do solo, além de reduzir a perda de umidade, ameniza a temperatura.

Como Minas Gerais possui uma área muito expressiva de cultivos de soja sob pivôs centrais, destacamos que, principalmente, na região noroeste, parte dos produtores estão tendo dificuldade na captação de águas, seja de barragens ou rios, pois, devido às altas temperaturas e baixas precipitações, o nível tem reduzido consideravelmente. Além dos efeitos do clima nas lavouras, merece destaque as condições fitossanitárias, uma vez que a lagarta-elasmó também é responsável por parte da redução de produtividade verificada na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Quando comparado com a safra 2022/23, verificamos principalmente a migração da área que foi destinada ao milho na safra passada para a soja.

São Paulo: o plantio está sendo finalizado, e o fator principal do atraso foi o veranico ocorrido na região centro-oeste e sudeste, com algumas áreas necessitando de replantio. Houve relatos de escaldadura devido às altas temperaturas. A maioria das lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo, e apresentam boas condições de desenvolvimento

Distrito Federal: cerca de 60% do plantio já foi realizado, com atraso significativo, se comparado à safra passada. A escassez hídrica verificada no período favoreceu o aumento na incidência de pragas nas lavouras já semeadas, inibindo também o seu desenvolvimento e provocando até a morte em alguns talhões. Estima-se que 10% dos produtores realizaram replantio, fato que já compromete o estabelecimento das variedades tardias. Esses fatores já afetaram o potencial produtivo das lavouras.

Bahia: durante novembro, houve registros de chuvas significativas, entretanto foram esparsas e intermitentes, não ocorrendo de forma contínua em todas as localidades da região produtora. Os plantios de sequeiro foram iniciados e estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo. As chuvas irregulares estão limitando o desenvolvimento destas lavouras, mas percebe-se superior qualidades das cultivadas sobre palhada em relação às lavouras cultivadas de forma convencional. Os cultivos irrigados estão em fase de desenvolvimento vegetativo, florescimento e enchimento de grãos, beneficiados pela alta luminosidade.

Maranhão: o plantio foi iniciado no final de outubro na região dos Gerais de Balsas, no sul do estado, alcançando 80% da área prevista no final de novembro. Nas regiões de Porto Franco e das Chapadas das Mangabeiras, a implantação das lavouras vem ocorrendo em ritmo mais lento em virtude dos baixos volumes de chuvas. Na região de Presidente Dutra, no centro do estado, a semeadura já ocorreu em 5% da área.

O plantio alcançou 44% das áreas no final de novembro, com evidente atraso na operação em relação à safra anterior devido às precipitações irregulares e à baixa reserva hídrica dos solos. As lavouras estão nos estádios de emergência



Foto 5 - Soja em Desenvolvimento Vegetativo - Fortaleza dos Nogueiras-MA

Fonte: Conab.

e desenvolvimento vegetativo.

As demais regiões produtoras, como o centro, oeste e leste do estado, realizarão a semeadura entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024, com a ocorrência das precipitações.

Piauí: a cultura teve sua semeadura iniciada no início de novembro e se intensificou a partir da segunda semana, com registros de chuvas em volumes mais significativos e consequente elevação da umidade do solo. Ela segue avançando, porém de forma irregular, pois ainda existem áreas onde o déficit hídrico impossibilita a continuidade do plantio.

Até o momento, as lavouras estão se estabelecendo em boas condições.



Foto 6 - Lavoura de soja - Baixa Grande do Ribeiro-PI

Fonte: Conab.

Tocantins: o plantio alcança 70% da área prevista, tendo sido realizado em situações diversas no estado. As condições climáticas foram desfavoráveis, com chuvas irregulares, altas temperaturas e veranicos, o que acarretou o replantio de algumas regiões e perda do potencial produtivo em algumas áreas.

Pará: a nova safra de soja continua sendo plantada no estado. No sudeste, o plantio acelerou com o retorno das precipitações. As lavouras se encontram nos estágios de emergência até o início da fase de floração. A região sudoeste, como Novo Progresso e o sudoeste de Altamira, a semeadura teve início com o fim do vazio sanitário e a ocorrência das primeiras chuvas. Porém, estas não se mostraram estáveis e consistentes, e foi necessário suspender a semeadura e ocorreu o replantio em algumas áreas.

Rondônia: apesar da persistência da estiagem, com altas temperaturas, chuvas irregulares e escassez hídrica enfrentadas em todas as regiões, o plantio avançou em todo o estado. Já foram semeadas 85% das áreas, das quais, aproximadamente, 60% se encontram em fase de emergência, 10%

Continua

em desenvolvimento vegetativo e 30% iniciando a formação de grãos. No entanto, muitas áreas já plantadas, demonstraram perdas significativas de germinação, sendo necessário o replantio destas.

Amazonas: o estado passou por um longo período de estiagem, atrasando o plantio dos grãos em 60 dias. Entretanto, na primeira quinzena de novembro, de forma discreta, começaram a surgir as primeiras chuvas, animando os produtores para o começo do plantio, que já alcança 40% da área prevista.

Ressalta-se que o aumento significativo da área de soja é resultado de vários arrendamentos de terras e à concessão de novas licenças ambientais.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024										
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI		
RO	Leste Rondoniense	1,18		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	M/C	C				
PA	Sudeste Paraense	1,65		S/E	E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins	1,71		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Oriental do Tocantins	1,43		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C			
MA	Sul Maranhense	1,85		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	2,48			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	5,01			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MT	Norte Mato-grossense	19,20	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Nordeste Mato-grossense	6,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Mato-grossense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	4,65	S/E	S/E/DV	DV/F	F	EG/M/C	M/C	C				
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,53	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
GO	Noroeste Goiano	0,68		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Goiano	0,60		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Goiano	0,65		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Leste Goiano	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Goiano	8,74		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas	1,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,19		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
SP	Assis	0,84		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	1,09		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,92	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	1,99		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,51		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,55		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	1,19	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Paranaense	1,00		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Catarinense	0,76		S/E/DV	E/DV	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	3,33		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,78		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	1,18		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	0,92		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2022/23

SOJA EM GRÃOS

As exportações de soja em grãos, de janeiro a novembro de 2023, continuam elevadas. Além disso, o line-up até o final de dezembro é estimado em mais de 100 milhões de toneladas.

Por este motivo, a Conab eleva as exportações de soja em grãos de 98,06 milhões de toneladas para 100,03 milhões de toneladas.

Há uma redução de esmagamento de 350 mil toneladas, motivada por uma diminuição nas estimativas de exportações de farelo e óleo de soja.

Com isso, os estoques finais de 2023 passam de 5,21 milhões de toneladas para 3,6 milhões de toneladas.

FARELO DE SOJA

A Conab reduz as exportações de farelo de soja em 199 mil toneladas, acompanhando os números de exportações da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

Dessa forma, a produção de farelo de soja é reduzida em 170 mil toneladas, e os estoques aumentados em 29 mil toneladas.

ÓLEO DE SOJA

Com os novos números de produção de biodiesel para 2023 da Agência Nacional de Petróleo (ANP), a Conab faz um ajuste nas vendas do mercado interno de óleo de soja em 7 mil toneladas.

Acompanhando os números da Secex, onde as exportações atuais estão abaixo do estimado, a Conab reduz em 200 mil toneladas as exportações de óleo de soja, passando de 2,6 milhões de toneladas para 2,4 milhões de toneladas.

Há um pequeno ajuste nas importações de óleo de -12 mil toneladas, acompanhando os números atuais da Secex.

Assim, a produção de óleo de soja é reduzida em 71 mil toneladas, com aumento de 110 mil toneladas nos estoques finais.

SAFRA 2023/24

SOJA EM GRÃOS

A produção de soja em grãos, para a safra 2023/24, é reduzida em 2,24 milhões de toneladas, passando de 162,42 milhões de toneladas para 160,18 milhões de toneladas. Essa redução é motivada por uma menor estimativa de produtividade, ocasionada pelos problemas de adversidades climáticas ocorridas nos principais estados produtores do Brasil.

Portanto, as estimativas de exportações também foram reduzidas em 1,42 milhão de toneladas, estimadas em 101,59 milhões de toneladas.

Os esmagamentos são reduzidos em 1,05 milhão de toneladas, devido, principalmente, pela redução de estimativa de venda no mercado interno de farelo de soja em 2024.

Com isso, os estoques de passagem devem finalizar o ano de 2024 em apenas 5 milhões de toneladas.

FARELO DE SOJA

A estimativa de venda de farelo no mercado interno é reduzida em 1 milhão de toneladas, passando de 19 milhões de toneladas para 18 milhões de toneladas. Acompanhando as estimativas de mercado e com a expectativa de elevação de produção na Argentina.

Dessa forma, a produção de farelo é reduzida em 528 mil toneladas, e os estoques são aumentados em 501 mil toneladas.

ÓLEO DE SOJA

As exportações de óleo de soja são reduzidas em 300 mil toneladas, motivadas pelo arrefecimento das exportações atuais e à expectativa de elevação de produção na Argentina.

Por esse motivo, a produção de óleo de soja também é reduzida em 212 mil toneladas, e os estoques aumentados em 192 mil toneladas.

TABELA 15 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2022/23	4.739,6	154.609,5	200,0	159.549,1	55.927,5	100.023,5	3.598,0
	2023/24	3.598,0	160.177,2	200,0	163.975,2	57.383,9	101.589,2	5.002,1
FARELO	2022/23	1.385,5	40.092,0	0,7	41.478,1	17.800,0	21.627,9	2.050,2
	2023/24	2.050,2	41.039,6	1,0	43.090,8	18.000,0	21.500,0	3.590,8
ÓLEO	2022/23	508,1	10.497,2	28,1	11.033,4	8.364,9	2.400,0	268,5
	2023/24	268,5	10.758,3	50,0	11.076,8	9.058,0	1.600,0	418,8

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em dezembro/2023.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

3.466,2 mil ha

12,3%

PRODUTIVIDADE

2.349,0kg/ha

-31,3%

PRODUÇÃO

8.143,0mil t

-22,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 16 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017	1.916,0	2.225	4.263,5
2018	2.042,4	2.657	5.427,6
2019	2.040,5	2.526	5.154,7
2020	2.341,5	2.663	6.234,6
2021	2.739,3	2.803	7.679,4
2022	3.086,2	3.420	10.554,4
2023	nov/23	3.459,7	9.713,6
	dez/23	3.466,2	8.143

Fonte: Conab.

Com a aproximação do fim da safra 2023, houve ajustes pontuais nas áreas semeadas, o que levou o seu aumento em relação ao levantamento anterior. Em direção contrária, a produtividade foi reduzida nos três principais estados produtores, acarretando uma diminuição de 15,5% da produção em relação ao levantamento passado. Salienta-se que apenas Rio Grande do Sul e Santa Catarina ainda estão com lavouras em campo.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a safra 2023 de trigo do Rio Grande do Sul se aproxima do final, uma vez que as condições climáticas dos últimos meses não foram favoráveis, com chuvas volumosas, ventanias, granizo, enxurradas, enchentes, muita nebulosidade e poucos dias com sol em todas as regiões do estado. A conclusão da colheita não ocorreu devido ao excesso de chuvas e o encharcamento do solo.

Após um período de implantação animador, até a fase reprodutiva, a perspectiva era de uma safra semelhante à de 2022, quando o estado colheu a safra recorde de produção. Da metade do ciclo produtivo em diante começou o período chuvoso, persistindo por todo o período de enchimento de grãos, maturação e colheita.

As consequências do excesso de umidade foram danosas. O ataque de doenças foi severo, não obstante a aplicação de agroquímicos além do número de aplicações constantes no planejamento da lavoura, outras tantas foram feitas, mesmo assim sem o sucesso almejado. A consequência foi a diminuição da produtividade, levando sua projeção a ser inferior à divulgada no levantamento anterior.

A qualidade foi abaixo das expectativas iniciais. O trigo com PH 78, exigência mínima para a panificação, deve ficar em torno de 20% do total colhido. Do restante, 50% tem PH de 72 a 77 e 30% está classificado como triguilho.

A área cultivada pela cultura foi ajustada de acordo com as novas informações oriundas do campo, havendo aumento em relação ao levantamento anterior.

Paraná: a colheita foi finalizada. Esta cultura foi prejudicada por eventos de excesso de umidade, registrados ao longo de setembro, outubro e novembro de 2023, o que diminuiu a qualidade do respectivo produto colhido, culminando em um produto com baixo PH, inclusive classificado como fora de padrão e triguilho, que terá como destino a indústria de fabricação de rações para animal.

Com informações obtidas em campo, houve redução da área cultivada em relação ao levantamento anterior.

Santa Catarina: a colheita avançou pouco nos últimos dias, já que os produtores voltaram suas atenções ao plantio da soja, além das fortes chuvas ocorridas durante novembro.

Nas lavouras mais tardias, apesar das condições climáticas adversas, os manejos fitossanitários e demais tratamentos culturais continuaram acontecendo, mesmo assim, nas áreas já colhidas constatou-se redução da produção e produtividade em relação à safra passada, além da redução do PH por conta da germinação do grão na espiga.

O trigo colhido está apresentando baixa qualidade, com o PH na faixa de 70 a 74. Em torno de 20% tem sido classificado como triguilho e deve ser direcionado para produção de ração animal por falta de qualidade para moagem. Com a continuidade das chuvas, houve áreas que foram mais afetadas pelos alagamentos, que são consideradas ruins e que deixarão de ser colhidas. As maiores áreas, localizadas na região de Campos Novos, devem ser colhidas nos próximos dias.

A safra atual encaminha-se para um resultado negativo em relação à anterior. A produtividade apresenta queda acentuada em virtude das

más condições climáticas que perduraram no final do ciclo da cultura, ocasionando perdas na quantidade e na qualidade dos grãos colhidos. As precipitações excessivas por longo período, ora acompanhadas de granizo, contribuíram decisivamente para o resultado apresentado.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda - Condição hídrica																				
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
UF	Mesorregiões-	Trigo - Safra 2023																		
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ										
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C													
GO	Leste Goiano	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C													
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	S/E	E/DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C													
SP	Itapetininga	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C													
PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C												
	Norte Central Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C												
	Norte Pioneiro Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C													
	Centro Oriental Paranaense		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C											
	Oeste Paranaense	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C												
	Sudoeste Paranaense		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C											
	Centro-Sul Paranaense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C											
	Sudeste Paranaense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C											
SC	Oeste Catarinense		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
	Norte Catarinense		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
	Serrana		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C										
RS	Noroeste Rio-grandense		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
	Nordeste Rio-grandense			S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C										
	Sudoeste Rio-grandense		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C											

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

Em novembro de 2023, as atenções dos produtores estavam todas voltadas para as adversidades climáticas, que geraram perdas qualitativas e quantitativas para a safra nacional, bem como para os mecanismos de

subvenção econômica da PGPM.

Foram realizados os primeiros leilões de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural e/ou Cooperativa (PEPRO) e Prêmio para escoamento do Produto (PEP). Com isso, as cotações apresentaram valorizações nos dois maiores estados produtores nacionais.

No Paraná, a média mensal foi cotada a R\$ 65,99 a saca de 60 quilos, apresentando valorização mensal de 27,96%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 57,87 a saca de 60 quilos, com valorização de 13,32%.

No mercado internacional, o excedente de trigo russo, com preço mais competitivo que os dos demais países, segue atuando como um dos principais fatores de pressão das cotações. Ademais, a melhora climática em importantes países produtores europeus e na Austrália também atuou como fator baixista das cotações. A média da cotação FOB Golfo foi de US\$ 282,44, apresentando desvalorização mensal de 6,11%.

A Conab revisou os números referentes à área, produtividade e produção, da safra 2023/24. A estimativa é que sejam plantados 3.466,2 mil hectares (+12,3%), com produtividade de 2.349 kg/ha (-31,9%) e colhidos 8,14 milhões de toneladas (-22,8%).

Em relação à Balança Comercial, os dados preliminares do Ministério da Indústria e Comércio Exterior apontam que foram importadas 186,9 mil toneladas em 11 dias úteis.

Com a redução da produção será necessário incrementar o quantitativo de importações, passando de 5,04 milhões de toneladas para 6 milhões de toneladas, bem como deverá ser reduzido o montante de exportações, passando de 2,6 milhões de toneladas para 2 milhões de toneladas. Com as

alterações supracitadas, estima-se encerrar a safra 2023/24 com estoque de passagem de 240,8 mil toneladas.

TABELA 17 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017	3.188,7	4.262,1	6.387,5	13.838,3	11.244,7	206,2	2.387,4
2018	2.387,4	5.427,6	6.738,6	14.553,6	11.360,8	582,9	2.609,9
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	12.049,8	3.045,9	722,5
2022*	722,5	10.554,4	4.514,2	15.791,1	12.394,1	2.656,6	740,4
2023**	nov/23	740,4	9.633,3	5.400,0	15.773,7	12.641,8	531,9
	dez/23	740,4	8.143,0	6.000,0	14.883,4	12.642,6	240,8

Legenda: (*) Estimativa. (**) Previsão

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2023.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: o comportamento climático na principal região produtora do estado foi considerado mediano para a cultura, com ocorrência de pancadas de chuva isoladas, que, no acumulado, abrangeram a maior parte das lavouras, fornecendo o mínimo necessário de umidade para o desenvolvimento inicial das plantas. Essa inconstância nas chuvas provocou um atraso na semeadura, que está em aproximados 79% da área prevista.

A melhora no clima, ao final de novembro, permitiu a evolução da semeadura, uma vez que a maior parte das lavouras está em desenvolvimento vegetativo e uma pequena parcela iniciou o florescimento. Não há acometimento de pragas em relevância, e os talhões que atingiram as fases reprodutivas já recebem a segunda dose de fungicidas preventivos.

Esta conjuntura permite estimar produtividades satisfatórias para o amendoim, que está se mostrando uma excelente alternativa para a região leste, onde as características de solo e clima, associados ao fornecimento de insumos com assistência técnica e aquisição da produção por cooperativa especializada neste cultivo são os impulsionadores da área cultivada estadual.

Aproximadamente 35% da produção prevista possui cédula de produto rural a fixar com a cooperativa, onde é definido um preço mínimo que poderá ser pago ao produtor no montante necessário para cobrir os custos com a aquisição dos insumos, porém, se no momento do travamento a cotação

estiver melhor, o produtor recebe a diferença em dinheiro.

São Paulo: a cultura está em torno de 60% semeada. O cultivo concentra-se, basicamente, em torno de Jaboticabal, Marília e Tupã.

A área plantada é de 210 mil hectares. A estimativa de crescimento da área, se comparada com a safra anterior, é de 10,4%. O aumento se dá em virtude dos preços recebidos pelos produtores, influenciado pelo mercado externo absorvendo boa parte da produção.

Até recentemente, a leguminosa entrava somente na rotação com a cana-de-açúcar, mas já nos últimos anos, a cultura vem despontando como primeira opção.

Os produtores se utilizam do crédito de custeio para financiar a safra, e as cooperativas oferecem toda a estrutura desde plantio à comercialização.

Minas Gerais: o cultivo de amendoim acontece em rotação de cultura nas áreas de cana-de-açúcar, e tem como destinação a comercialização com empresas de São Paulo ou diretamente para exportação, principalmente para a China, ou ainda, esmagadas em planta de produção de óleo em Iturama.

Os produtores já iniciaram os plantios, estimando-se que cerca de 50% da área a ser cultivada já esteja semeada, até o momento. Eventual atraso no plantio pode ocorrer em áreas de rotação com cana-de-açúcar em virtude do atraso da colheita da cana.

Quanto à produtividade, nos dois últimos anos, a elevada produtividade esperada não se confirmou, em razão de perdas na colheita devido às chuvas que ocorreram no momento de seca das fileiras tombadas, e ao fato

de que os equipamentos para a colheita são, em geral, adaptados para essa função, e nem sempre são exatamente adequados a ela.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva						

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2023/2024						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	3,59	S/E	E/DV	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,25	S/E	E/DV	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,33	S/E	E/DV	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	11,72	S/E	E/DV	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C
	Marília	24,03	S/E	E/DV	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	16,70	S/E	E/DV	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	15,50	S/E	E/DV	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	10,99	S/E	E/DV	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a região noroeste é a maior produtora de girassol.

O Rio Grande do Sul vem sendo assolado por chuvas volumosas e constantes, a alta saturação com água, do solo extremamente argiloso, impede que os produtores consigam entrar com o maquinário nas lavouras, atrasando os tratamentos com fungicidas e inseticidas.

As chuvas constantes afetam também a polinização da cultura, diminuindo a atuação dos insetos polinizadores, o que acarreta a redução do tamanho e número de grãos nos capítulos. A falta de radiação solar também tem

influência sobre a produtividade da cultura, comprometendo a formação do grão.

A safra 2023/24 já tinha encerrado sua semeadura em setembro. Mais de um quarto das áreas (28%) já está em estágio de floração, enquanto o restante continua em desenvolvimento vegetativo (72%), em formação do capítulo. Até o momento, a cultura apresenta bom desenvolvimento e sanidade. Ainda há previsão de mais chuvas para o fim do ciclo da cultura e, conseqüentemente, maior risco de doenças do capítulo.

O girassol alto-oleico, além do preço homólogo ao da soja, recebe pagamento de prêmio. Implantada com insumos mais baratos que a safra passada, traz a expectativa de um bom retorno econômico para os produtores, com remuneração satisfatória e liquidez.

MAMONA

Bahia: espera o aumento da área cultivada, com a redução do cultivo de sequeiro e ampliação do cultivo irrigado.

A alta na produtividade deve-se ao aumento do cultivo das lavouras irrigadas em detrimento das lavouras de sequeiro.

Durante novembro houve registros de chuvas significativas, entretanto as chuvas foram esparsas e intermitentes, não ocorrendo de forma contínua em todas as localidades da região produtora. Os plantios de sequeiro foram iniciados, mas seguem em quadro de baixa restrição hídrica.

A mamoneira é uma planta semiperene, permitindo a exploração produtiva no segundo e terceiro anos após o plantio. Devido a esta característica, espera-se a manutenção de 54% das lavouras cultivadas na safra 2021/22 e a destruição dos outros 46% com renovação ou rotação de cultura.

Após a safra 2015/16, cuja irregularidade hídrica provocou perdas significativas em toda a região, observou um crescimento paulatino do cultivo irrigado com irrigação localizada (gotejamento), e nos últimos dois anos a tecnologia da energia solar reduziu os custos de produção.

Foi observada a mudança do perfil produtivo das lavouras de mamona, com o aumento significativo de lavouras irrigadas por gotejamento, aumentando o rendimento produtivo dos campos. Observa-se também a prática da rotação de cultura, alternando o cultivo da mamoneira com cebola, milho e feijão.

As lavouras irrigadas de primeiro e segundo ciclos seguem com bom desenvolvimento, encontrando-se lavouras em todas as fases do ciclo fenológico, desde o plantio até à colheita. As lavouras de sequeiro de segundo ciclo apresentam recuperação fisiológica devido às chuvas ocorridas, recuperando o enfolhamento. O plantio de sequeiro segue lento devido à intermitência das chuvas.

A cotação da mamona segue em alta. Novembro é caracterizado como de baixa oferta de produtos devido à entressafra, havendo movimento de alta nos preços.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura se deu 5% em abril, 20% em maio, 61% em junho e 14% em julho. Foram cultivados 356,4 mil hectares de aveia na safra 2023.

No período de realização deste levantamento constatou-se que as áreas da cultura já foram 100% colhidas. Visando a retirada do produto da lavoura, agricultores continuaram realizando a colheita mesmo em condições não ideais.

A safra 2023 fica marcada por grandes perdas no cultivo de aveia-branca no Rio Grande do Sul. Os resultados obtidos pelos agricultores não foram satisfatórios. Além da quebra de produtividade, a qualidade do produto colhido não é boa.

A cultura apresentou bom desenvolvimento inicial e recebeu os tratamentos culturais conforme as orientações técnicas, porém as chuvas volumosas, que ocorreram a partir do início de setembro, chegaram no período de florescimento da cultura e persistiram durante o enchimento de grãos, maturação e colheita, impactando a produtividade e qualidade dos grãos colhidos.

Sem a possibilidade de realizar as aplicações de fungicidas de prevenção e controle das doenças, o que se observou no campo foi uma alta infestação de doenças nas estruturas reprodutivas das plantas. As chuvas, geralmente

acompanhadas de tempestades e ventos fortes, ainda provocaram o acamamento das plantas em algumas lavouras.

A qualidade dos grãos foi gravemente comprometida pela incidência das doenças, resultando em alto teor de micotoxinas e fazendo com que boa parte da produção não possa ser utilizada para a alimentação humana.

Visando diminuir as perdas financeiras, muitos produtores buscam comercializar o produto para fabricação de rações, porém o preço recebido pelo produto é significativamente menor, comprometendo seriamente a rentabilidade da lavoura, outros optaram por não colher, evitando novos gastos com a colheita e se valendo da massa vegetal para cobertura do solo.

Paraná: a colheita está concluída. Esta cultura foi muito prejudicada por eventos de excesso de umidade, registrados ao longo de setembro, outubro e novembro, o que diminuiu a qualidade do respectivo produto colhido.

A maior parte da produção Paranaense de grãos de aveia-branca, proveniente da safra 2023, já foi comercializada, uma vez que o destino principal deste cereal é a indústria de ração animal, enquanto uma menor parcela é comercializada para a indústria de alimentação humana.

Mato Grosso do Sul: a restrição hídrica na primeira quinzena de outubro favoreceu a colheita dos últimos talhões no estado.

Identificou-se que os produtores desistiram de colher uma maior área cultivada com aveia comparativamente ao levantamento passado, fato justificado tanto pelo atraso na colheita das culturas de segunda safra, que prolongou esta operação agrícola até o período de implantação da soja, quanto pelas ocorrências de vendavais em agosto e setembro, que provocaram a debulha espontânea e acamamento de muitas lavouras,

inviabilizando economicamente talhões, sendo estes fatores climáticos também responsáveis pela redução da produtividade média estadual final.

A produção está estocada em bags, silos-bolsas e poucos armazéns que se dispuseram a receber a aveia, praticamente sem comercialização. Os produtores pretendem guardar parte dos grãos para semear na próxima safra e comercializar o excedente na entressafra quando esperam uma melhora nas cotações, direcionando o produto principalmente para vizinhos que buscarão “sementes” e confinamentos de animais.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Aveia - Safra 2023								
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Norte Central Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense			S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: novamente, as condições climáticas de novembro não foram favoráveis para o andamento da colheita da canola, ainda assim, a cultura chega aos 99% da área colhida, restando apenas 1% da área em

maturação nas regiões da Campanha e Planalto Superior. A alta incidência de chuvas volumosas, recorrentes e acompanhadas de ventanias e granizo, além de dificultar a colheita como um todo, pela alta umidade dos grãos e dificuldade na entrada das máquinas nas lavouras, ocasionou a debulha das síliquas e perda dos grãos.

De modo geral, as condições climáticas foram adequadas ao longo do ciclo da cultura, mas confirmou-se a redução de produtividade em relação ao potencial da cultura pelas falhas na formação das síliquas e dos grãos, desencadeadas pelas altas temperaturas ocorridas em julho e agosto, causando o abortamento floral. Outro ponto a destacar, seria a falta de insolação das lavouras, que impacta diretamente a presença de polinizadores da canola e retarda os processos fisiológicos, reduzindo o armazenamento oleico nos grãos.

O desenvolvimento da cultura ocorreu de forma adequada e, durante o ciclo, a expectativa de produtividade pelos produtores se manteve otimista. O impacto maior da produtividade deu-se pelas temperaturas altas, que foram prejudiciais às flores e ao enchimento das síliquas e às intempéries ocorridas no período de enchimento de grão e maturação das lavouras, momento extremamente sensível da cultura.

O comportamento do clima ao fim do ciclo é um dos fatores que mais influenciam o resultado produtivo da canola e, de modo geral, não foi favorável. Com 99% das áreas colhidas, a média produtiva foi abaixo do previsto. A redução das perdas devido às intempéries no fim do ciclo é em razão, especialmente, do melhoramento genético que visa a resistência das síliquas e maior tecnificação dos manejos pré-colheita e de colheita.

Com base em novas informações coletadas, especialmente sobre a produção

total recebida pela indústria, cerealistas e cooperativas, aumentamos a área cultivada para 91 mil hectares, com vista à observação dos técnicos no campo.

Entre as culturas semeadas nesta safra de inverno, poucas trouxeram um mínimo de retorno financeiro para o produtor. Concorrente em área com os cereais de inverno, a canola chega ao fim da safra com produtividade mediana, liquidez da produção e bom preço, garantindo alguma rentabilidade.

Os agricultores que firmaram os contratos anteriores à safra, conseguiram negociar a saca de canola por 95% a 100% do valor da saca de soja. Já, os produtores que buscam a venda do produto agora, conseguem negociar a canola por 85% a 90% do preço pago pela soja, dependendo do prazo para pagamento.

Paraná: já foi realizada a colheita da totalidade das áreas cultivadas com canola. Esta cultura foi muito prejudicada por eventos de excesso de umidade, registrados ao longo de setembro, outubro e novembro de 2023, o que diminuiu a qualidade do respectivo produto colhido.

CEVADA

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura se deu em 1% da área em maio, 49% em junho, 38% em julho e 12% em agosto.

As condições climáticas foram boas para as lavouras até agosto, e o desenvolvimento vegetativo indicava para bom potencial produtivo. Desde 1º de setembro de 2023 as condições climáticas foram muito desfavoráveis para a cultura. Desde esta data, alguns pontos das principais regiões

produtoras (leste, Planalto Médio e Planalto Superior) observam acumulados de até 1.500 mm.

Durante este período, as lavouras passaram pela fase reprodutiva (florescimento, enchimento de grãos e maturação), assim, as chuvas e alta umidade propiciaram condições para que diversas doenças pudessem infectar as estruturas reprodutivas das plantas, sem que os agricultores pudessem realizar o manejo de prevenção e controle.

Esta situação acarretou, num primeiro momento, na redução da produtividade em razão da não formação ou má formação dos grãos e, num segundo momento, na diminuição da densidade dos grãos, medida pelo peso de hectolitro, e a contaminação destes por micotoxinas. Estes fatores levaram a um poder germinativo baixo e a concentração de DON superiores aos toleráveis para o uso dos grãos pela indústria cervejeira.

A colheita já está finalizada em praticamente todas as regiões do estado. A exceção é o Planalto Superior, onde a semeadura é realizada tardiamente em relação às demais regiões do estado.

No Rio Grande do Sul, a colheita já atingiu 88% da área cultivada. A colheita não se deu como esperado, em muitas áreas a operação não pode ser realizada no momento ideal, situação que aumentou as perdas de produtividade e qualidade do produto. Em algumas regiões o produto foi 100% classificado como cevada forrageira.

A área não colhida está no Planalto Superior e toda em maturação (12%), para estas áreas os agricultores e técnicos acreditam que a qualidade do produto e a produtividade obtidas serão piores às observadas, até o momento.

Os agricultores buscaram alternativas para diminuir as perdas financeiras. Alguns realizaram silagem da massa verde da cultura, enquanto outros utilizam os grãos para consumo no arraçamento animal na propriedade. Outra ação dos agricultores em todas as regiões do estado foi o acionamento do seguro.

Diante das condições relatadas, diminuimos nossa expectativa de rendimento da cultura em relação à safra.

Não houve fato novo que justifique alteração da área cultivada da cultura. Mantemos a área em 37 mil hectares.

Por não atender os critérios relativos ao DON e poder germinativo, o produto final não pode ser usado na fabricação de malte e, assim, teve seu preço de comercialização significativamente depreciado, intensificando as perdas financeiras dos produtores.

O preço recebido pelo agricultor é atrelado à cotação do trigo, assim, a desvalorização observada entre o período pré-semeadura e a colheita no trigo também ocorreu na cevada. Agricultores que firmaram contratos de venda com preços preestabelecidos receberão preços melhores, mas para isso precisam atender aos padrões de qualidade exigidos pela indústria, condição que poucos alcançaram.

Paraná: com a colheita concluída, constata-se que a cultura foi prejudicada por eventos de excesso de umidade, registrados em setembro, outubro e novembro, o que diminuiu a qualidade do produto colhido.

Uma grande parte do produto colhido, devido às chuvas, tivera a qualidade deteriorada, sendo classificado como baixo padrão e forrageira, que terá

como destino a indústria de fabricação de rações para animal.

A maior parte da produção paranaense de cevada já foi comercializada. A comercialização deste cereal se intensifica devido aos cultivos desse cereal serem, em sua maioria, fomentados pela indústria produtora de malte.

Santa Catarina: a colheita se aproxima do final. A qualidade do produto é regular. Com a volta das chuvas em algumas áreas, porém não se descarta redução da qualidade das lavouras que ainda estão em maturação e ponto de colheita, podendo vir a impactar negativamente na produtividade.

CENTEIO

Paraná: colheita finalizada. O excesso de umidade reduziu a qualidade do produto colhido. Uma parte do centeio colhido nesta safra já foi comercializado.

TRITICALE

Paraná: colheita concluída. Similar ao ocorrido com as outras culturas de inverno, o triticale teve a produtividade reduzida.

Uma grande parte do produto colhido, devido às chuvas, teve a qualidade deteriorada, assim, culminando em um produto com baixo PH, até mesmo classificado como fora de padrão, que terá como destino a indústria de fabricação de rações para animal.

Rio Grande do Sul: as chuvas ocorridas em setembro, outubro e novembro atingiram as lavouras quando estas estavam atravessando sua fase reprodutiva, florescimento, enchimento de grãos e maturação. Essa condição propiciou a infestação de doenças nas lavouras, principalmente giberela e brusone, diminuindo a produtividade das lavouras.

No último mês, período objeto do presente levantamento, as precipitações, além de causar perdas de produtividade, também causaram o atraso da colheita, que já deveria estar finalizada.

Até o momento, foram colhidas 80% das áreas semeadas na Depressão Central. No Planalto Médio a situação é similar, nesta região observou-se um volume acumulado de 200 mm a 300 mm nos primeiros vinte dias de novembro.

A manutenção do produto no campo intensifica as perdas, que já eram grandes. O restante da área (20%) está em maturação, pronta para ser colhida. Agricultores estão na expectativa de dias consecutivos de sol para a secagem da palha, dos grãos e do solo para que a operação de colheita seja retomada.

A qualidade do produto colhido também não é a ideal. Produtores relatam que os grãos apresentam alta concentração de micotoxinas. Para as áreas ainda não colhidas é esperado que a qualidade do produto colhido seja ainda pior.

Faltando uma parcela da área para ser colhida, e as produtividades observadas até o momento da realização deste levantamento não são boas. Mesmo o triticle sendo uma planta mais rústica em relação a doenças, quando comparado ao trigo e à aveia, as chuvas, as doenças, os dias nublados, a alta

umidade e a pouca luminosidade reduziram a produtividade em relação à expectativa inicial.

Diante de novas informações oriundas do campo, alteramos a área cultivada da cultura para 9,7 mil hectares.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



APÊNDICE

O trabalho a seguir foi elaborado a partir da base de dados do Sistema de Informações Agropecuárias e de Abastecimento (Siagro). Foram calculadas as médias mensais em todos os estados possíveis para três produtos considerados importantes na alimentação da população brasileira: arroz, feijão e farinha de mandioca. Os objetivos foram: verificar o comportamento dos preços no período pandêmico e pós-pandêmico, comparar os preços dentro de estados da mesma região, comparar a evolução dos preços recebidos pelos produtores e aqueles pagos pelos consumidores no mercado varejista.

Com vistas a uniformizar a análise, o preço recebido pelo produtor pelo arroz em casca, tipo 1, e para o feijão cores, foi convertido para reais por saca de 60 quilos. O preço da raiz de mandioca para farinha foi convertido para reais por tonelada. Os preços no varejo foram todos convertidos para reais por quilo.

Os dados a seguir mostram os preços coletados não deflacionados. O IPCA utilizado nas tabelas é para o grupo de alimentos e bebidas. Nas capitais, onde não há cálculo do índice, foi utilizada a média nacional.

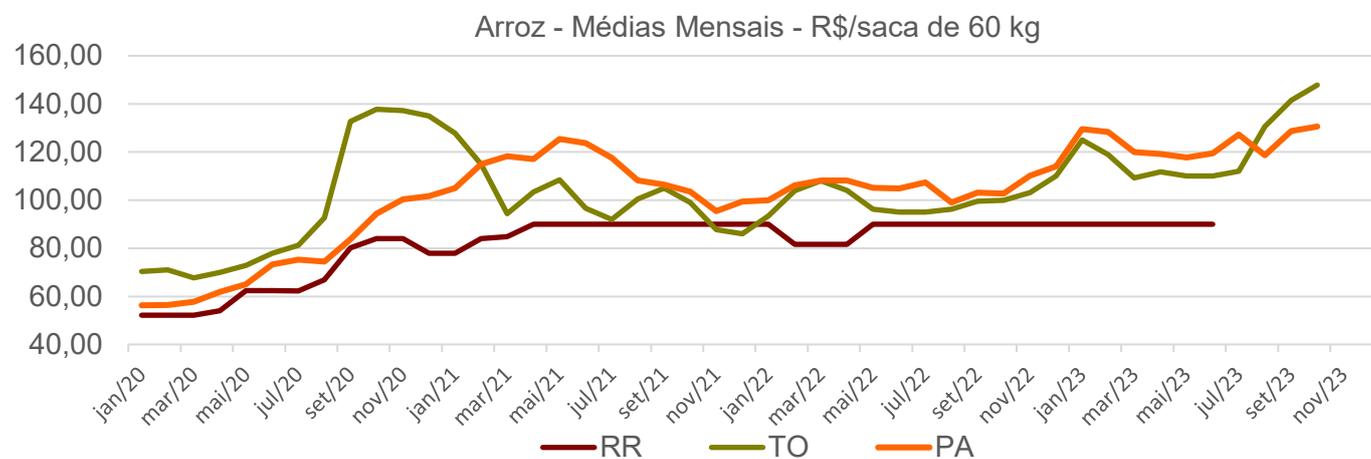
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO ARROZ

De maneira geral, nota-se aumento substancial nos preços do arroz no segundo semestre de 2020, primeiro ano da pandemia de covid-19. Em alguns estados, o aumento foi mais intenso que em outros. Também é possível perceber uma leve arrefecida nos preços ao longo de 2021, às vezes estendendo-se para 2022, mas, em todo o país, ocorreu retomada nos preços e, em 2023, tanto o preço recebido pelos produtores quanto o preço pago no varejo pelo consumidor final, atualmente, o preço do arroz está semelhante aos preços no pico da pandemia.

Em Porto Velho e Cuiabá a curva de preços no varejo desponta abaixo da média dos demais estados, enquanto que os preços recebidos pelo produtor no Paraná apresentam as maiores médias no período analisado.

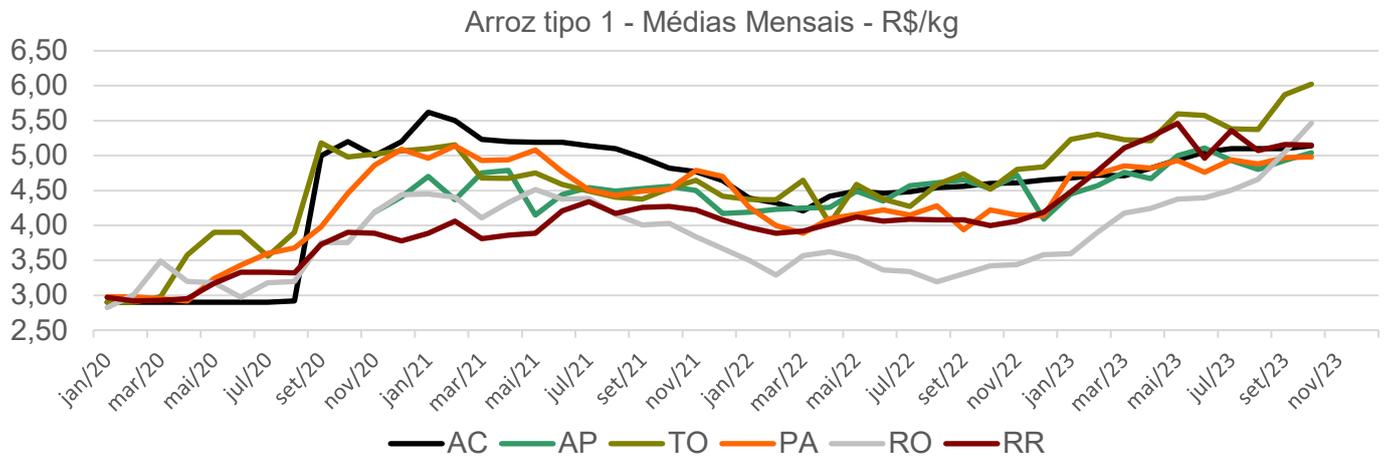
Salvo algumas exceções, conforme disposto nas Tabelas 1 a 10, a variação dos preços do arroz no varejo ficou abaixo do IPCA (grupo de alimentos e bebidas) nos anos de 2021 e 2022, e acima do IPCA em 2020 e 2023.

GRÁFICO 3 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO NORTE



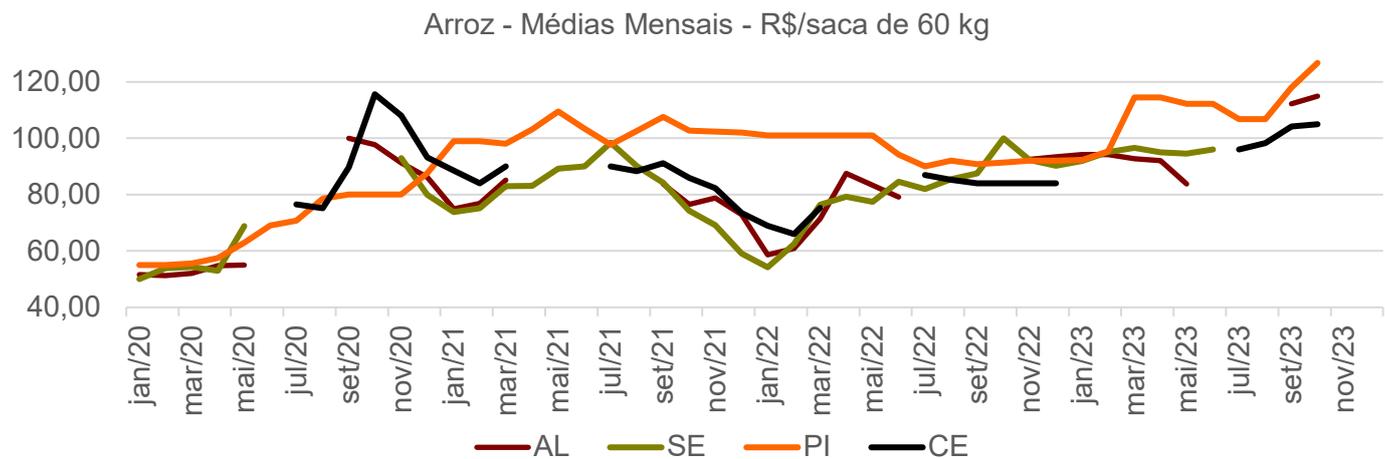
Fonte: Conab.

GRÁFICO 4 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO NORTE



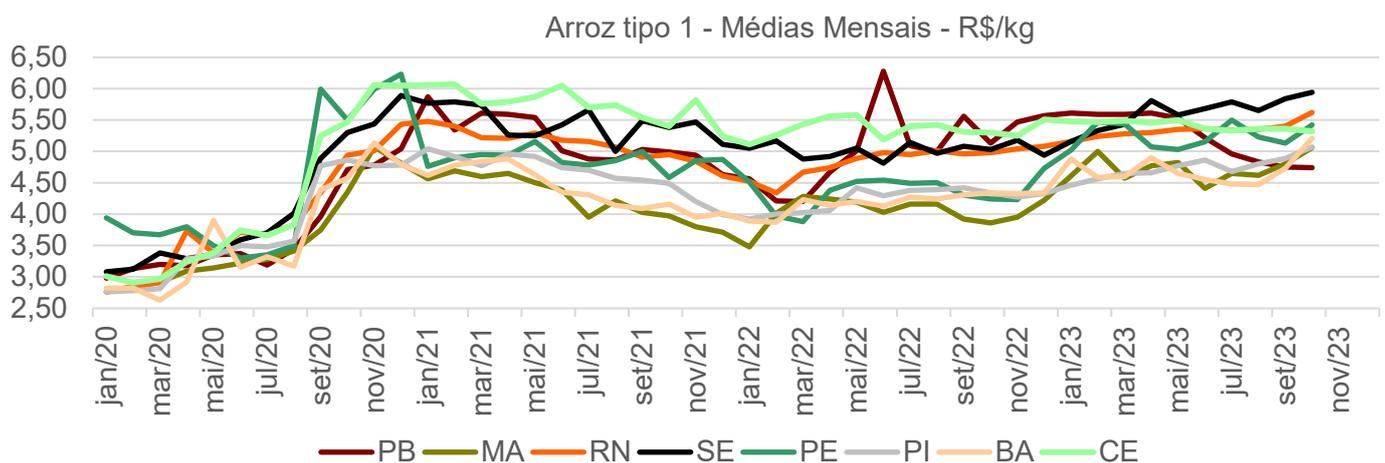
Fonte: Conab.

GRÁFICO 5 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO NORDESTE



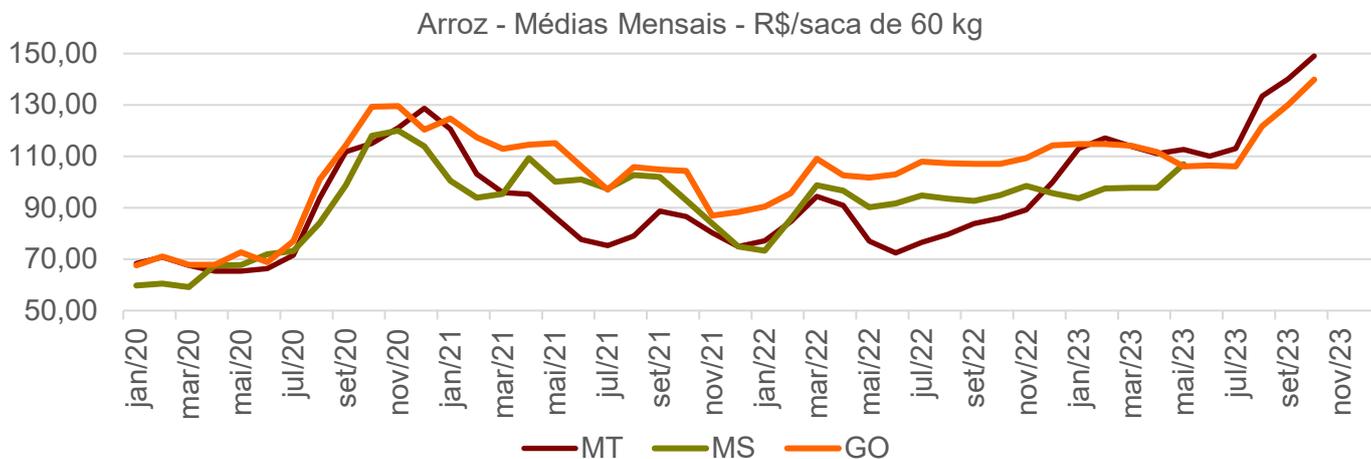
Fonte: Conab.

GRÁFICO 6 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO NORDESTE



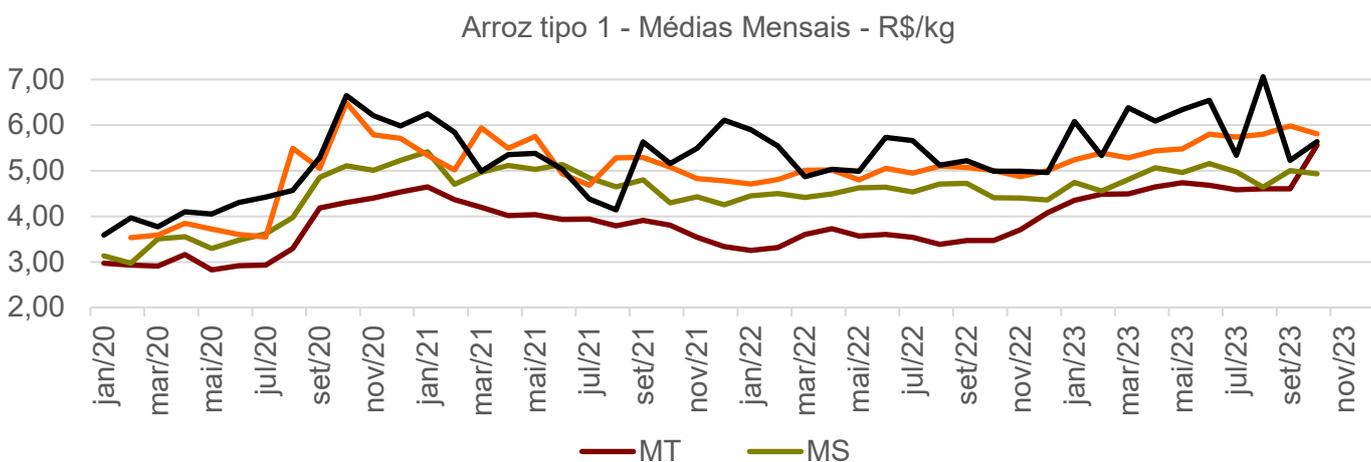
Fonte: Conab.

GRÁFICO 7 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO CENTRO-OESTE



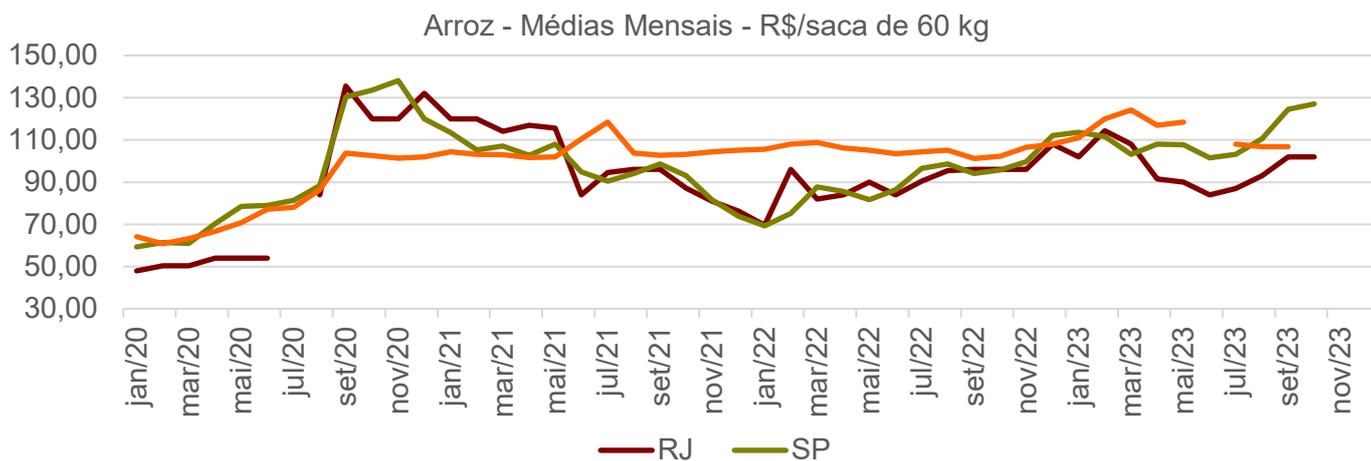
Fonte: Conab.

GRÁFICO 8 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO CENTRO-OESTE



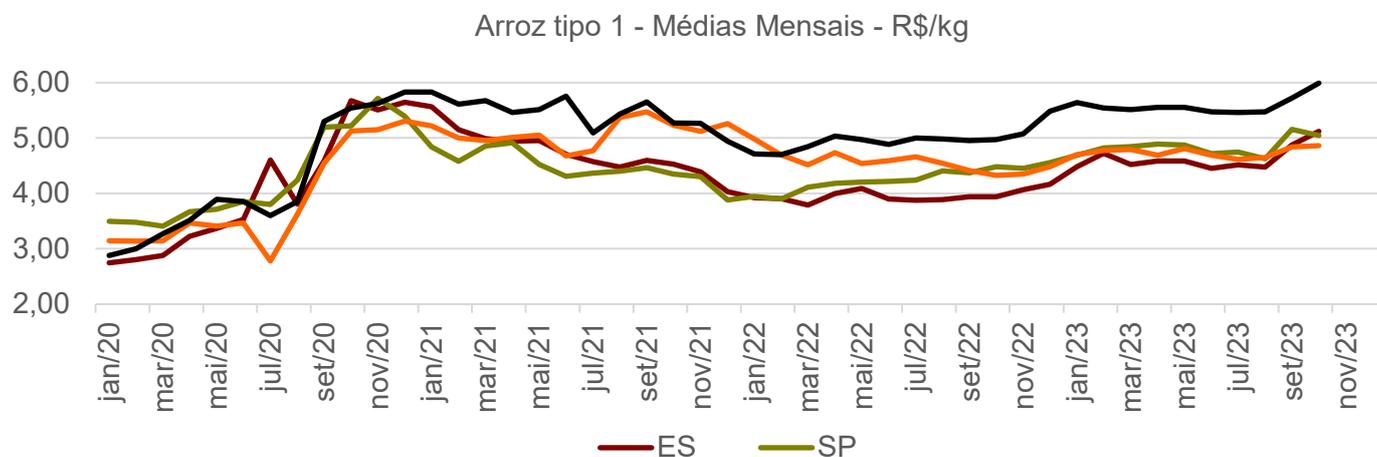
Fonte: Conab.

GRÁFICO 9 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO SUDESTE



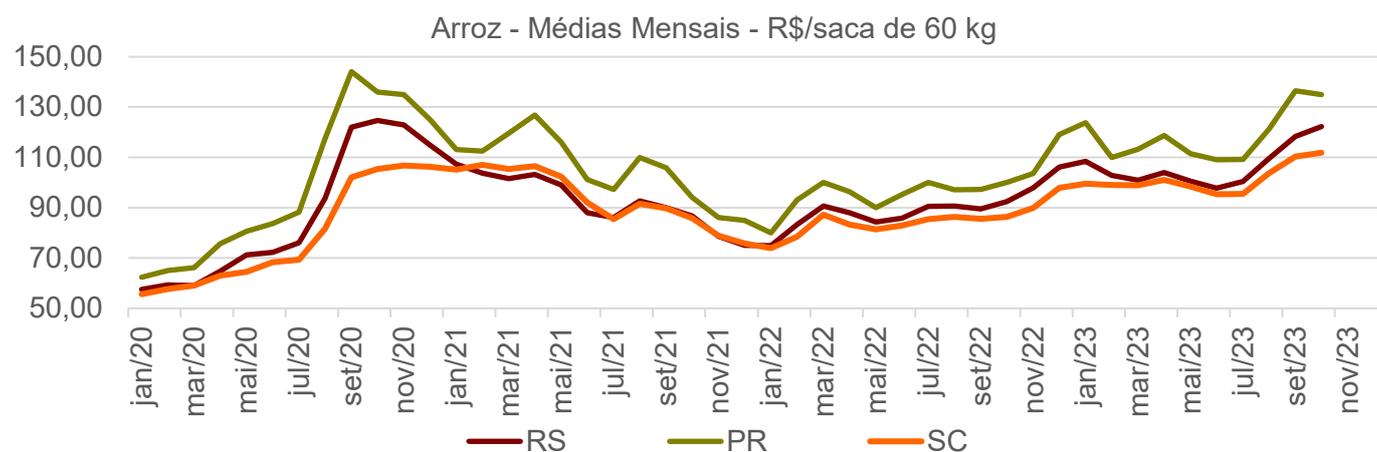
Fonte: Conab.

GRÁFICO 10 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO SUDESTE



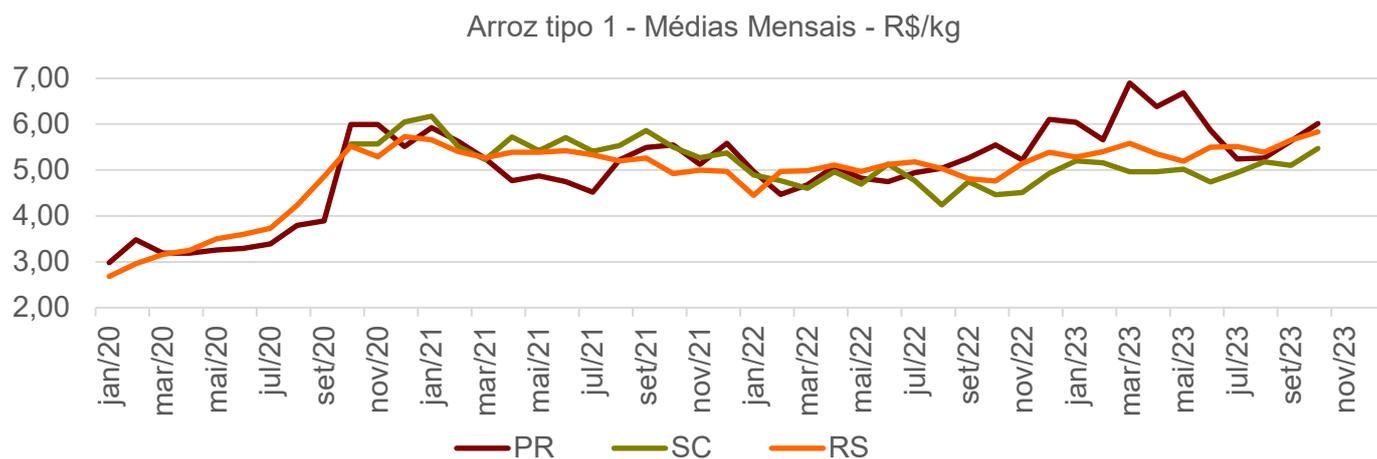
Fonte: Conab.

GRÁFICO 11 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO SUL



Fonte: Conab.

GRÁFICO 12 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO SUL



Fonte: Conab.

TABELA 18 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DO ARROZ - VAREJO - CAPITALS DA REGIÃO NORTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
AC	5,20	2,90	79,31	5,20	5,14	1,17	5,14	2,90	77,24
PA	5,09	2,98	70,81	5,09	4,98	2,21	4,98	2,98	67,11
RO	4,44	2,83	57,18	4,44	5,47	-18,73	5,47	2,83	93,42
RR	3,90	2,97	31,31	3,90	5,15	-24,27	5,15	2,97	73,40
TO	5,18	2,90	78,62	5,18	6,02	-13,98	6,02	2,90	107,66
AP	4,41	4,19	5,25	4,41	5,04	-12,50	5,04	4,19	20,29

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020 - no Amapá foi em novembro

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 19 - VARIAÇÕES ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO ARROZ E IPCA ACUMULADO - REGIÃO NORTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
AC	-	79,3%	15,73%	-	-17,4%	11,09%	-	5,9%	10,38%	-	9,8%	-1,03%
PA	80,6%	70,8%	15,77%	-5,3%	-5,2%	3,87%	14,0%	-2,8%	11,05%	4,8%	5,1%	-1,25%
RO ⁴	-	57,2%	14,09%	-	-17,6%	7,94%	-	2,3%	11,64%	-	52,0%	-0,70%
RR ⁴	49,4%	27,3%	14,09%	15,4%	4,9%	7,94%	0,0%	5,5%	11,64%	0,0%	15,0%	-0,70%
TO ⁴	91,7%	74,7%	14,09%	-32,7%	-13,4%	7,94%	17,6%	10,6%	11,64%	34,4%	15,1%	-0,70%
AP ⁴	-	5,3%	14,09%	-	-11,3%	7,94%	-	-2,4%	11,64%	-	13,3%	-0,70%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 20 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DO ARROZ - VAREJO - CAPITALS DA REGIÃO NORDESTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
PB	5,04	2,98	69,13	5,04	4,74	6,33	4,74	2,98	59,06
BA	5,13	2,82	81,91	5,13	5,21	-1,54	5,21	2,82	84,75
CE	6,06	3,01	101,33	6,06	5,32	13,91	5,32	3,01	76,74
MA	5,07	2,76	83,70	5,07	5,06	0,20	5,06	2,76	83,33

Continua

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
PE	6,23	3,94	58,12	6,23	5,42	14,94	5,42	3,94	37,56
PI	4,86	2,76	76,09	4,86	5,07	-4,14	5,07	2,76	83,70
RN	5,43	2,76	96,74	5,43	5,62	-3,38	5,62	2,76	103,62
SE	5,89	3,08	91,23	5,89	5,94	-0,84	5,94	3,08	92,86

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 21 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO ARROZ E IPCA ACUMULADO - REGIÃO NORDESTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
PB ⁴	-	69,1%	14,09%	-	-21,1%	7,94%	-	22,1%	11,64%	-	-15,5%	-0,70%
BA	-	69,9%	14,04%	-	-13,2%	10,11%	-	11,6%	11,87%	-	6,8%	-1,37%
CE	53,3%	101,0%	16,14%	-17,0%	-13,5%	9,47%	21,7%	7,8%	9,76%	25,0%	-2,9%	-0,26%
MA	-	74,3%	18,77%	-	-18,6%	8,52%	-	21,3%	11,44%	-	9,8%	-2,88%
PE	59,4%	58,1%	13,66%	3,1%	2,3%	9,22%	-8,8%	4,9%	11,34%	37,6%	8,0%	-0,64%
PI ⁴	-	73,2%	14,09%	-	-20,8%	7,94%	-	10,5%	11,64%	-	13,7%	-0,70%
RN ⁴	-	96,7%	14,09%	-	-15,9%	7,94%	-	12,4%	11,64%	-	8,9%	-0,70%
SE	59,9%	91,2%	15,73%	-20,0%	-11,4%	8,62%	66,3%	-2,2%	10,63%	38,3%	15,1%	-1,58%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 22 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DO ARROZ - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO CENTRO-OESTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
DF	6,65	3,59	85,24	6,65	5,64	17,91	5,64	3,59	57,10
GO	6,49	3,53	83,85	6,49	5,81	11,70	5,81	3,53	64,59
MS	5,23	3,13	66,82	5,23	4,94	5,92	4,94	3,13	57,50
MT	4,53	2,97	52,45	4,53	5,57	-18,54	5,57	2,97	87,16

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 23 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO ARROZ E IPCA ACUMULADO - REGIÃO CENTRO-OESTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
DF ⁵	-	66,6%	10,78%	-	-2,2%	8,81%	-	-15,9%	11,44%	-	-7,2%	0,36%
GO	78,2%	61,8%	15,39%	-29,1%	-10,5%	8,12%	26,4%	6,2%	12,47%	21,8%	10,9%	-2,12%
MS	90,5%	66,8%	16,72%	-25,4%	-21,5%	7,28%	30,5%	-2,0%	10,72%	-100,0%	4,1%	-2,79%
MT ⁴	88,2%	52,5%	14,09%	-37,9%	-28,1%	7,94%	29,6%	25,5%	11,64%	31,9%	28,0%	-0,70%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

(5) Não há série de preço pago ao produtor, para arroz, no DF

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 24 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DO ARROZ - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO SUDESTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
ES	5,67	2,75	106,56	5,67	5,12	10,74	5,12	2,75	86,52
MG	5,31	3,14	68,98	5,31	4,86	9,18	4,86	3,14	54,78
RJ	5,83	2,88	102,43	5,83	5,99	-2,67	5,99	2,88	107,99
SP	5,71	3,49	63,52	5,71	5,05	13,16	5,05	3,49	44,50

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 25 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO ARROZ E IPCA ACUMULADO - REGIÃO SUDESTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
ES ⁴	-	105,6%	18,35%	-	-27,5%	8,09%	-	6,1%	12,15%	-	14,3%	-1,59%
MG	58,9%	69,0%	16,32%	0,7%	0,8%	6,72%	2,3%	-10,1%	13,55%	-100,0%	3,4%	-2,15%
RJ	175,0%	102,4%	12,51%	-36,5%	-15,3%	8,05%	55,2%	16,3%	9,59%	0,0%	6,2%	-1,55%
SP	102,4%	54,3%	12,98%	-34,9%	-19,8%	8,05%	61,7%	15,5%	11,72%	11,8%	7,7%	0,83%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) Não há série de preço pago ao produtor, para arroz, no ES

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 26 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DO ARROZ - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO SUL

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
PR	5,99	2,98	101,01	5,99	6,01	-0,33	6,01	2,98	101,68
SC	6,05	5,57	8,62	6,05	5,47	10,60	5,47	5,57	-1,80
RS	5,73	2,68	113,81	5,73	5,83	-1,72	5,83	2,68	117,54

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 27 - VARIAÇÕES ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO ARROZ E IPCA ACUMULADO - REGIÃO SUL

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
PR	100,5%	84,9%	13,04%	-24,8%	-5,7%	8,95%	48,9%	22,7%	11,44%	9,1%	-0,5%	-0,82%
SC ⁴	90,8%	8,6%	14,09%	-27,9%	-13,0%	7,94%	32,3%	0,8%	11,64%	12,3%	5,2%	-0,70%
RS	99,5%	3,8%	14,38%	-30,1%	-12,2%	6,63%	41,8%	21,1%	12,61%	12,8%	10,4%	-1,36%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO FEIJÃO CORES

Diferente do arroz, os preços do feijão cores apresentaram variação bastante distinta entre as regiões e ao longo dos últimos quatro anos.

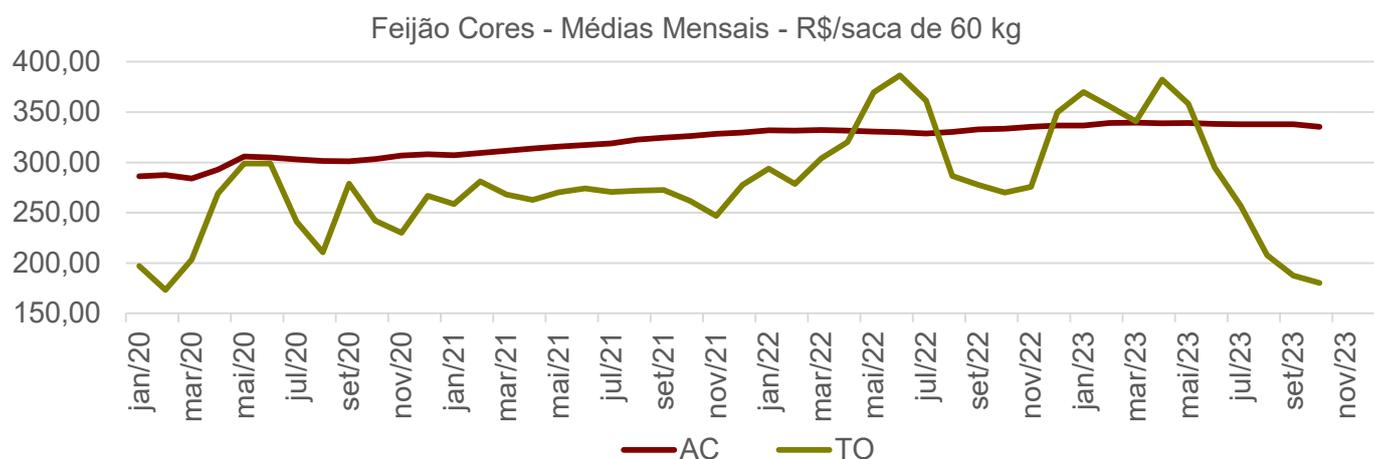
Vale ressaltar o fato de os preços mais atuais estarem muito semelhantes aos preços pré-pandemia, no início de 2020. As exceções são Acre, Rio

Grande do Norte e Roraima.

Os períodos de volatilidade nos preços recebidos pelo produtor ocorreram em 2020, 2022 e 2023. Em 2021 os preços foram relativamente mais estáveis.

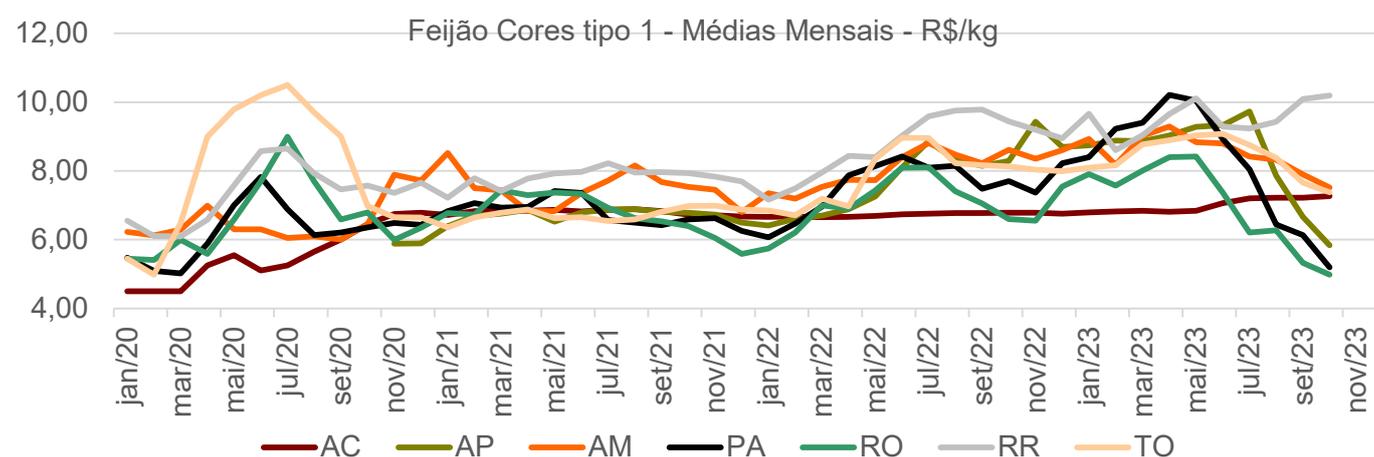
No varejo, a maior volatilidade ocorreu a partir de meados de 2022 até atualmente. Algumas exceções ocorreram em Tocantins, em 2020, no Maranhão, no primeiro semestre de 2021, e Minas Gerais, no segundo semestre de 2021. Os preços do feijão cores, no Rio Grande do Sul, destacam-se como as maiores médias do país, no varejo.

GRÁFICO 13 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO NORTE



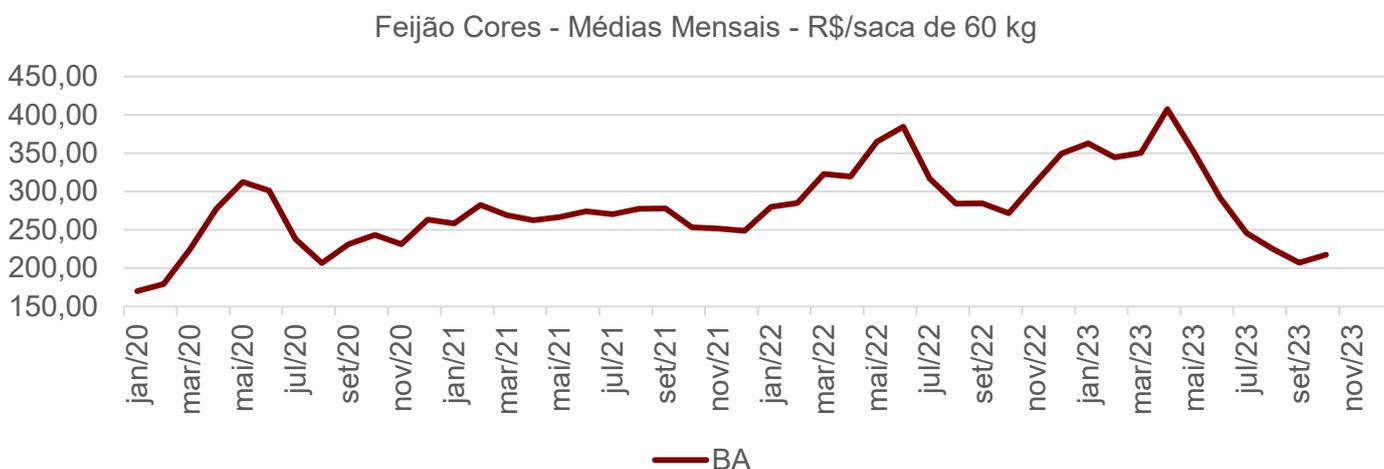
Fonte: Conab.

GRÁFICO 14 - PREÇO NO VAREJO - REGIÃO NORTE



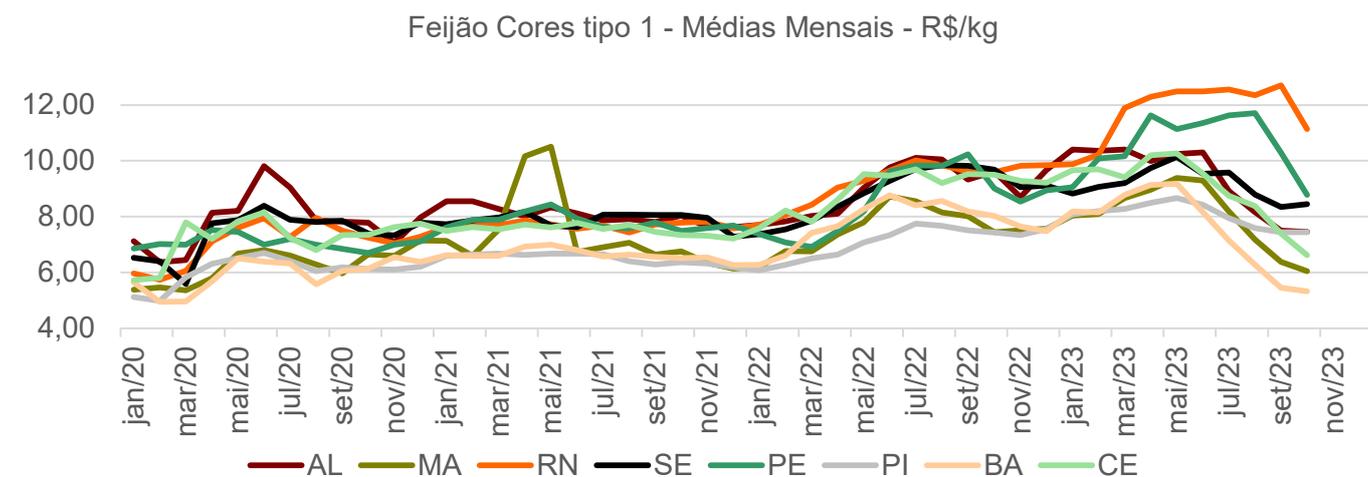
Fonte: Conab.

GRÁFICO 15 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO NORDESTE



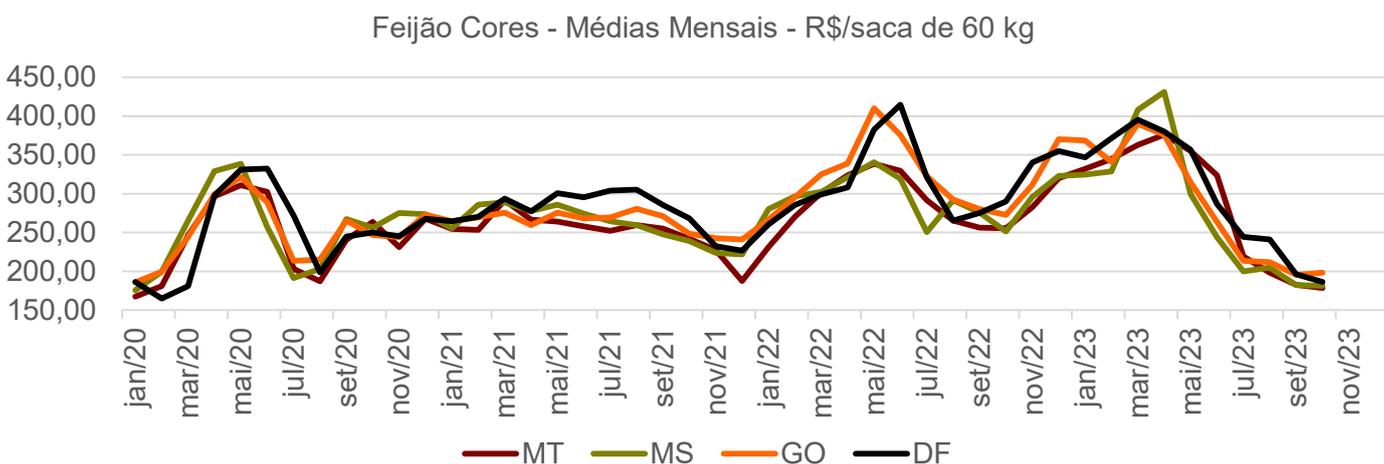
Fonte: Conab.

GRÁFICO 16 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO NORDESTE



Fonte: Conab.

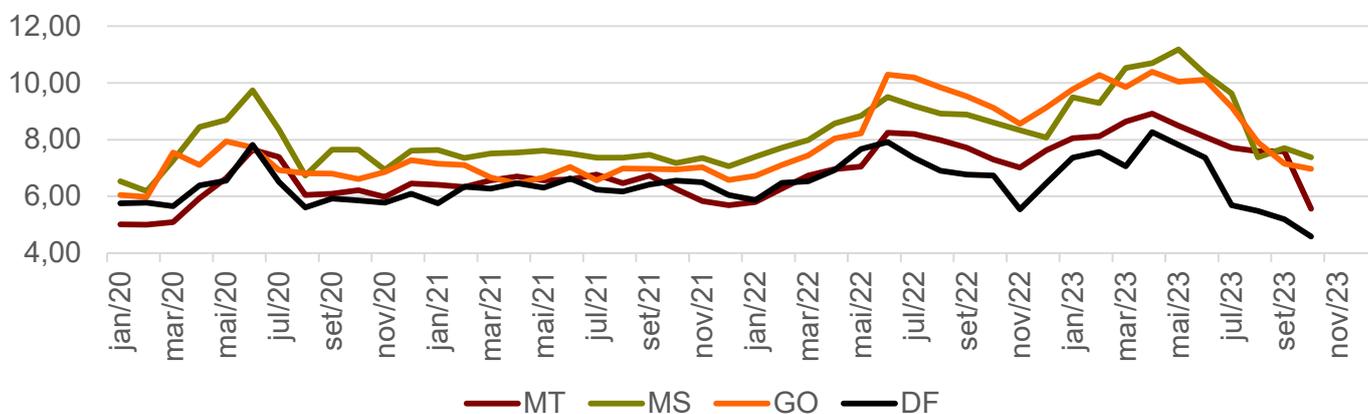
GRÁFICO 17 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO CENTRO-OESTE



Fonte: Conab.

GRÁFICO 18 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO CENTRO-OESTE

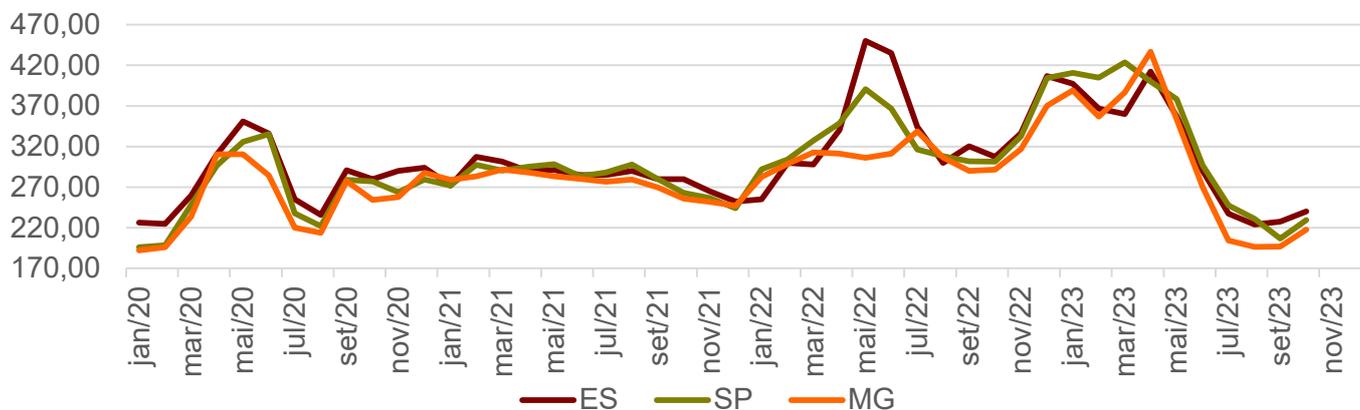
Feijão Cores tipo 1 - Médias Mensais - R\$/kg



Fonte: Conab.

GRÁFICO 19 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO SUDESTE

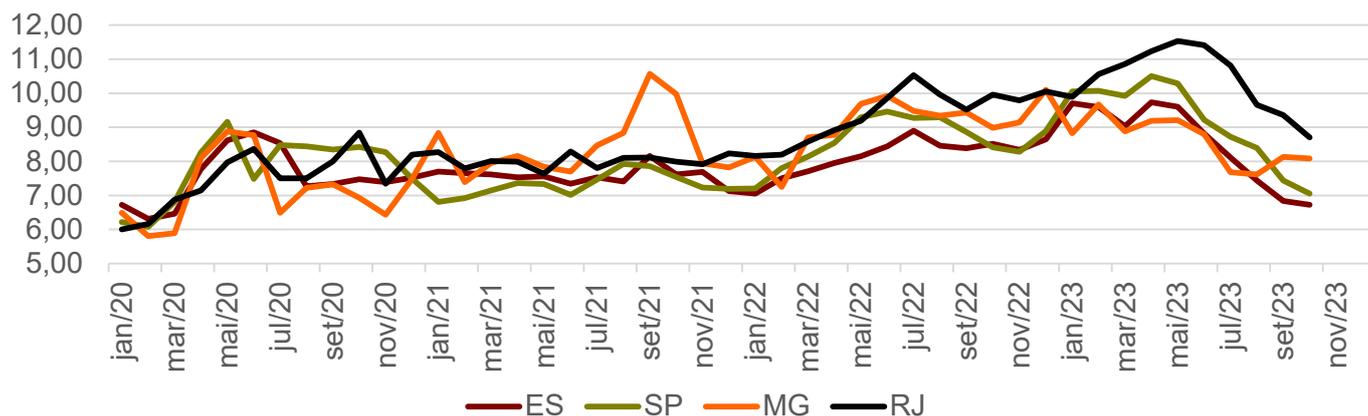
Feijão Cores - Médias Mensais - R\$/saca de 60 kg



Fonte: Conab.

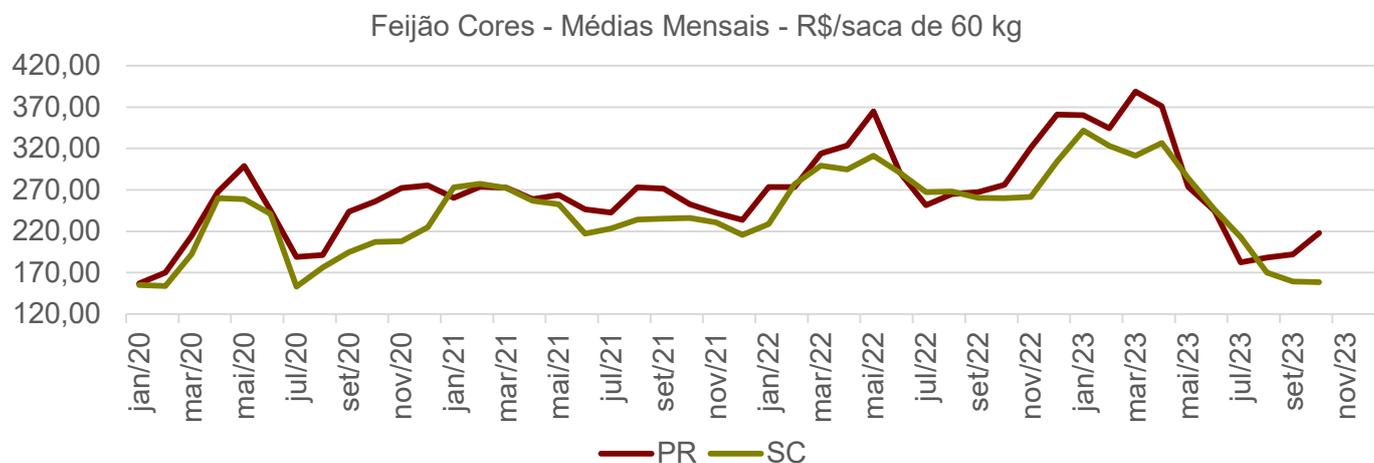
GRÁFICO 20 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO SUDESTE

Feijão Cores tipo 1 - Médias Mensais - R\$/kg



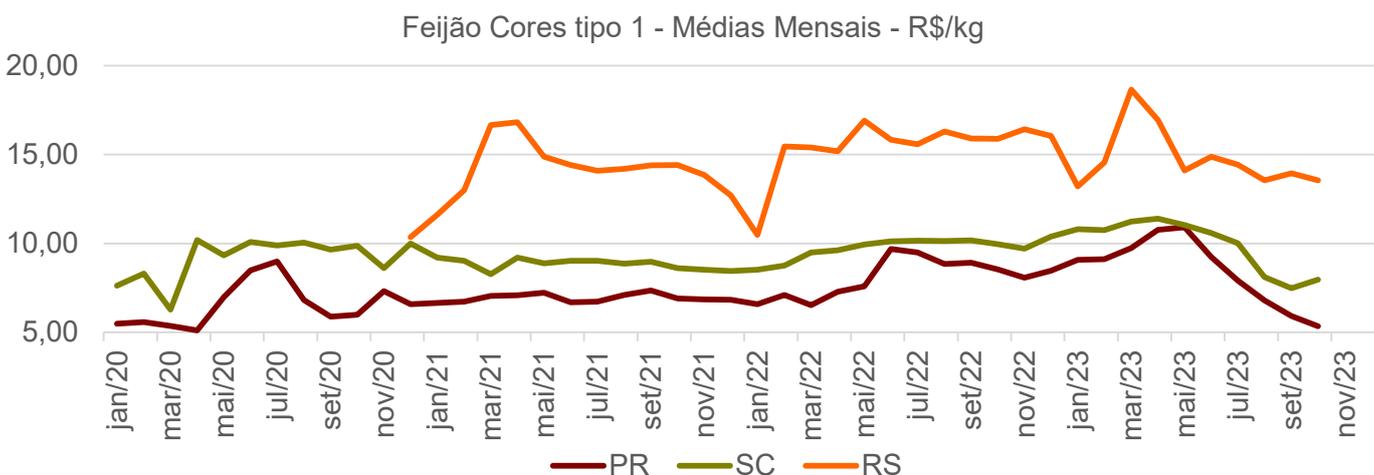
Fonte: Conab.

GRÁFICO 21 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO SUL



Fonte: Conab.

GRÁFICO 22 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO SUL



Fonte: Conab.

TABELA 28 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSAIS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO NORTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
AC	6,78	4,50	50,67	6,78	7,27	-6,74	7,27	4,50	61,56
PA	7,89	6,23	26,65	7,89	7,52	4,92	7,52	6,23	20,71
RO	7,82	5,47	42,96	7,82	5,20	50,38	5,20	5,47	-4,94
RR	8,99	5,45	64,95	8,99	4,98	80,52	4,98	5,45	-8,62
TO	8,65	6,55	32,06	8,65	10,19	-15,11	10,19	6,55	55,57
AP	10,50	5,45	92,66	10,50	7,38	42,28	7,38	5,45	35,41

AP	5,89	5,88	0,17	5,89	5,84	0,86	5,84	5,88	-0,68
----	------	------	------	------	------	------	------	------	-------

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020 - no Amapá foi em novembro

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 29 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES E IPCA ACUMULADO - REGIÃO NORTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
AC	7,7%	50,7%	15,73%	7,3%	-0,7%	11,09%	1,5%	1,5%	10,38%	-0,4%	7,1%	-1,03%
AM ⁴	-	23,9%	14,09%	-	-20,2%	7,94%	-	17,0%	11,64%	-	-15,8%	-0,70%
PA	-	17,6%	15,77%	-	-8,5%	3,87%	-	35,4%	11,05%	-	-38,1%	-1,25%
RO ⁴	-	16,5%	14,09%	-	-17,4%	7,94%	-	31,5%	11,64%	-	-37,0%	-0,70%
RR ⁴	-	16,9%	14,09%	-	6,5%	7,94%	-	25,0%	11,64%	-	5,5%	-0,70%
TO ⁴	35,3%	21,8%	14,09%	7,3%	8,2%	7,94%	19,0%	16,6%	11,64%	-48,4%	-8,8%	-0,70%
AP ⁴	-	0,2%	14,09%	-	1,7%	7,94%	-	35,7%	11,64%	-	-33,2%	-0,70%

Nota: Devido a frequentes períodos de entressafra nos demais estados da região, foram calculadas as variações anuais apenas para AC e TO

(1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 30 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSAIS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES - VAREJO - CAPITALS DA REGIÃO NORDESTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
AL	9,81	7,12	37,78	9,81	7,45	31,68	7,45	7,12	4,63
BA	6,55	5,64	16,13	6,55	5,32	23,12	5,32	5,64	-5,67
CE	8,15	5,72	42,48	8,15	6,62	23,11	6,62	5,72	15,73
MA	7,14	5,38	32,71	7,14	6,05	18,02	6,05	5,38	12,45
PE	7,52	6,86	9,62	7,52	8,78	-14,35	8,78	6,86	27,99
PI	6,70	5,12	30,86	6,70	7,44	-9,95	7,44	5,12	45,31
RN	7,96	5,97	33,33	7,96	11,14	-28,55	11,14	5,97	86,60
SE	8,39	6,52	28,68	8,39	8,45	-0,71	8,45	6,52	29,60

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 31 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO ARROZ E IPCA ACUMULADO - REGIÃO NORDESTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
AL ⁴	-	11,9%	14,09%	-	-10,9%	7,94%	-	25,6%	11,64%	-	-28,4%	-0,70%
BA	54,7%	13,1%	14,04%	-3,8%	-5,4%	10,11%	24,8%	19,1%	11,87%	-37,7%	-35,0%	-1,37%
CE	-	35,5%	16,14%	-	-3,7%	9,47%	-	21,5%	9,76%	-	-31,5%	-0,26%
MA	-	32,7%	18,77%	-	-13,9%	8,52%	-	22,3%	11,44%	-	-24,8%	-2,88%
PE	-	3,6%	13,66%	-	0,9%	9,22%	-	21,3%	11,34%	-	-3,0%	-0,64%
PI ⁴	-	21,3%	14,09%	-	-6,4%	7,94%	-	24,3%	11,64%	-	-7,9%	-0,70%
RN ⁴	-	21,9%	14,09%	-	-0,7%	7,94%	-	27,6%	11,64%	-	12,8%	-0,70%
SE	-	19,3%	15,73%	-	-5,8%	8,62%	-	23,6%	10,63%	-	-4,3%	-1,58%

Nota: Devido a frequentes períodos de entressafra nos demais estados da região, foram calculadas as variações anuais apenas para BA.

(1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 32 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSAIS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO CENTRO-OESTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
DF	7,82	5,76	35,76	7,82	4,59	70,37	4,59	5,76	-20,31
GO	7,94	6,05	31,24	7,94	6,97	13,92	6,97	6,05	15,21
MS	9,74	6,53	49,16	9,74	7,38	31,98	7,38	6,53	13,02
MT	7,65	5,01	52,69	7,65	5,56	37,59	5,56	5,01	10,98

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 33 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES E IPCA ACUMULADO - REGIÃO CENTRO-OESTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
DF ⁵	43,9%	5,7%	10,78%	-14,3%	5,0%	8,81%	36,4%	10,2%	11,44%	-46,3%	-37,7%	0,36%
GO	47,1%	20,3%	15,39%	-8,9%	-8,0%	8,12%	39,0%	35,9%	12,47%	-46,2%	-28,7%	-2,12%
MS	55,9%	16,5%	16,72%	-13,2%	-7,6%	7,28%	15,4%	9,2%	10,72%	-44,2%	-22,2%	-2,79%
MT ⁴	59,9%	28,7%	14,09%	-26,3%	-11,2%	7,94%	38,6%	31,6%	11,64%	-46,2%	-30,9%	-0,70%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 34 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO SUDESTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
ES	8,85	6,72	31,70	8,85	6,72	31,70	6,72	6,72	0,00
MG	8,88	6,49	36,83	8,88	8,08	9,90	8,08	6,49	24,50
RJ	8,84	6,00	47,33	8,84	8,70	1,61	8,70	6,00	45,00
SP	9,16	6,22	47,27	9,16	7,05	29,93	7,05	6,22	13,34

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 35 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES E IPCA ACUMULADO - REGIÃO SUDESTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
ES	29,9%	11,9%	18,35%	-7,3%	-7,4%	8,09%	59,5%	22,7%	12,15%	-39,6%	-30,8%	-1,59%
MG	49,6%	15,3%	16,32%	-11,4%	-11,4%	6,72%	31,1%	24,2%	13,55%	-44,0%	-8,4%	-2,15%
RJ ⁴	-	36,7%	12,51%	-	-0,5%	8,05%	-	23,2%	9,59%	-	-12,0%	-1,55%
SP	42,6%	20,4%	12,98%	-10,4%	5,6%	8,05%	38,5%	23,5%	11,72%	-44,1%	-29,9%	0,83%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) Não há série de preço pago ao produtor, para feijão cores, no RJ

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 36 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSAS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES - VAREJO - CAPITALS DA REGIÃO SUL

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
PR	8,99	5,49	63,75	8,99	5,34	68,35	5,34	5,49	-2,73
SC	10,20	7,63	33,68	10,20	7,96	28,14	7,96	7,63	4,33
RS	10,35	10,35	0,00	10,35	13,55	-23,62	13,55	10,35	30,92

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada

Fonte: Conab.

TABELA 37 - VARIAÇÕES ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES E IPCA ACUMULADO - REGIÃO SUL

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
PR	75,7%	19,9%	13,04%	-10,2%	2,7%	8,95%	32,0%	28,5%	11,44%	-39,5%	-41,2%	-0,82%
SC ⁴	44,8%	30,9%	14,09%	-21,1%	-8,1%	7,94%	32,9%	22,1%	11,64%	-53,6%	-26,3%	-0,70%
RS ⁵	-	-	14,38%	-	9,3%	6,63%	-	53,0%	12,61%	-	2,6%	-1,36%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

(5) Não há série de preço pago ao produtor, para feijão cores, no RS

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DA RAIZ DE MANDIOCA E FARINHA

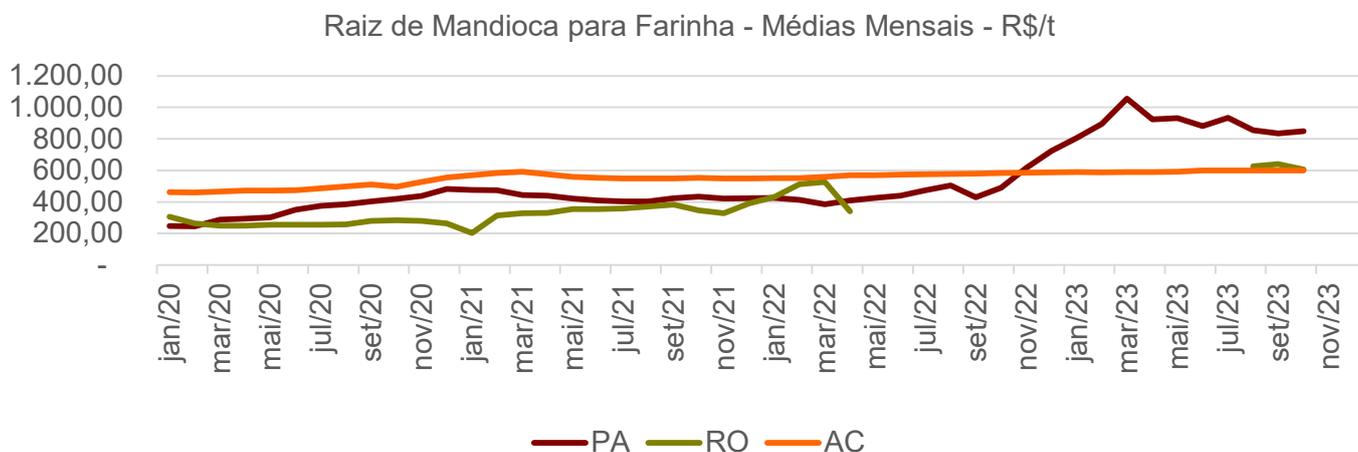
Os preços da raiz de mandioca, para farinha, evoluíram de maneira semelhante na maioria dos estados produtores. Com exceção do Acre e do Maranhão, que apresentaram comportamento de preços bastante distinto, nos demais estados, o preço subiu aos poucos nos últimos quatro anos e, com maior intensidade, a partir de meados de 2022.

O preço da farinha seca no varejo, na região norte, elevou mais significativamente a partir de meados de 2022. Exceção do Acre, onde os

preços estão relativamente estáveis. Nas demais regiões do país, o preço apresenta elevação todos os anos.

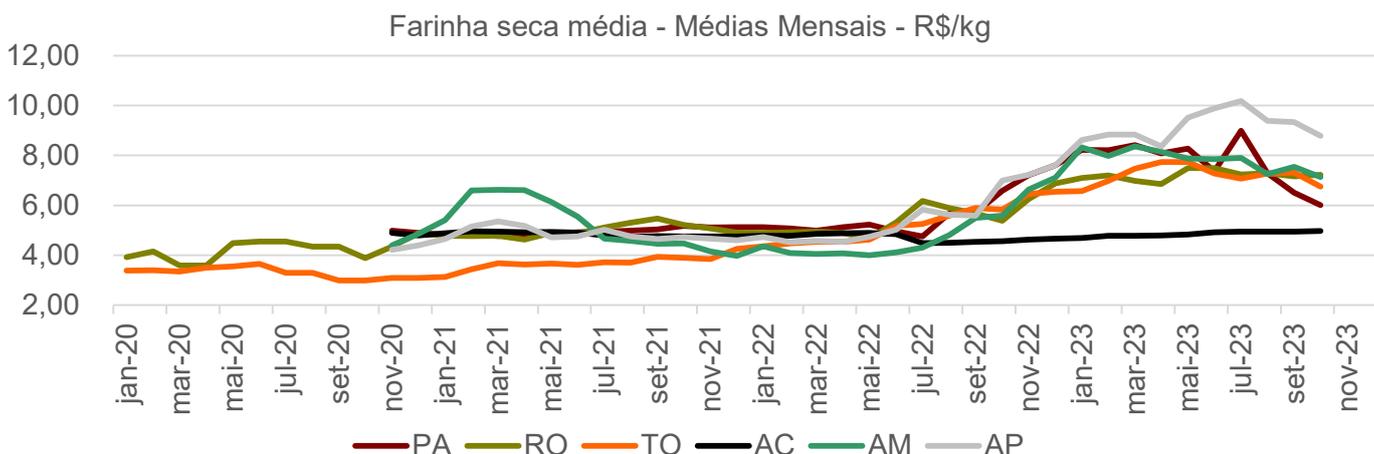
Em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Amapá, observa-se os maiores preços no quilo da farinha no varejo.

GRÁFICO 23 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO NORTE



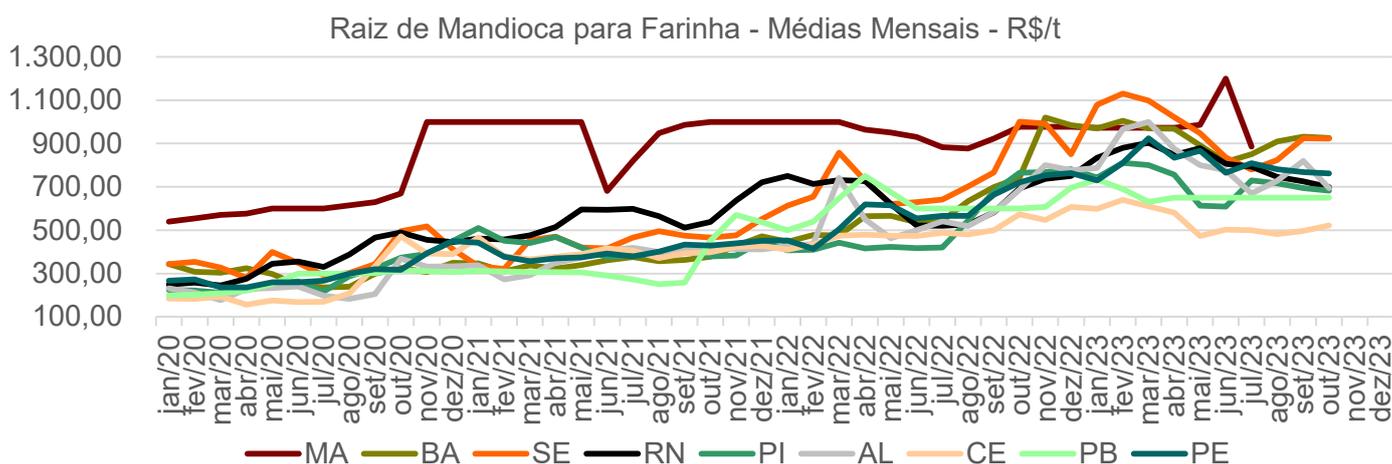
Fonte: Conab.

GRÁFICO 24 - PREÇO NO VAREJO - REGIÃO NORTE



Fonte: Conab.

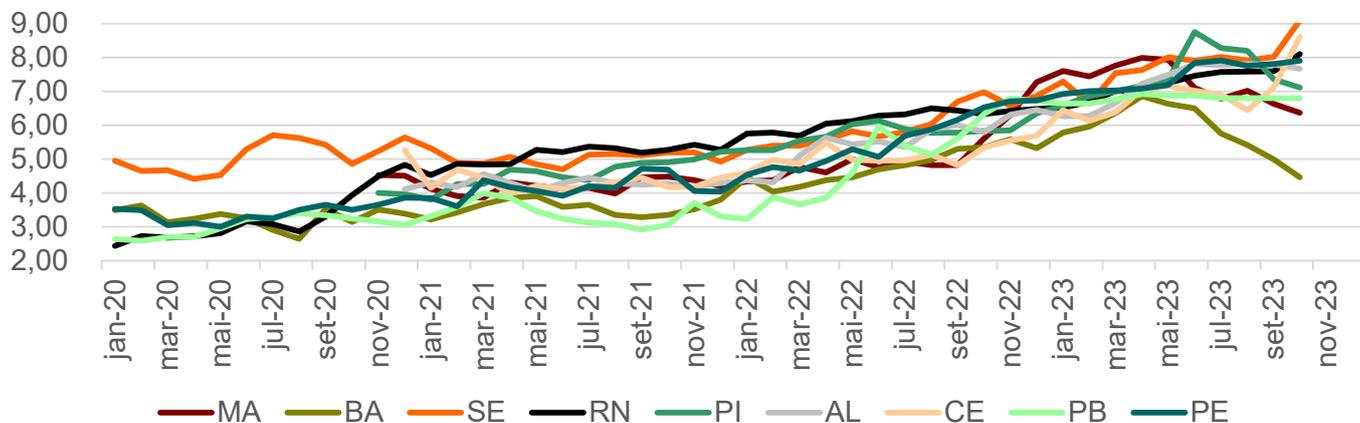
GRÁFICO 25 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO NORDESTE



Fonte: Conab.

GRÁFICO 26 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO NORDESTE

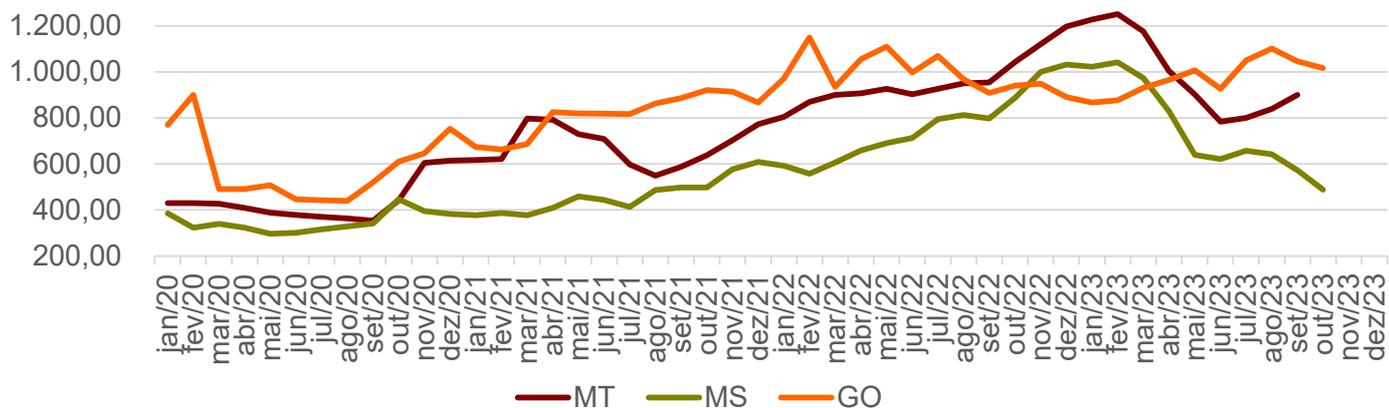
Farinha seca média - Médias Mensais - R\$/kg



Fonte: Conab.

GRÁFICO 27 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO CENTRO-OESTE

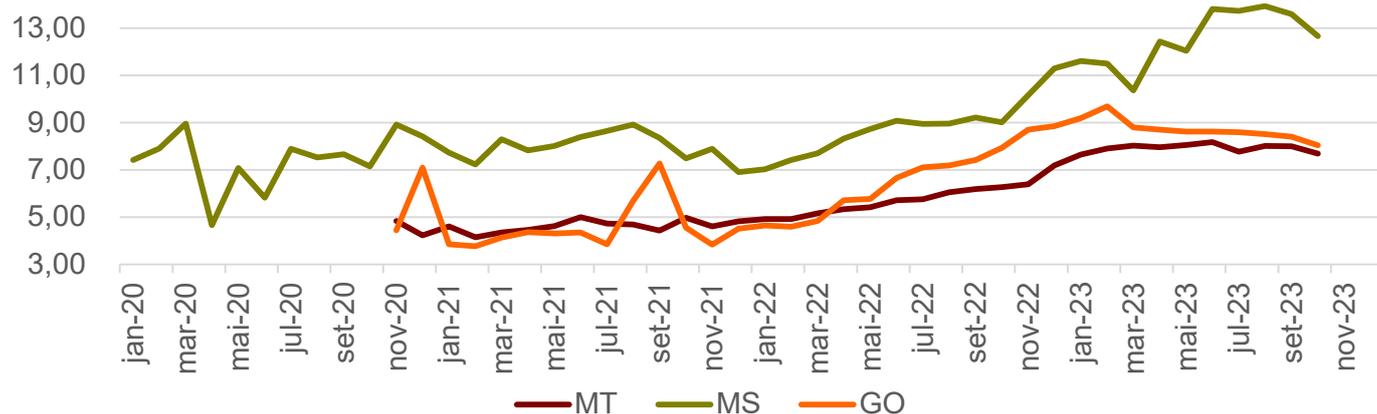
Raiz de Mandioca para Farinha - Médias Mensais - R\$/t



Fonte: Conab.

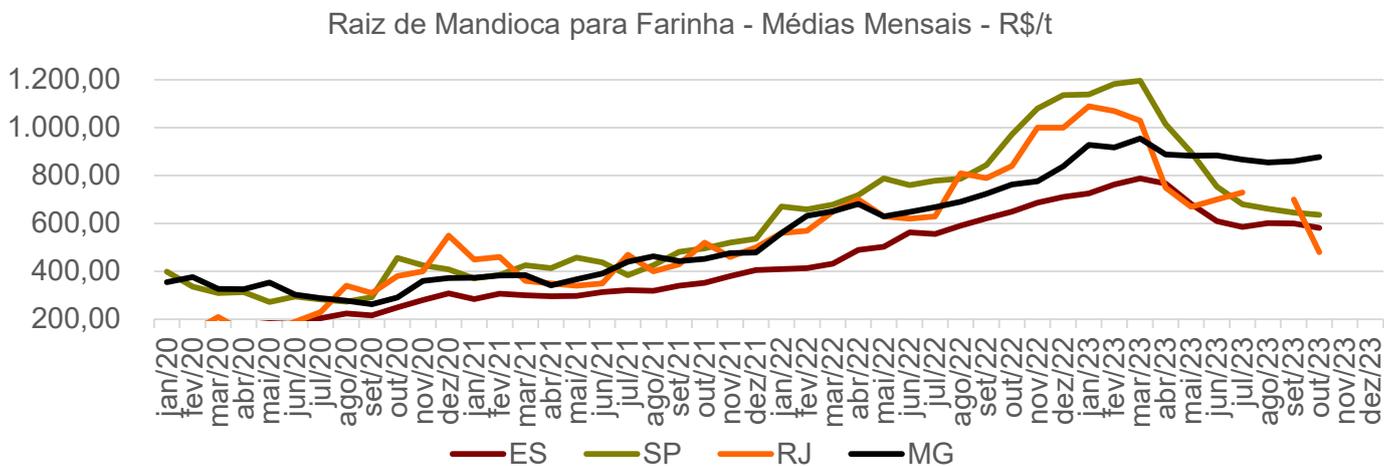
GRÁFICO 28 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO CENTRO-OESTE

Farinha seca média - Médias Mensais - R\$/kg



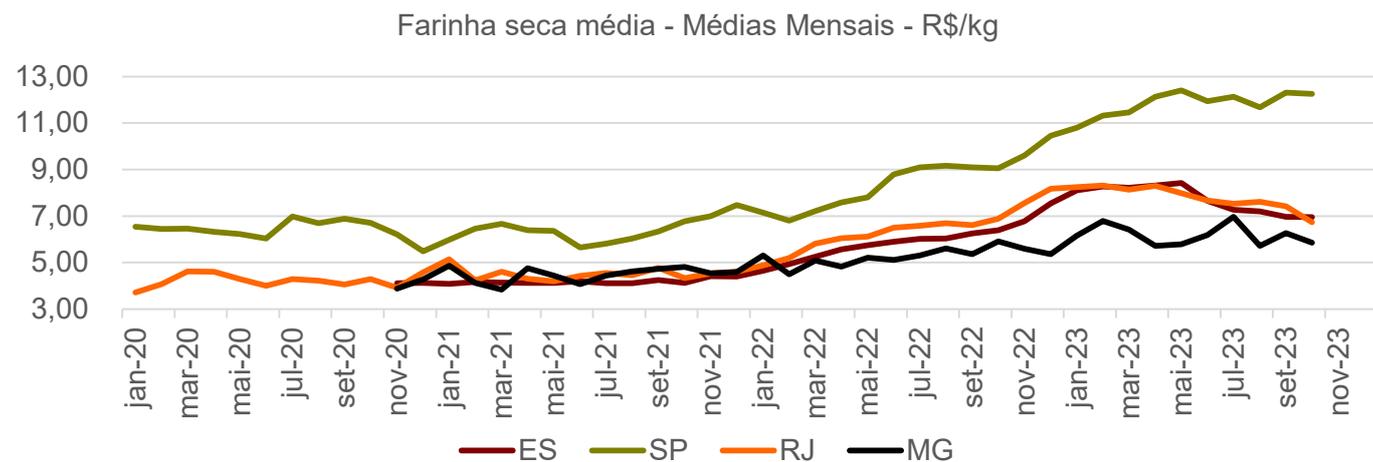
Fonte: Conab.

GRÁFICO 29 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO SUDESTE



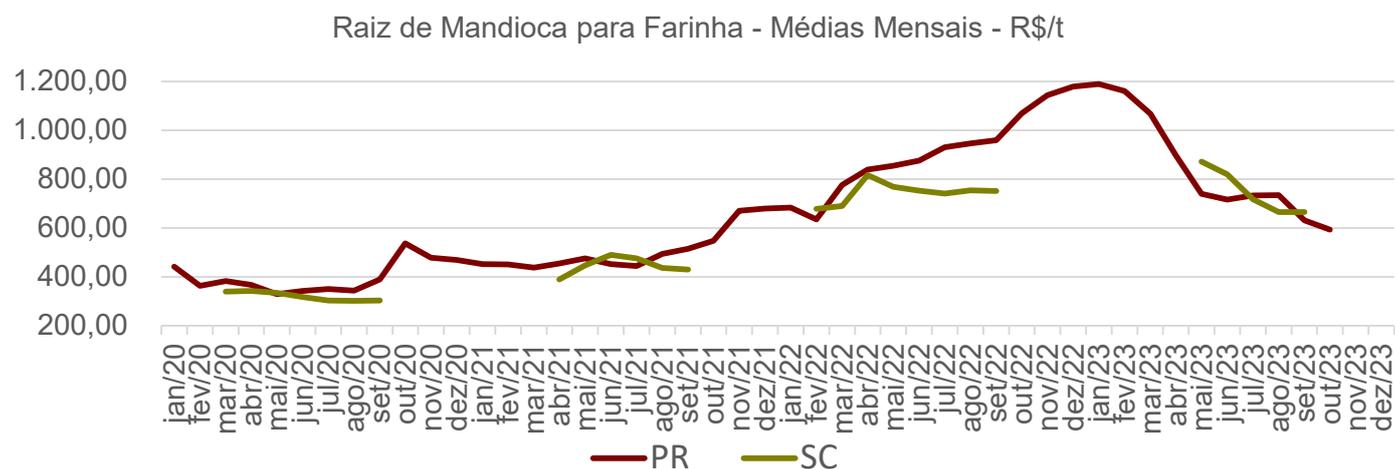
Fonte: Conab.

GRÁFICO 30 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO SUDESTE



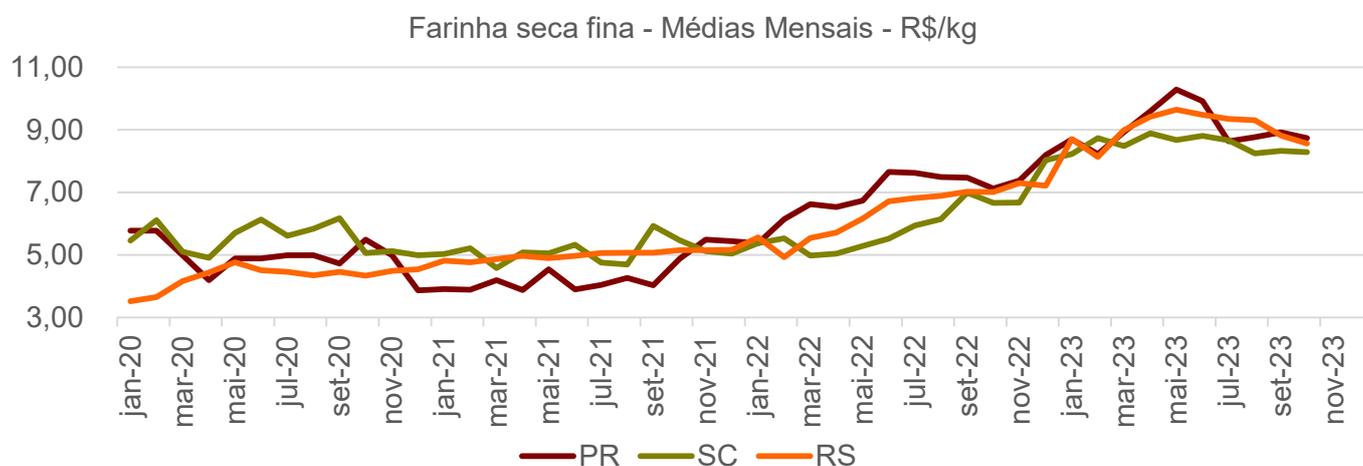
Fonte: Conab.

GRÁFICO 31 – PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR - REGIÃO SUL



Fonte: Conab.

GRÁFICO 32 – PREÇOS NO VAREJO - REGIÃO SUL



Fonte: Conab.

TABELA 38 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSAIS DE PREÇOS DA FARINHA DE MANDIOCA - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO NORTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
RO	4,88	3,92	24,49	4,88	7,22	-32,41	7,22	3,92	84,18
TO	3,65	3,39	7,67	3,65	6,75	-45,93	6,75	3,39	99,12
AC ⁸	4,90	4,90	0,00	4,90	4,97	-1,41	4,97	4,90	1,43
AM ⁸	4,86	4,40	10,45	4,86	7,13	-31,84	7,13	4,40	62,05
AP ⁸	4,39	4,22	4,03	4,39	8,78	-50,00	8,78	4,22	108,06
PA ⁸	4,98	4,98	0,00	4,98	6,01	-17,14	6,01	4,98	20,68

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020 - no Amapá foi em novembro

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada - agosto de 2023

(4) A variação anual em 2020 é somente entre novembro e dezembro pois a série de preços iniciou em novembro de 2020

Fonte: Conab.

TABELA 39 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DA FARINHA DE MANDIOCA E IPCA ACUMULADO - REGIÃO NORTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
RO ⁴	-14,0%	24,5%	14,09%	92,6%	2,7%	7,94%	-21,0%	40,4%	11,64%	34,6%	1,7%	-0,70%
TO ⁴	-	-8,8%	14,09%	-	35,8%	7,94%	-	50,2%	11,64%	-	2,7%	-0,70%

Continua

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
AC ⁵	19,9%	-2,2%	15,73%	-3,2%	-2,7%	11,09%	3,4%	-2,5%	10,38%	0,1%	6,0%	-1,03%
AM ⁴⁵	-	10,5%	14,09%	-	-26,5%	7,94%	-	63,1%	11,64%	-	-14,3%	-0,70%
AP ⁴⁵	-	4,0%	14,09%	-	-1,1%	7,94%	-	60,9%	11,64%	-	1,9%	-0,70%
PA ⁵	95,3%	-1,6%	15,77%	-10,8%	6,2%	3,87%	70,0%	48,3%	11,05%	5,2%	-26,9%	-1,25%

Nota: Somente há série de preço ao produtor em AC, PA e RO

(1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

(5) A variação anual em 2020 é somente entre novembro e dezembro pois a série de preços iniciou em novembro de 2020

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 40 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DA FARINHA DE MANDIOCA - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO NORDESTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
AL ⁴	4,11	4,11	0,00	4,11	7,67	-46,41	7,67	4,11	86,62
BA	3,63	3,49	4,01	3,63	4,46	-18,61	4,46	3,49	27,79
CE ⁴	5,26	5,26	0,00	5,26	8,61	-38,91	8,61	5,26	63,69
MA ⁴	4,53	4,53	0,00	4,53	6,37	-28,89	6,37	4,53	40,62
PE	3,86	3,53	9,35	3,86	7,90	-51,14	7,90	3,53	123,80
PI ⁴	4,00	4,00	0,00	4,00	7,11	-43,74	7,11	4,00	77,75
RN	4,83	2,44	97,95	4,83	8,10	-40,37	8,10	2,44	231,97
SE	5,71	4,95	15,35	5,71	9,10	-37,25	9,10	4,95	83,84
PB	3,40	2,64	28,79	3,40	6,80	-50,00	6,80	2,64	157,58

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada - agosto de 2023

(4) Não houve variação anual em 2020 pois a série de preços iniciou em dezembro de 2020

Fonte: Conab.

TABELA 41 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DA FARINHA DE MANDIOCA E IPCA ACUMULADO - REGIÃO NORDESTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
AL ⁴⁵	44,0%	-	14,09%	21,8%	-0,5%	7,94%	82,2%	47,3%	11,64%	-11,9%	22,5%	-0,70%

Continua

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
BA	1,9%	-2,9%	14,04%	36,0%	18,0%	10,11%	120,1%	19,3%	11,87%	-4,5%	-22,8%	-1,37%
CE ⁵	110,3%	-	16,14%	-8,4%	7,2%	9,47%	48,0%	23,7%	9,76%	-12,8%	33,7%	-0,26%
MA ⁵	85,5%	-	18,77%	0,0%	1,9%	8,52%	-2,3%	67,5%	11,44%	-8,9%	-16,2%	-2,88%
PE	68,5%	9,3%	13,66%	2,1%	4,9%	9,22%	68,9%	48,2%	11,34%	4,5%	14,2%	-0,64%
PI ⁴⁵	100,8%	-	14,09%	-11,9%	37,4%	7,94%	91,6%	20,7%	11,64%	-8,1%	8,1%	-0,70%
RN ⁴	78,1%	98,0%	14,09%	55,9%	16,3%	7,94%	0,0%	12,7%	11,64%	-16,2%	24,2%	-0,70%
SE	20,2%	13,9%	15,73%	65,6%	-7,5%	8,62%	38,7%	30,4%	10,63%	-14,6%	24,8%	-1,58%
PB ⁴	53,8%	15,9%	14,09%	71,7%	0,0%	7,94%	39,3%	108,0%	11,64%	-11,5%	2,4%	-0,70%

Nota: Devido a frequentes períodos de entressafra nos demais estados da região, foram calculadas as variações anuais apenas para BA.

(1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

(5) Não houve variação anual em 2020 pois a série de preços iniciou em dezembro de 2020

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 42 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DA FARINHA DE MANDIOCA - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO CENTRO-OESTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
GO ⁴	7,09	4,44	59,68	7,09	8,04	-11,82	8,04	4,44	81,08
MT ⁴	4,83	4,83	0,00	4,83	7,68	-37,11	7,68	4,83	59,01
MS	8,96	8,41	6,54	8,96	12,66	-29,23	12,66	8,41	50,54

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada - agosto de 2023

(4) A variação anual em 2020 é somente entre novembro e dezembro pois a série de preços iniciou em novembro de 2020

Fonte: Conab.

TABELA 43 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DA FARINHA DE MANDIOCA E IPCA ACUMULADO - REGIÃO CENTRO-OESTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
GO	-2,2%	59,7%	15,39%	28,5%	17,1%	8,12%	-8,3%	90,5%	12,47%	17,3%	-12,4%	-2,12%
MT ⁴	42,8%	-12,6%	14,09%	25,2%	4,8%	7,94%	48,9%	46,2%	11,64%	-26,7%	0,4%	-0,70%

MS	-0,8%	13,3%	16,72%	61,3%	-10,6%	7,28%	74,6%	60,8%	10,72%	-52,3%	9,1%	-2,79%
----	-------	-------	--------	-------	--------	-------	-------	-------	--------	--------	------	--------

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 44 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DA FARINHA DE MANDIOCA - VAREJO - CAPITAIS DA REGIÃO SUDESTE

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
ES ⁴	4,12	4,11	0,24	4,12	6,96	-40,80	6,96	4,11	69,34
MG ⁴	4,28	3,88	10,31	4,28	5,86	-26,96	5,86	3,88	51,03
RJ	4,62	4,58	0,87	4,62	6,73	-31,35	6,73	4,58	46,94
SP	6,98	5,49	27,14	6,98	12,26	-43,07	12,26	5,49	123,32

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada - agosto de 2023

(4) A variação anual em 2020 é somente entre novembro e dezembro pois a série de preços iniciou em novembro de 2020

Fonte: Conab.

TABELA 45 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DA FARINHA DE MANDIOCA E IPCA ACUMULADO - REGIÃO SUDESTE

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
ES	84,3%	0,2%	18,35%	42,8%	7,6%	8,09%	73,4%	62,2%	12,15%	-19,8%	-14,2%	-1,59%
MG	4,8%	10,3%	16,32%	28,4%	-5,6%	6,72%	49,7%	1,1%	13,55%	-5,5%	-4,9%	-2,15%
RJ	205,6%	23,5%	12,51%	11,1%	-10,5%	8,05%	78,6%	67,4%	9,59%	-56,0%	-18,3%	-1,55%
SP	2,3%	-16,1%	12,98%	44,7%	24,9%	8,05%	69,2%	46,4%	11,72%	-44,1%	13,5%	0,83%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).

TABELA 46 - VARIAÇÕES DAS MÉDIAS MENSIS DE PREÇOS DO FEIJÃO CORES - VAREJO - CAPITALS DA REGIÃO SUL

	Maior preço de 2020 x Primeiro preço			Maior preço de 2020 x Preço mais recente			Preço mais recente x Primeiro preço		
	M.P. ¹	P.P. ²	%	M.P. ¹	P.R. ³	%	P.R. ³	P.P. ²	%
PR	5,78	5,78	0,00	5,78	8,74	-33,87	8,74	5,78	51,21
SC	6,18	5,46	13,19	6,18	8,29	-25,45	8,29	5,46	51,83
RS	4,77	3,52	35,51	4,77	8,56	-44,28	8,56	3,52	143,18

Nota: (1) Maior média mensal de preço observada em 2020 - primeiro ano da Pandemia de Covid-19

(2) Primeira média mensal de preço registrada em 2020

(3) Média mensal de preço mais recentemente registrada - agosto de 2023

Fonte: Conab.

TABELA 47 - VARIAÇÕES¹ ANUAIS DAS MÉDIAS DE PREÇOS DA FARINHA DE MANDIOCA E IPCA ACUMULADO - REGIÃO SUL

	2020			2021			2022			2023		
	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA	V. P. ²	V. V. ³	IPCA
PR	6,2%	-33,0%	13,04%	50,4%	39,1%	8,95%	72,5%	52,4%	11,44%	-50,1%	0,5%	-0,82%
SC ⁴	-11,3%	-8,6%	14,09%	10,4%	0,2%	7,94%	10,8%	49,3%	11,64%	-23,6%	0,7%	-0,70%
RS ⁵	-	29,0%	14,38%	-	7,1%	6,63%	-	29,9%	12,61%	-	-1,7%	-1,36%

Nota: (1) Variação entre a última média mensal de preço registrada no ano e a primeira média mensal de preço registrada no ano

(2) Variação das médias de preços recebidos pelos produtores (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(3) Variação das médias de preços coletadas no varejo (último preço do ano / primeiro preço do ano)

(4) IPCA Nacional pois não há cálculo de IPCA para esta UF

(5) não há série de preço de raiz de mandioca pra farinha no RS

Fonte: Conab e IBGE (IPCA do grupo Alimentos e Bebidas de cada capital).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

